



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO

**O MOSAICO SERTÃO VEREDAS-
PERUAÇU: A RESSIGNIFICAÇÃO DE
GRANDE SERTÃO: VEREDAS PELO
TURISMO LITERÁRIO**

ADRIANO TELES DE MENEZES

BRASÍLIA-DF
2016

ADRIANO TELES DE MENEZES

O Mosaico Sertão Veredas - Peruaçu: A Ressignificação de Grande Sertão: Veredas pelo Turismo Literário

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Turismo. Linha de Pesquisa: Cultura e Sustentabilidade no Turismo.

Banca Examinadora:

Profª Drª Eloísa Barroso
Orientadora - CET/UnB

Profº Drº André Cabral Honor
Membro Titular

Profª Drª Karina Dias
Membro Titular

Drª Maria Veralice Barroso
Suplente

Brasília, julho de 2016



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO**

**O MOSAICO SERTÃO VEREDAS-
PERUAÇU: A RESSIGNIFICAÇÃO DE
GRANDE SERTÃO: VEREDAS PELO
TURISMO LITERÁRIO**

ADRIANO TELES DE MENEZES

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Eloísa Pereira Barroso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Turismo, da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Turismo

Brasília, julho de 2016

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Tm	<p>Teles de Menezes, Adriano O Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu: A Resignificação de Grande Sertão: Veredas pelo Turismo Literário / Adriano Teles de Menezes; orientador Eloísa Pereira Barroso. -- Brasília, 2016. 136 p.</p> <p>Dissertação (Mestrado - Mestrado Profissional em Turismo) -- Universidade de Brasília, 2016.</p> <p>1. Turismo Literário. 2. Grande Sertão: Veredas. 3. Guimarães Rosa. 4. Mosaico. 5. Rrepresentações. I. Pereira Barroso, Eloísa, orient. II. Título.</p>
----	--

“O Senhor vá lá, verá. Os lugares sempre estão aí em si, para confirmar.”
GUIMARÃES ROSA

“Toda consciência não é meramente consciência de algo, mas de algo em seu lugar.”

EDWARD RELPH

“É pela memória que os homens adquirem experiências, porque as inúmeras lembranças da mesma coisa produzem o efeito de uma experiência única.”

ARISTÓTELES

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, sertanejos, sagrados e capazes de transformar o nada em tudo. Detentores do conhecimento do mundo e das formas mais sublimes de desprendimento, puderam transformar os meus sonhos em seus próprios sonhos. Gratidão eterna!

À minha esposa, exemplo de companheirismo e de amor incondicional, agradeço por ceder o tempo que era somente seu e por poder doá-lo em dobro. Pela ajuda técnica e de ideias e devaneios acerca este trabalho.

À Professora Dr^a Eloísa Barroso por contribuir com o meu amadurecimento acadêmico de forma tão inspiradora. Seus conhecimentos e maestria foram essenciais na construção de reflexões, críticas e pensamentos para a conclusão desta dissertação.

À toda equipe de professores, funcionários, colegas e companheiros do Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília que não me deixaram sair desta instituição o mesmo de quando entrei. Obrigado pela acolhida e pelas experiências!

Aos entrevistados do Mosaico e do Caminho do Sertão que me acolheram com muita atenção e disposição em contribuir para a realização deste trabalho. À Funatura, pelos materiais e informações disponibilizados.

RESUMO

O Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu foi idealizado com o objetivo de reunir e valorizar as culturas das comunidades locais nas regiões norte e noroeste de Minas Gerais. Percebe-se em seu contexto cultural a apropriação da obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, pelo turismo através das representações da cultura sertaneja e dos próprios elementos socioculturais constituintes do livro. Este processo de ressignificação do universo sertanejo e roseano acontece via gestores, visitados e visitantes e de um roteiro turístico proposto que corrobora para a aplicação do conceito de turismo literário nas ações ali desenvolvidas. Esta pesquisa parte do entendimento sobre a definição de lugar literário como proposto por David Herbert (2001), enfatizando o conceito de turismo literário de Magadán e Rivas (2012), e apresentando noções que caracterizam o leitor/turista e/ou turista/leitor, assim como as motivações que os levam a buscar tais destinos. Discute-se a abordagem cultural do turismo na contemporaneidade a fim de situar a modalidade de turismo literário como uma abordagem que se preocupa com o desenvolvimento social e com a valorização das comunidades locais, de suas tradições, costumes e modos de vida. A teorização embasa-se no entendimento do imaginário social proveniente das ações desenvolvidas no Mosaico, nas representações que surgem do processo de apropriação e na própria análise das narrativas dos agentes que compõem o lugar-objeto deste trabalho. As narrativas coletadas e interpretadas à luz da história oral permitem visualizar a aplicação da definição de turismo literário e apreender sobre as ressignificações e representações presentes no discurso e no imaginário dos entrevistados que ora corroboram para a manutenção de uma identidade social dos moradores locais e do próprio lugar enquanto destino turístico literário.

ABSTRACT

The Mosaic Sertão Veredas-Peruaçu was designed with the aim of uniting and valuing different cultures of local communities in northern and northwestern Minas Gerais state. In a cultural context, the appropriation of Grande Sertão: Veredas (The Devil to Pay in the Backlands) by Guimarães Rosa, within tourist activities can be perceived through the representations of the *sertaneja* culture as well as the constituting elements of the book. This process of resignification of both *sertaneja* and Rosa's universe occurs via managers, hosts and visitors along with a proposed tourist itinerary that supports the use of literary tourism concept in the actions organized. The initial point is the understanding of the definition of literary place as proposed by David Herbert (2001), as well as emphasizing the concept of literary tourism of Magadan and Rivas (2012). The notions that characterize the reader / tourist and / or tourist / reader is also presented, along with the motivations that lead them to seek such destinations. Cultural aspects of contemporary tourism are approached to situate the literary tourism as a type of tourism that is concerned with the social development and the enhancement of local communities, their traditions, customs and ways of life. Theorizing underlies on the understanding of the social imaginary within the actions developed in the Mosaic. The representations that arise from the process of appropriation and the analysis of the agents' narratives themselves that make up the place object of this work. The narratives collected and interpreted in the light of oral history allow to view the application of the definition of literary tourism and learn about new meanings and representations present in the discourse and in the minds of respondents who either corroborate with the maintenance of social identity of the locals and of the place as a literary tourist destination itself.

LISTA DE SIGLAS

APA	Área de Proteção Ambiental
CREPERTÃO	Centro de Referência em Tecnologias Sociais do Sertão
FLIP	Feira Literária Internacional de Paraty
FNMA	Fundo Nacional do Meio Ambiente
FUNATURA	Fundação Pró-Natureza
ICER	Núcleo de Pesquisa em Identidade Cultural e Expressões Regionais
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IEF	Instituto Estadual de Florestas
MSVP	Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONG	Organização Não Governamental
PADSA	Projeto de Assentamento Dirigido à Serra das Araras
PNGSV	Parque Nacional Grande Sertão Veredas
UC	Unidade de Conservação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
WWF	World Wildlife Fund

LISTA DE TABELAS

Elenco de Destinos Literários e as Ações Praticadas	50
Potencialidades de Desenvolvimento Turístico.....	80

Sumário

AGRADECIMENTOS	6
RESUMO/ABSTRACT	7
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	8
TABELAS	9
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 – TURISMO: UMA ABORDAGEM CONTEMPORÂNEA	21
1.1 – O Turismo e Cultura: Uma Relação	23
1.2 – O Patrimônio Cultural e o Imaginário Sertanejo no Mosaico	35
CAPÍTULO 2 – TURISMO E LITERATURA: POSSIBILIDADES PARA A CRIAÇÃO DE DESTINOS	45
2.1 – O Turismo Literário: Cenários do Turismo Cultural	48
2.2 – O Mosaico Sertão Veredas: A Criação de um Destino de Turismo Cultural e Literário	66
2.2.1 – Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas	68
2.2.1 – Festival Sagarana	71
2.2.1 – Caminho do Sertão	72
CAPÍTULO 3 – O TURISMO LITERÁRIO E O MOSAICO: POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL	83
CAPÍTULO 4 – LITERATURA E TURISMO: FRAGMENTOS DE UMA EXPERIÊNCIA PARTILHADA NO MOSAICO	95
4.1 – Narrativas sobre o Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu: Produções de Significados do Universo Roseano	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
ANEXO 1	120

ANEXO 2	126
ANEXO 3	129
ROTEIRO DE ENTREVISTAS	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	132

INTRODUÇÃO

Esta dissertação, à qual me proponho, procura focalizar as representações dos símbolos culturais a partir da literatura consubstanciada na região do **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu** coincidente com o texto literário de *Grande Sertão: Veredas*. Quando se observa a constituição do Mosaico é possível perceber indícios de uma apropriação desta obra literária como recurso de desenvolvimento através do turismo (SIMÕES, 2009).

O **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu** está localizado em uma área de transição do cerrado para a caatinga sob abrangência das mesorregiões norte e noroeste mineiras e é, ainda, um eixo integrador das atividades relacionadas ao turismo na região. É pouco conhecida e valorizada pela sua importância e potencial (FUNATURA, 2008). A região do Mosaico, compreendida pelos municípios de Arinos, Bonito de Minas, Chapada Gaúcha, Cônego Marinho, Formoso, Itacarambi, Januária, Manga, São João das Missões e Urucuaia, em Minas Gerais e por uma pequena porção que se encontra no município baiano de Cocos é marcada pela baixa ocupação demográfica, porém datada da época do ciclo do ouro no Brasil. É também lembrada pelos índices de desenvolvimento humano aquém da média nacional. Somente a partir da década de 1970, com programas de desenvolvimento do Governo Federal, a ocupação desta região foi intensificada e atividades tais como pecuária e agricultura tomaram lugar propiciando transformações no território e conseqüentemente no estilo de vida de seus habitantes. Entretanto, a região adquiriu certo conhecimento após a publicação do romance *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa em 1956, surgindo assim uma toponímia imaginária e ficcional que se referenciaria e por vezes explicaria “o Sertão”. Em 1980 é criado o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, sob gestão do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) tendo como objetivo a conservação do bioma cerrado e a preservação de parcelas importantes de ecossistemas naturais. Em consequência de sua criação, nota-se a intensificação de atividades de desenvolvimento sustentável, a criação de novas unidades de conservação e oportunidades de desenvolvimento econômico dos pequenos produtores de extrativismo vegetal e de turismo ecocultural. Tais atividades propiciam o fortalecimento da identidade dos povos do Sertão e empoderam as comunidades locais.

O turismo na região ainda é bastante incipiente e desorganizado (FUNATURA, 2008), tendo como potenciais atrativos os parques nacionais Grande Sertão Veredas e Cavernas do Peruaçu e o rio São Francisco, frequentado para pesca. Destacam-se algumas iniciativas que objetivam ordenar a atividade turística no Mosaico, assim como promover o desenvolvimento territorial de base conservacionista, privilegiando a sua vocação para o turismo de base comunitária, ecológico, cultural, rural, de aventura, entre outros. Tais iniciativas visam remodelar o desenvolvimento socioeconômico nas comunidades compreendidas pelo Mosaico de forma que possa oferecer uma programação de roteiros de acordo com o perfil da demanda e de atrações e serviços disponíveis em cada um dos núcleos, polos ou municípios (FUNATURA, 2008).

Na fase de concepção do plano turístico, enxerga-se a combinação das diversas modalidades de turismo que visam a utilização do universo literário de Guimarães Rosa como caminhos e formas de atuação de agentes para implementar ações e políticas que fortaleçam a atividade turística e o desenvolvimento sustentável na região do Mosaico. A representação dos símbolos culturais e de toda aptidão literária encontrada na região do Mosaico coincidente com o texto literário de *Grande Sertão: Veredas* favorecem, ou pelo menos indicam, uma apropriação da literatura como recurso de desenvolvimento através do turismo (SIMÕES, 2009:49).

As ações desenvolvidas por representantes locais, Organizações não governamentais (ONGs) e agentes institucionais da iniciativa privada e do poder público têm como único objetivo suscitar a valorização do patrimônio cultural tanto quanto o ambiental, de forma que possa resultar em melhorias e benefícios concretos às comunidades sertanejas. A moeda recorrente de negociação passa a ser o capital tangível e intangível eminente do patrimônio cultural das comunidades ali localizadas. Desta forma, tem-se a literatura de Guimarães Rosa como elemento decisivo e essencial tanto no imaginário dos moradores e visitantes da região quanto na formulação de ações e políticas que irão consagrar o Mosaico como destino turístico.

O projeto de implementação de roteiros turísticos tem como objetivo valorar o patrimônio cultural e ambiental de uma região conhecida como cenário da obra literária *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Nesta tentativa de resgate e valorização das culturas locais e da implementação destes roteiros que possam servir como estratégia de desenvolvimento social de seus moradores, deparamo-nos com um processo de conscientização das comunidades em relação às suas próprias identidades que poderá ou

não autenticar o Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu como um destino turístico literário. A sua singularidade pode ser percebida de formas diversas e que, ao mesmo tempo, contribuem para a validação da mesma. Ela se dá através das ressignificações e representações do universo literário de Rosa nas ações desenvolvidas por aqueles que cortejam o projeto e que possivelmente devem ocorrer nas falas daqueles que desempenham os papéis de visitantes e visitados. Tal ressignificação pode ser observada nas experiências de envolvimento das pessoas com os lugares.

Para tanto, Relph (1980) propõe duas definições que podem nos ajudar a estabelecer uma discussão em relação aos conceitos de interioridade e de exterioridade, que poderá possibilitar a compreensão do vínculo de moradores e visitantes com o “Sertão” de Guimarães Rosa. As experiências se constituem, direta ou indiretamente, a partir da funcionalidade e da configuração dos lugares ou pela empatia e sentimento de pertencimento ao lugar. Esta última pode ser resultante da construção de uma imaginação social que possa caracterizar o lugar, neste caso, como um destino turístico literário e que irá resguardar a memória coletiva e todo o patrimônio cultural das comunidades envolvidas, servindo como força motriz para o desenvolvimento social local, assim como previsto inicialmente pela Proposta de Reconhecimento Oficial da FUNATURA. Assim, torna-se relevante observar e analisar se as representações do universo de Rosa corroboram para a construção social do lugar enquanto um destino turístico literário e se ao mesmo tempo, os visitantes reconhecem as representações deste universo nas regiões compreendidas pelo Mosaico. Destarte, a literatura neste contexto deverá ser pensada como um recurso e estratégia de desenvolvimento e valorização sociocultural destas comunidades. Busca-se então perceber como a sua utilização se dá no processo de apropriação da obra Roseana pelo turismo literário.

Estas questões permeiam esta pesquisa na medida em que esta parte da hipótese de que as ressignificações e representações do universo de Guimarães Rosa no **Mosaico Grande Sertão-Peruaçu** colaboraram para a singularidade do lugar como um destino turístico literário. Frente à estas questões, a análise procurará tomar como caminho, no intuito de tentar entender a abrangência física e cultural do Mosaico para que se possa, então, conhecer o *status quo* do destino. Intenciona-se verificar tais questões através de consultas à fontes orais, na geração de documentos (entrevistas) e por conseguinte, na análise da história do tempo presente. A percepção dos envolvidos e a forma como “manuseiam” as representações da obra literária Grande Sertão: Veredas torna-se

essencial para a apreensão dos fatos em torno do lugar literário. Ela, ainda, nos permitirá identificar onde e como as representações do universo de Rosa acontecem e até mesmo assinalar, em *Grande Sertão: Veredas*, a presença da cultura sertaneja e dos lugares geográficos e imaginários que constituem o mosaico. A pesquisa bibliográfica servirá como base para a conceituação de turismo literário, assim como para a análise da crítica literária do romance Roseano. Ela será fundamental para estabelecermos parâmetros e delimitações quanto ao uso da literatura como documento histórico e social e ainda, como recurso estratégico de desenvolvimento social.

Ao analisar o **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu** como um destino literário, pode-se contribuir para a discussão teórica acerca das representações de uma obra literária na construção de um destino turístico e na valorização da identidade cultural de uma comunidade. Este estudo justifica-se pela aplicabilidade da definição de turismo literário na implementação de um destino turístico e na identificação das motivações que podem gerar fluxo de turistas para a região. Pode-se, ainda, atuar como apoio teórico na criação de novas estratégias que promovam a valoração da cultura sertaneja e o desenvolvimento social da população, na perspectiva da construção de um projeto em que a singularidade seja uma marca do mesmo.

A singularidade poderá ser percebida nos tipos de experiências vividas por parte dos visitantes e dos visitados em contato com o universo Roseano. Deve-se reconhecer as motivações do turista/leitor ou leitor/turista a visitar e nomear tal destino como literário. Suas motivações e experiências contribuem para a singularidade do lugar. A possível constatação de um sentimento de pertencimento, fruto de uma memória construída, e a identidade sertaneja dos moradores tal qual descrita por Rosa em seu livro podem ajudar a legitimar o Mosaico enquanto lugar literário. A pesquisa proposta é desenvolvida dentro dos parâmetros da história oral, em que se busca resgatar e analisar a memória recente daqueles que vivenciam experiências de envolvimento com o lugar, e são participantes do processo de ressignificação da obra literária, apropriada para o fluxo turístico. A história oral como metodologia busca produzir narrativas que sirvam como fontes documentais em que o fato real ou imaginário permitem significar experiências vividas, que não retornam mais (DELGADO, 2003). Os registros servem como suportes das identidades coletivas e da própria individualidade humana. Abarcam dimensões sociais, simbólicas e imaginárias, que possibilitam a interpretação da memória dos informantes, assim como dos grupos, comunidades e culturas às quais pertencem.

Desta maneira acreditamos que a pesquisa apresenta ações de relevância na proposição de alternativas ao turismo convencional na região, na medida em que utiliza o texto literário como motivador de fluxo turístico.

Ainda há que se cuidar, pois que, neste estudo a literatura será examinada como um recurso e estratégia que pode gerar trânsito turístico ao local e contribuir para o desenvolvimento social da região do Mosaico, sem diminuir o valor literário da narrativa. É importante saber se a ideia estratégica de desenvolvimento é propagada no discurso das comunidades e se a noção de turismo literário está sendo absorvida por aqueles envolvidos no projeto.

O turismo literário, entendido como uma modalidade de turismo cultural, é desenvolvido em lugares relacionados com os acontecimentos dos textos de ficção e com a vida dos autores (Magadán e Rivas, 2012:29). As motivações que levam os turistas aos destinos tidos como literários aproximam-se bastante daquelas do turismo cultural. De acordo com Greg Richards (Richards,1996, apud Magadán e Rivas, 2012:19), o turismo cultural é o movimento de pessoas até as manifestações culturais fora de suas áreas de residência, com a finalidade de obter novos conhecimentos e experiências para satisfazer suas necessidades culturais.

O lugar literário, aquele diretamente ligado à uma obra literária através do autor ou da narrativa de sua obra é um lugar socialmente construído (HERBERT, 2001). Na construção de um lugar literário não há garantia de que as mensagens que recorrem ao teor literário proposto irão ser lidas e interpretadas como se é esperado (HERBERT, 2001:316). Os visitantes não são passivos e participam de forma direta na construção do significado esperado. Suas percepções e necessidades vão de encontro com a interpretação dos símbolos e das representações encontradas no lugar, ou que são simplesmente providenciadas pelos agentes gerenciadores do destino. Contudo, para Herbert (2001:317), um lugar literário sempre nascerá de um fato inequívoco, seja ele o local de nascimento de um escritor, ou um cenário incontestável de um livro. “É a autenticidade que irá se tornar uma experiência subjetiva. A combinação das intenções dos gerenciadores do destino, a interpretação do visitante e a interação entre os dois” (HERBERT, 2001, pg. 317) é que poderão validar o lugar enquanto um destino turístico literário. Qualquer imagem pode ser percebida como autêntica em função do espectador, devido ao seu caráter subjetivo da autenticidade (MAGADÁN e RIVAS, 2012, pg. 23).

Hoppen (2012) expõe que o turismo literário pertence a um nicho maior, o turismo criativo, que por sua vez, pertence a um outro nicho muito mais amplo, o turismo cultural e patrimonial. “Para a autora, o turismo patrimonial é caracterizado pelo senso de lugar enraizado nas paisagens locais, nas pessoas, nas obras de arte e nas tradições e histórias. Por este motivo, cabe aqui neste trabalho, entendermos que o universo sertanejo descrito em *Grande Sertão: Veredas* constitui parte do patrimônio imaterial da região. O turismo cultural é praticado por visitantes que podem identificar, descobrir ou criar significantes de valores culturais juntamente com aquelas pessoas que se tornaram parte das mitologias culturais dos lugares”. Em um campo menor, surge o turismo criativo que envolve as artes criativas: design, arquitetura, música, cinema, mídias e literatura. Este, por conseguinte, suporta o turismo cinematográfico, visita a lugares contemplados por programas de TV e pelo cinema; e o turismo literário compreende as visitas a lugares associados a livros e autores (HOPPEN, 2012:13).

Hoppen (2012, apud SQUIRE 1996, HERBERT 2001) apresenta dois grandes tipos de turismo literário; os **lugares da vida real** associados com a vida dos autores (túmulos, lugares de nascimento ou domiciliares) e os **lugares imaginados** relacionados com a obra escrita. A autora ainda exemplifica com outros lugares que podem causar fluxo turístico e que estão associados com a literatura: os **festivais literários** e **turismo em livrarias**. Estes acontecem periodicamente e permitem uma interação com escritores e celebridades, despertando sempre a expectativa de que autores irão aparecer publicamente e relatar sobre seu trabalho e processo de criação; no **turismo em livrarias** (HOPPEN, 2012, apud MINTEL, 2011, pg. 16) os turistas preambulam, durante suas viagens, em busca de livrarias locais que ofereçam títulos (guias, mapas literários, passeios literários) relacionados com o destino que estão visitando ou ainda os livros de escritores locais.

No **capítulo 01** apresenta-se uma abordagem do turismo na contemporaneidade onde se discute o seu caráter transdisciplinar e humanístico. Dados históricos surgem para enfatizar as transformações ocorridas nesta área de conhecimento adequar a conceituação do termo ao objeto de pesquisa proposto. É proposto também uma relação entre turismo e cultura que irá determinar o percurso a ser seguido e os parâmetros a serem utilizados na apreensão do fenômeno social e de seus desdobramentos. Para tanto, parte-se do entendimento histórico da categoria cultura, passando pela conceituação de *Kultur* e *Civilization*, até uma delimitação da definição de turismo cultural, especificamente aquele

evidenciado nas ações desenvolvidas no Mosaico. O patrimônio e a definição de turismo cultural, neste capítulo, como meios de se explorar toda a aptidão do Mosaico enquanto destino turístico cultural. As características do destino são ressaltadas frente à conceituação do segmento e dos parâmetros de utilização do patrimônio cultural para a finalidade turística.

O **capítulo 02** traz um diálogo entre turismo e literatura onde é apresentada uma reflexão sobre a literatura enquanto produção social. São exploradas as dicotomias ficção/real e turista-leitor/leitor-turista e apresentados fatos históricos que complementam o uso da obra literária no âmbito do turismo. Apresenta-se a definição de turismo literário, assim como um elenco de destinos literários e as ações ali desenvolvidas que contemplam autores, cenários de obras literárias e festivais em diversos países. Exemplifica-se também com iniciativas e projetos de pesquisas cujo tema é a relação turismo e literatura e, especificamente, o turismo literário em algumas instituições ao redor do mundo. Neste capítulo, o Mosaico é apresentado enfim como um destino turístico literário, salientando todas as atividades praticadas lá que corroboram com o conceito de turismo literário. Aborda-se principalmente o **Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas**, **O Caminho do Sertão** e o **Festival Sagarana**. Detecta-se então os elementos e agentes que compõem o Mosaico enquanto destino turístico literário e a interação entre estes elementos.

O **capítulo 03** trata das potencialidades de desenvolvimento social e valorização do patrimônio cultural local através do turismo e da apropriação da literatura. Objetiva-se mostrar o envolvimento das comunidades locais com as ações de turismo de base comunitário cujo mote seja a obra de Guimarães Rosa.

As entrevistas são analisadas no **capítulo 04**, onde procura-se refletir sobre as representações e indícios de ressignificação do romance nas falas dos informantes. Através da relação que possuem com o lugar, objetiva-se apreender sobre a construção da identidade social do lugar enquanto destino turístico literário, através da narrativa dos gestores, visitados e visitantes. Cabe, ainda, verificar a consistência da definição de turismo literário no uso de **Grande Sertão: Veredas** como pano de fundo das políticas e ações praticadas, assim como no imaginário daqueles que se envolvem com o lugar.

CAPÍTULO 1 – Turismo: Uma Abordagem Contemporânea

A prática do turismo tem se mostrado de diferentes formas e entendimentos decorrentes de fatores históricos, econômicos, geográficos e epistemológicos. A construção do saber turístico é caracterizada por uma discussão que a todo momento busca romper conceituações simplificadas e avançar para além das questões comerciais e econômicas (MOESCH, 2002, pg. 11). O espaço turístico é dotado de relações e fenômenos que irão resultar em apreensões complexas sobre os agentes envolvidos, bem como as ações praticadas e seus impactos. Fuster nos diz que:

Turismo é, de um lado, conjunto de turistas; do outro, os fenômenos e as relações que esta massa produz em consequência de suas viagens. Turismo é todo o equipamento receptivo de hotéis, agências de viagens, transportes, espetáculos, guias-intérpretes que o núcleo deve habilitar, para atender às correntes (...). Turismo é o conjunto das organizações privadas ou públicas que surgem, para fomentar a infraestrutura e a expansão do núcleo, as campanhas de propaganda (...). Também são os efeitos negativos ou positivos que se produzem nas populações receptoras. (FUSTER, 1974, *apud* MOESCH, 2012, pg. 11)

A busca por um entendimento mais complexo acerca do objeto turístico depara-se com o problema epistemológico de se ter como ponto de partida para a interpretação do conhecimento apenas os paradigmas científicos presentes em cada uma das ciências (MOLINA, 2000, pg. 17). O amadurecimento das ideias e o pensamento totalizador, integral e holístico perante o objeto deverão garantir uma aproximação transdisciplinar capaz de absorver o objeto turístico sob a orientação das condições da existência humana. Segundo Molina (2000):

No estabelecimento do turismo é necessário estabelecer compromissos sérios e permanentes não somente com a rigorosidade que exige o método científico, mas também com o ser humano. A ciência é transcendente por sua capacidade de recriar a natureza e, portanto, as condições da existência humana. (MOLINA, 2000, pg. 27, tradução minha)

Os estudos do turismo, caracterizados por sua transdisciplinariedade, cada vez mais se atenta ao valor das relações humanas e da prática social, enquanto um fenômeno de trocas interculturais. Esse fenômeno resulta em benefícios verificados na vida econômica, política, cultural e social da comunidade (MOESCH, 2002, pg. 09). Nesta circunstância cabe evidenciar a sua sustentação cultural que permite ao turismo encarnar-se com matéria de objetividade e subjetivamente. Para Moesch (2002), turismo é:

... uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. (MOESCH, 2002, pg. 09)

No processo de implementação da atividade turística na região do Mosaico Grande Sertão-Peruaçu e na inter-relação dos agentes envolvidos, percebe-se um agrupamento de intenções que visam especificamente o desenvolvimento social e autóctone através do turismo e conseqüentemente da valoração da cultura sertaneja como exposta na obra de Guimarães Rosa. Surgem como metas, expostas na proposta de implementação da FUNATURA e justificadas pela participação dos habitantes locais na produção executada, a manutenção do patrimônio cultural, a valorização da interação entre o sertanejo e o seu meio e o reconhecimento da obra *Grande Sertão: Veredas* como ponto de partida para uma produção social local diferenciada. Tal produção transveste-se de símbolos e representações advindas do próprio local e intimamente da obra literária.

O turismo tal qual o conhecemos hoje teve início no auge da revolução industrial, entretanto, a curiosidade e o sentimento de nostalgia em relação aos países longínquos e objetos de exploração e conhecimento já acompanham o ser humano até mesmo antes de conhecermos a atual configuração da prática turística. Essa se torna necessidade básica e imediata (KRIPPENDORF, 2003, pg. 10). Viajar, ocupar-se nos períodos de férias, estar distante dos locais de trabalho e de moradia são resultantes das condições geradas pelo desenvolvimento da sociedade industrial.

Deste o final da II Guerra Mundial e com a queda do muro de Berlim o turismo serviu para diminuir as dificuldades de transposição entre os dois mundos existentes, ocidente e oriente, promovendo grandes mudanças tanto nas formas de se comunicar quanto de se mover geograficamente. Os novos fluxos de migração e de rotas turísticas estão livres de barreiras (WAINBERG, 2003, pg. 10). Os números passam a indicar um grande aumento das viagens e das receitas dos países que aderiram ao turismo como uma

fonte de incremento de seus produtos brutos. O turismo torna-se um impressionante fenômeno humano:

O movimento em território estranho e o consumo da singularidade alheia, como produtos de excitação e desfrute, tornaram o turismo na maior indústria crescente. O visitante move-se em levas crescentemente massivas e com liberdade através de fronteiras crescentemente permeáveis em busca da diferença e do singular. (WAINBERG, 2003, pg.11)

Apenas no final do século XX e início do XXI, reconhecem-se as características da sociedade pós-moderna no turismo. O liberalismo torna-se imprescindível para o seu entendimento e para a elaboração de novos caminhos a seguir. A liberação política, liberação sexual, liberação das forças produtivas, liberação da mulher, da criança, das pulsações inconscientes, liberação das artes (OLIVEIRA, 2003, pg. 21) compõem os novos paradigmas do turismo que irão ditar as novas formas de fazer turismo, firmando a consciência do viajante em relação a questões de autenticidade, de solidariedade e sustentabilidade. A nova estrutura globalizante e de reinvenção das necessidades humanas aliadas ao desenvolvimento tecnológico contribuíram para a iminente complexidade do fenômeno turístico. Surgem novas configurações de destinos turísticos, inovadas formas de se relacionar com esses destinos, mas sempre priorizando a descontração.

A modernidade no turismo também é marcada pela forte presença do imaginário criado em torno das viagens (GASTAL, 2003). Novos territórios são criados, personagens inusitados coabitam os roteiros menos convencionais. Os desejos afetivos tomam lugar na escolha de um destino de viagem e o plano simbólico destaca-se em favor da existência e da experiência humana. Neste contexto, a cultura reverte-se em elemento essencial que nutre o imaginário do viajante e dos lugares visitados.

1.1 - Turismo e Cultura: Uma relação

Mas qual é a noção de Cultura que parece ser adotada no âmbito do turismo e, todavia, deste presente estudo? É consenso afirmar sobre a complexidade de se definir Cultura. Entretanto não se pode negar a importância que a sua compreensão vem exercendo em todos os setores da produção humana, quer sejam econômica ou científica. O debate em torno do que seja Cultura, semente da concepção que hoje lidamos, remonta ao século XVII quando, de um lado, os alemães disseminavam o conceito de *Kultur*, e de

outro lado, a concepção de *Civilization* é expandida pelos franceses. Entre embates e discussões dialéticas e do que seja resultante da relação entre *Kultur* e *Civilization*, notoriamente apreendemos aquela noção cosmopolita de cultura, de tradição inglesa, e que se preocupava com as transformações que ocorriam na Inglaterra graças ao avanço da tecnologia e do materialismo da civilização moderna (KUPER, 2002, pg. 29). A *Civilization* francesa aborda o comportamento da aristocracia do século XIII perante a corte. Disseminou-se por toda a Europa e atravessou tempos atingindo seu auge em meados do século XVIII, quando foi usada para a diferenciação de classes sociais daquela época. A discussão em torno do conceito de civilização é ainda bastante pertinaz na sociedade contemporânea. O conceito de *Civilization* francês inicialmente era caracterizado pela privação das emoções aos homens de boa educação ou “civilizados”. O homem rural, campesino, bruto, que não conhecia as ideias de civilização se subordinava ao homem urbano e instruído quando se deparavam, um ao outro, em um processo civilizador. Esse processo valorizava a modernização dos costumes e ecoava a passagem da sociedade feudal à uma estrutura de produção do capitalismo. Para os alemães, o sentido de *kultur* era embasado na força de valorização de sua burguesia que lutava pelo afastamento dos aristocratas nobres impregnados de valores da civilização francesa da época. O objetivo maior da burguesia alemã era atingir uma consciência pautada na interiorização que pudesse criar um senso de pertencimento na população.

O pensamento francês de *Civilization* visava a internacionalização de seu conceito civilizador. Em contrapartida, os alemães tinham como intuito a supremacia de seus valores enquanto uma sociedade restrita. O conceito de *Civilization* refere-se à uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes (ELIAS, 1990, pg. 23). Já o conceito de *Kultur* reflete a consciência de si mesma, de uma nação que buscou a constituição incessante de suas fronteiras, tanto no sentido político quanto no espiritual e repetidamente pergunta a si mesma: “qual é realmente a nossa identidade?” (ELIAS, 1990, pg. 25).

A partir da industrialização da Inglaterra, questionava-se se a cultura intelectual da elite instruída sustentava os valores espirituais da sociedade (KUPER, 2002, pg. 30). Percebia-se a importância da cultura como forma de transmissão das artes no contexto do sistema educacional. A cultura destacava-se também como a condição da ação política no destino de uma nação. Apesar de novas reformulações do conceito de cultura, era quase

que inevitável estar atado às tradições intelectuais advindas de pensadores anteriores. Por várias vezes, em um contexto progressista do século XX, a cultura era vista como obstáculo na explanação do comportamento irracional e na implementação de reformas políticas, na proteção dos recursos e dos privilégios dos ricos. Em contrapartida, a sua sobrevivência perante as novas leis de globalização declara a resistência das culturas locais, comemorada, assim, pelos herdeiros do contra iluminismo (KUPER, 2002, pg. 31).

Fortuitamente, ao sobreviver e adequar-se às leis naturais e evolucionistas de meados do século XIX, a concepção de cultura expande-se à noção de que esta é assimilada, adquirida ou emprestada. Desta forma, rompe-se com a ideia política e imperativa da pureza racial, corroborando para a aceitação das diferenças culturais entre povos, civilização e raças. Neste contexto,

Não existem culturas puras, distintas e permanentes. Toda cultura recorre a diversas fontes, depende de empréstimos e está em constante mudança. Os seres humanos são bastante semelhantes, e toda cultura está enraizada numa mentalidade humana universal. As diferenças culturais eram causadas pelos desafios apresentados pelo ambiente natural local e pelos contatos entre as populações. O empréstimo era o mecanismo primário da mudança cultural. E como as mudanças culturais eram resultados de processos locais imprevisíveis – pressões ambientais, migrações, comércio - consequentemente, a história não tem um padrão fixo de desenvolvimento. (KUPER, 2002, pg. 34)

Assim, evidencia-se a influência de questões geográficas determinantes no conceito de cultura no final do século XIX. A cultura resultava-se de tensões ambientais e do contato entre populações. No início do século XX, Franz Boas expõe que a cultura deve estar livre de uma análise evolucionista e biológica. Ele atesta que o ser humano consiste de uma construção cultural determinada por certo ambiente cultural. Entretanto, à este pensamento permaneceu vinculado a ideia dialógica de raça e cultura, dado que a natureza de um grupo poderia ser percebida em suas características físicas e em suas aptidões. À cultura local, caberia proteger-se contra as condições globalizantes impostas pela expansão materialista e da contemporaneidade por devir. Segundo Kuper,

Cultura sempre é definida em oposição a algo mais. Trata-se da forma local autêntica de ser diferente que resiste à sua inimiga implacável, uma civilização material globalizante. Ou o domínio do espírito armado contra o materialismo. Ou a capacidade que o ser humano tem de crescer espiritualmente e que sobrepuja sua natureza animal. (KUPER, 2002, pg. 36)

Mas somente com a escola americana, na década de 1950, após vastas investigações e contradições no debate a respeito do conceito de cultura é que se firma a

ideia, previamente concebida por Talcott Parsons de que cultura era um discurso simbólico coletivo sobre conhecimentos, crenças e valores (KUPER, 2002, pg. 38) e que a arte de elite poderia ser constituída por cada membro da sociedade, contradizendo assim a visão dos humanistas. Nesta concepção, a cultura caracteriza-se por um emaranhado de ideias combinadas com as decisões tomadas por cada ser humano perante o mundo real. As ideias em si cultivam o surgimento de símbolos criativos presentes na consciência de cada um, tornando-se parcialmente o próprio mundo em que vivem. A partir do pensamento de Parsons, Kuper nos mostra que,

(...) as pessoas concebem um mundo simbólico a partir de ideias recebidas, e nessas ideias chocam-se com as escolhas que elas fazem no mundo real. No entanto, ele tinha certeza de que ideias sozinhas dificilmente determinam ação. De forma semelhante, os símbolos coletivos entram na consciência individual, mas não a tomam completamente. Entretanto, quanto mais os antropólogos se entregavam à sua nova especialidade, mais convencidos ficavam de que a cultura era muito mais poderosa do que Parsons tinha levado a crer. As pessoas não apenas constroem um mundo de símbolos; na verdade, elas vivem neste mundo. (KUPER, 2002, pg. 38)

Os acontecimentos naturais, históricos e até mesmo o sistema de produção vigente são traduzidos em símbolos, influenciando a vida das pessoas. Tais elementos em permanente interação tornam-se um texto de densidade profunda tal qual era a densidade daqueles símbolos que o compõem. O texto requer ser interpretado. Essa corrente alternativa iniciada pelos antropólogos americanos recebe diversas influências que ora contribuem para o entendimento da cultura, ora são refutadas por falta de consenso e pela abordagem demasiada estruturalista do objeto. A linguística de Roman Jakobson e posteriormente de Chomsky conduziam os pensamentos para a interpretação da cultura em sua condição original da linguagem, destacando o funcionamento da mente humana no estabelecimento de uma estrutura profunda em todas as línguas e culturas.

Após o declínio das ideias estruturalistas da época, lança-se mão de outros artifícios da linguística para o entendimento da cultura. Outros antropólogos utilizaram a pragmática e teorias do discurso para o estudo da cultura (KUPER, 2002, pg. 41). Clifford Geertz assume, então, a relação da cultura com a linguagem, mas constantemente recorria à teoria literária para apreender sobre a cultura enquanto texto, firmando o interpretativismo como a principal abordagem utilizada pela escola antropológica americana. Geertz de certa forma condicionou o seu aparato interpretativo das culturas à uma forma hermenêutica e de procedimento científico. Mesmo aliado às orientações parsonianas e weberianas, as mensagens ideológicas presentes na ficção escrita por

etnólogos não eram absorvidas nas interpretações dos símbolos, como proposto por Geertz. Mais tarde, aliam-se aos estudos interpretativos de cultura contribuições do idealismo relativista, evidente em nossa contemporaneidade. Segundo Kuper,

Ainda há a pressuposição de que as pessoas vivem num mundo de símbolos. Os atores são dirigidos e a história é moldada (talvez inconscientemente) pelas ideias. A corrente predominantemente da antropologia cultural, em suma, ainda está nas garras de um idealismo difuso. (KUPER, 2002, pg. 41)

Com o fortalecimento das pesquisas em cultura nos Estados Unidos nas décadas de 50 e 60, adere-se às reflexões em torno de sua definição a percepção de cultura como uma forma local autêntica de ser diferente e que sobrevive à civilização material globalizante. Ela sempre surgiria em um esquema de contrastes, coletivo/individual, vida social/governo, fábrica/família, à luz das ciências sociais e comportamentais. Tal discussão conferia à cultura um estatuto de um discurso simbólico coletivo, sobre conhecimentos, crenças e valores, concebendo um mundo simbólico a partir das ideias recebidas no qual as próprias pessoas que o criam, também ali vivem (KUPER, 2002, pg. 38).

Contudo, o estudo sobre a cultura precisava de um procedimento de investigação que pudesse dar conta das representações e da leitura destes símbolos que, para os antropólogos americanos, eram transformados em mitos e que surtiam influência na vida das pessoas. Clifford Geertz conclui que a cultura poderia ser interpretada, mas não explicada, desfazendo da carga hermenêutica que antes havia submetido a cultura à apenas um procedimento de investigação. Não era possível eleger leis gerais ou interculturais para justificar cultura. “Podia-se talvez, calcular o que uma representação simbólica significava para os espectadores, mas não podia separá-la do seu significado no vernáculo e tratá-la como um sintoma de uma causa biológica ou econômica mais fundamental e livre da cultura da qual o paciente não tinha consciência” (KUPER, 2002, pg. 39). Para Geertz a cultura se assemelhava à linguagem, sendo apresentada diante de nossos olhos na forma de um texto. Buscava na teoria literária a construção de uma abordagem interpretativista da cultura que havia se transformado na principal corrente da antropologia cultural americana.

A cultura, enquanto resultante das intertextualidades do existir humano pode ainda ser percebida pela interação dos elementos que a constituem. Os elementos que constituem os patrimônios, material e imaterial, dialogam e permitem traçar conexões de

historicidade e geograficidade, que ora são apresentadas nas intertextualidades produzidas e reproduzidas, ora são pressentidas na experiência daqueles que a vivem.

Nota-se o caráter interpretativo sobre a Cultura enquanto ciência. Para Geertz (2008):

O conceito de cultura que eu defendo (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 2008, pg. 04)

Salvo o caráter etnográfico de aplicação da definição de cultura em Geertz, sua definição nos permite fazer uso de um esforço intelectual, não concernentes às práticas etnográficas de levantamentos genealógicos, mapeamento de campos ou mesmo de um diário escrito rigorosamente dos comportamentos observados, entretanto a disposição da intelectualidade como exposta por Geertz abre caminho para a interpretação, em uma descrição mais densa, das mensagens, representações e símbolos cruzados que se elevam de forma orgânica do texto percebido. Geertz ainda expõe a importância de buscarmos as relações sistemáticas entre os fenômenos diversos (GEERTZ, 2011, pg. 32). Para o autor, fatores como biológicos, psicológicos, sociológicos e culturais devem ser tratados como variáveis dentro dos sistemas de análise. Desta forma, poderemos entender a cultura como um conjunto de mecanismos simbólicos constituídos pelas inúmeras interações perpetuadas na tessitura histórica e geográfica de um grupo cultural ou comunidade. A análise desta tessitura é distintiva e natural dos grupos humanos e foi através dela que se permitiu elaborar e implementar diversas utilidades para a cultura, ou pelo menos dos elementos que a constitui. É certo afirmar que o seu uso tem se mostrado de variadas formas em diferentes épocas. Ora a cultura era utilizada na expressão material, museus, monumentos, galerias de artes, ora ela se apresentava como tendência ideológica que ajudava a diferenciar os grupos, classes e comunidades na sociedade humana. Como decorrência da globalização e do pensamento pós-moderno, a cultura incumbiu-se de desenvolver outros papéis e agregar valores sociais e econômicos em setores da sociedade que antes não a tinham ou não a percebiam como componente determinante de sua formação.

O turismo é um dos setores que estrategicamente e necessariamente se encarregou de posicionar a cultura como um recurso a ser utilizado para o próprio desenvolvimento

da prática turística e, ainda, como o cerne epistemológico para o seu respectivo entendimento. Segundo Barretto, apreendemos que,

Não há dúvidas, de que a cultura tem uma grande influência no funcionamento da sociedade, tanto que é possível falar em cultura política, cultura organizacional etc. Ao mesmo tempo, está cada dia mais claro que não se pode pensar em cultura sem pensar em processos políticos e sociais mais amplos, o que leva a que a comercialização da cultura, em alguns momentos vista como algo estranho e até condenável, passe a ser vista com mais naturalidade, dado que ela faz parte da sociedade contemporânea. (BARRETTO, 2012, pg. 19)

Ao admitir a cultura como estruturante das políticas governamentais de turismo e até mesmo para elaborar distinções na comercialização de destinos, atrativos e serviços turísticos, pode-se enxergar formas institucionalizadas e não institucionalizada da cultura no âmbito do turismo. Uma diz respeito à expectativa sobre a relação daqueles que viajam com as entidades que irão possibilitar o viajante a chegar a seu destino, desde as escolhas feitas mediadas pelo agenciamento até a organização e aquisição dos produtos e serviços turísticos; a outra confere ao viajante uma maior independência de suas eleições e de lançar um olhar diferenciado e reflexivo sobre o ato de viajar e o destino visitado. Percebe-se, de certa forma, um retorno ao campo educativo e ao espírito do *Grand Tour*, uma preferência da experiência ao turismo quantitativo. O que se busca é um respeito maior ao meio ambiente e ao patrimônio que pudessem estimular as manifestações culturais e que permitissem a reafirmação da identidade (BARRETTO, 2012, pg. 23). Cabe ao turismo, em um uso estrito da cultura, revitalizar as artes de grupos étnicos, de suas manifestações folclóricas e patrimônios arquitetônicos através de seu uso turístico. Desta forma, contribui-se para a afirmação da importância da cultura e de sua aplicabilidade para o desenvolvimento de uma região ou país. É importante mencionar que essa tendência ainda auxilia para a expansão do turismo cultural como forma alternativa de uma prática de turismo mais justa em que as comunidades envolvidas são beneficiárias através da valorização de seus patrimônios. É oportuno, ainda, poder constantemente discutir a abrangência da categoria cultura e suas delimitações no âmbito do turismo e desse modo transpor qualquer equívoco na objetivação do entendimento do que seja turismo cultural.

A definição de turismo cultural tem sido enxergada de diversas formas devido às suas diferentes aplicações. O turismo cultural é considerado, em alguns países, principalmente na Europa Ocidental, o segmento do turismo que detém a maior capacidade de geração de lucros. Em outros lugares é tido como um meio de conservação

do patrimônio mundial e suporte imprescindível para a valorização das identidades nacionais. Não obstante, percebe-se também o seu uso econômico para a execução de atividades tradicionais e para o desenvolvimento da criatividade de certos locais. Segundo Richards (2007), as mudanças globais e o aumento do nível educacional influenciaram as transformações ocorridas no turismo, especificamente no turismo cultural. O autor afirma que tais mudanças democratizaram as viagens e o consumo de cultura com efeito de aumentar a competitividade em mercados turísticos tradicionais, fazendo surgir novas alternativas de turismo mundo a fora.

Ainda não há consenso em relação à definição do que seja turismo cultural, visto que a sua conceituação pode assumir percepções diferentes dependendo dos parâmetros utilizados para sua apuração. Sabe-se “que nem todos turistas possuem motivações culturais para viajar e que os mesmos ao caminhar por uma cidade de praia podem se deparar com algum evento cultural. Este comportamento difere-se daquele em que ‘aficionados por cultura’ saem de casa com a intenção de consumir manifestações culturais específicas” (RICHARDS, 2009).

Alcançar uma concepção do que realmente seja turismo cultural dificulta-se pelo fato de que a própria definição de Cultura tem mudado. Em anos passados, turistas culturais buscavam encontrar a “alta cultura” em um determinado destino, ao visitar museus, monumentos e festivais de arte. A presença da cultura popular em tais destinos ainda se fazia incipiente e que a convergência destes dois aspectos da cultura, ponderados pela circularidade dos elementos que a compõe é que iriam fundamentar a prática do turismo cultural, tal qual presenciamos hoje. Um tipo de cultura não mais prevalece sobre o outro, novas formas de se pensar a cultura são determinadas por avanços educacionais e pela expansão das oportunidades que estimulam a prática do turismo cultural. É ainda uma causa da expansão desta prática, em decorrência do pensamento pós-moderno, a retomada dos valores estéticos e da valorização do que seja intrinsecamente humano e natural, que ora suprem necessidades primárias de uso do tempo livre. De acordo com Lima (2003):

No fundo, o turismo cultural junta: a cultura (*high culture*) do *heritage tourism*, ligada às obras de arte históricas, aos vestígios arqueológicos, monumentos, jardins históricos, representações teatrais e de música clássica, ou mesmo do folclore tradicional, e a cultura do *arts tourism*, em que se integram os museus e as galerias de arte com, - a cultura popular (*low culture*), como sejam itinerários de descoberta e de interpretação, visitas guiadas e teatralizadas, rotas gastronômicas e de vinhos, festivais de música, eventos artísticos, e todas

as manifestações de cultura popular representadas, por exemplo, em feiras de artesanato. (LIMA, 2003, pg. 62)

Diante da dificuldade de criar-se um campo de definição para o turismo cultural, McKercher (2002) mostra que alcançar tal definição perpassa por três categorias para uma melhor análise do que trata o turismo cultural. A concepção derivada do próprio Turismo reconhece a sua (*i*) segmentação cultural como aquela de interesse específico em que a cultura desempenha papel tanto de atrair quanto de motivar turistas, propiciando uma inter-relação entre pessoas, lugares e patrimônios culturais, com movimento temporário das pessoas. No (*ii*) espectro motivacional, para alguns autores ou organizações não governamentais os turistas culturais são motivados por razões diferentes daquelas de outros turistas, determinando que a motivação desempenhe papel importante na definição de turismo cultural.

Para a Organização Mundial de Turismo (OMT), o turismo cultural é o movimento de pessoas essencialmente por motivações culturais, tais como: estudos, apresentações artísticas e culturais, festivais e outros eventos, visitas a sítios e monumentos, estudar a natureza, o folclore e a arte e peregrinações (OMT, 1985 *apud* MCKERCHER, 2002, pg. 04). Ainda, segundo o autor, a apreensão do que venha a definir turismo cultural pode estar embasada em aspectos empíricos ou aspiracionais. Ele afirma que somente a motivação não consegue encapsular a magnitude real do turismo cultural. Este envolve experienciar ou ter contato de diferentes intensidades com a tessitura cultural, com personagens especiais dos lugares. Espera-se que ao experienciar a cultura, os turistas se sintam aprender e ao mesmo tempo entretenham-se. Outra condição que corrobora para a descrição do que é turismo cultural permeia (*iii*) aspectos operacionais. Segundo McKercher, esta é a definição mais comum e que, por inferência, se alguém visita uma atração como museus, sítios arqueológicos, esta pessoa é considerada um turista cultural. A participação conta mais que a motivação e a profundidade da experiência.

Richards (2007) chama a atenção para a intensificação da prática do turismo cultural no mundo. Ele ainda expõe que este tipo de turismo surgiu como uma solução para a massificação do turismo tradicional e como uma alternativa à competição de mercados turísticos já saturados. O seu propósito agora é prezar pela qualidade do consumo turístico e pela cultura consumida enquanto fator de erudição do consumidor. Esta prática torna-se globalmente abraçada pelos habitantes locais, nacionais e

organismos transnacionais. Com efeito, o turismo cultural converte-se em uma opção de desenvolvimento para todos os destinos. Com o crescimento da demanda pelo consumo de cultura pela sociedade, setores públicos se veem pressionados para que apoiem ainda mais políticas de incentivo e construção de instalações culturais. Richards alerta que o turismo cultural pode ter se transformado em moeda corrente e que tenha se convertido em uma forma de turismo tão comum que pode estar começando a perder todo o seu significado de uma categoria distinta do turismo. Segundo o autor,

O problema é que como o turismo cultural se expandiu, também expandiram os conceitos ligados a ele. No passado, o turismo cultural foi em grande parte associado à alta cultura e com pessoas cultas. Hoje o turismo cultural inclui muitas atrações populares, esporte, patrimônio vivo, nostalgias e a vida cotidiana das comunidades locais. Os recursos associados ao turismo cultural se expandiram do predominantemente imóvel, patrimônio tangível do passado, ao de caráter móvel, produtos intangíveis da cultura contemporânea. (McKERCHER et al.,2004; HOWIE, 2000; RICHARDS, 2000 *apud* RICHARDS, 2007, pg. 02, minha tradução).

A utilização da cultura enquanto processo integrante do turismo permite a identificação de um povo consigo próprio e com a sua forma de vida. Enquanto produto turístico, o uso da cultura visa a operacionalização de um conjunto de recursos, infraestruturas, serviços e criações culturais, oferecidas de forma organizada e regular num determinado tempo e lugar (LIMA, 2003, pg. 62).

Mas o que inferir sobre o uso dos recursos da cultura em um destino turístico literário, enquanto uma prática social da própria liquidez¹ identitária da sociedade pós-moderna? Se em anos passados o turismo cultural era reflexo da busca pela autenticidade das obras de arte, da institucionalização dos museus como expressão do nacionalismo, o turismo literário adequa-se à necessidade de encontrarmos através das representações do mundo real a nossa identidade social que se esfacela cotidianamente. De forma singular é como buscamos as nossas individualidades e identidades. É no contexto da pós-modernidade que dificulta-se tratar a autenticidade das coisas e do espaço como legitimadora da cultura e da identidade social de uma comunidade. Resta apenas nos ater

¹Aqui me refiro ao pensamento de Bauman (2001) a respeito do deterioramento dos “sólidos” remanescentes de um passado e que resistem à implementação de uma nova ordem, que de certa forma liberta a economia de seus tradicionais embaraços políticos, éticos e culturais (p.10-11). Trato de ressaltar o esforço de se construir novos parâmetros identitários das comunidades inseridas no Mosaico visando a emancipação. Desta forma, através da apropriação e valoração do patrimônio cultural e natural descrito em *Grande Sertão: Veredas* pelo turismo, faz-se surgir maneiras singulares de se verem e de serem vistas pelos forasteiros.

à subjetividade das experiências com as pessoas, as coisas e com os lugares, rastreando as singularidades que os compõem.

Não seria imaturo dizer que o turista cultural de certa forma busca utilizar os óculos da ciência para interpretar as culturas durante suas viagens. Certamente, ele o faz de modo superficial e descomprometido, mas sem desvincular a sua aptidão etnográfica. É certo dizer que a busca por novos conhecimentos e pela singularidade subjetiva é a motivação principal que irá conduzi-lo a um destino tido como cultural.

O turismo cultural desempenha importante papel de gestor de preservação de patrimônios culturais. Ele ainda ajuda a diminuir a opacidade que enxergamos diante de grupos culturais, principalmente aqueles que se distanciam dos nossos modos de viver. Passamos, pelo menos, a perceber como turistas as teias de significados que envolvem os símbolos e os atores de certa comunidade. Somos desta forma respingados pela inerência entre a prática do turismo cultural e do pensamento etnológico. Sem dar-se conta o turista cultural, assim como o etnólogo de profissão, estão ambos expostos à uma cultura diferente e são motivados por fazerem uma análise superficial ou densa, científica ou não, daquela paisagem que enxergam. O comprometimento e o teor científicos ou de mera contemplação são definidos pelo grau de imersão daqueles que observam. Trata-se de manter o objeto analisado ou contemplado no mesmo nível de normalidade, sem reduzir as suas particularidades e mantendo as suas próprias banalidades (GEERTZ, 2008). Em ambas as situações, tanto o etnólogo quanto o turista cultural estão diante de uma ficção, ou seja, o que veem não é especificamente a cultura do outro como ela realmente é. Eles enxergam apenas uma interpretação ou fabricação feita de segunda mão. Na maioria das vezes, este posicionamento não é percebido nem por um e nem por outro. Não obstante, percebe o etnólogo a presença da antropologia em outras circunstâncias que não sejam a própria análise do comportamento ou do objeto tátil. Geertz mostra que:

Nem sempre os antropólogos têm plena consciência desse fato: que embora a cultura exista no posto comercial, no forte da colina ou no pastoreio de carneiros, a antropologia exista no livro, no artigo, na conferência, na exposição do museu, ou como ocorre hoje, nos filmes. (GEERTZ, 2008, pg. 11)

A cultura certamente desempenha papel de grande importância tanto para a conceituação do turismo cultural quanto para a tentativa de segmentação de mercado e da construção da atratividade do destino turístico. Ela se incumbem de fazer-nos interpretar o que realmente constitui o patrimônio cultural de um lugar e conseqüentemente permitir-nos entender a importância de sucumbir-nos diante da história e das singularidades ali

encontradas. Dentro da complexidade e transdisciplinariedade da Cultura, nossa atenção é direcionada para as diferentes falas e formas de dizer a realidade (PESAVENTO, 2006, pg. 46). A circularidade cultural, juntamente com a apropriação de valores e símbolos tornam-se cernes determinantes do turismo cultural como objeto de análise. Pesavento (2006) coloca que:

... concepção de cultura como um conjunto de significados partilhados. Logo, a cultura é vista como uma produção social e histórica a se expressar, através do tempo, em valores, modos de ser, objetos, práticas. A cultura é ainda uma forma de leitura e tradução da realidade que se mostra de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais apresentam-se de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa. A cultura é uma tradução do mundo em significados, não é reflexo dessa realidade. (PESAVENTO, 2006, pg. 46)

A produção social a que se refere a autora coincide com a própria recreação dos símbolos culturais de uma determinada comunidade. É através das experiências vividas que o ser humano irá praticar a sua ação simbólica e construir a teia de significados a qual se encontra atado. O fluxo destas ações promoverá a articulação das formas culturais, fazendo com que o significado emerge de seu comportamento e o tornará coadjuvante da legitimação da cultura apresentada aos visitantes e das singularidades, dos símbolos e representações circulantes em uma determinada comunidade. É possível notar uma comunhão entre moradores e visitantes no espaço turístico proposto pela roteirização alicerçada pelo livro *Grande Sertão: Veredas*. Ambos agentes e produtores sociais partilham dos mesmos signos, símbolos e imaginários para assim construir um outro mundo repleto de novos significados, outrossim, coabitarem uma outra realidade, mais autêntica e de novos ensejos.

Os recursos associados ao turismo cultural se expandiram de acordo com as mudanças sofridas pelo próprio turismo ao passar do tempo. Transformaram-se de patrimônio material, com grande apelo histórico, para patrimônio imaterial, dotado de recursos móveis e repletos de contemporaneidade (RICHARDS, 2007).

Notoriamente os estudos no âmbito do turismo têm nos mostrado as peculiaridades e diferenças entre o turismo convencional e o turismo alternativo (CORIOLANO e SAMPAIO, 2008). Enquanto o primeiro visa disponibilizar ferramentas, espaços e equipamentos para o turismo de praia e sol, o segundo aproxima-se mais de uma abordagem diversificada do turismo enquanto fenômeno social e ressignificação de valores históricos e culturais, de aproximar o visitante do lugar

visitado, da sua gente e de sua herança cultural. Neste intuito, Greg Richards nos diz que a definição de turismo cultural é tão ampla quanto a definição do próprio turismo e que esta forma de turismo abrange desde patrimônios arquitetônicos e artísticos, gastronomia, esporte, educação, as peregrinações, o artesanato, histórias de vida de seus habitantes, de suas comunidades e de seus legados literários. Isto posto, percebe-se o grande potencial e empenho em consolidar a região do Mosaico como um destino turístico cultural e literário em que o visitante poderá encontrar todos os requisitos de um destino alternativo ao turismo tradicional. O turista poderá satisfazer a sua vontade de consumir cultura, participar de um processo de trocas culturais com as comunidades locais e ainda mergulhar no universo de Guimarães Rosa tal qual descreveu em *Grande Sertão: Veredas*.

O **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu** tomado como um destino de turismo cultural e literário compreende as características que realçam o seu patrimônio, a natureza e as manifestações artísticas. As tradições e a cartografia da paisagem sertaneja descritas com bastante afinco na obra Roseana conduzem a um itinerário que no enredo é encenado por Riobaldo Tatarana e que atraem forasteiros intencionados em conhecer e conviver com a cultura sertaneja, descobrir a verdadeira localização do Liso do Sussuarão², comprovar o que antes havia sido visto apenas com os olhos do autor, e ainda educar-se através da experimentação daquela geografia e historicidade:

Nada, nada vezes, e o demo: esse, Liso do Sussuarão, é o mais longe - pra lá, pra lá, nos êrmos. Se emenda com si mesmo. Água, não tem. Crer que quando a gente entesta com aquilo o mundo se acaba: carece de se dar volta, sempre. Um é que dali não avança, espia só o começo, só. Ver o luar alumando, mãe, e escutar como quantos gritos o vento se sabe sozinho, na cama daqueles desertos. Não tem excrementos. Não tem pássaros. (ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**, pg. 34)

² O Liso do Sussuarão constitui essencialmente uma antítese: ao mesmo tempo que congrega paragens pardas e mortas sob um sol escaldante, possui uma aura má tão intensa, um silêncio de tal maneira ensurdecedor, que parece vivo. A força opressiva da morte é tamanha que anima o local, dando-lhe a vida de algo próximo a um assassino silencioso - “a luz assassinava demais” (p.67) - , somente possível através da mediação riobaldiana, que interage com o local a ponto de torná-lo um espaço universal pleno de angústia, morte, sofrimento, de uma maldade em tons acinzentados e ocres, sem perder o matiz da região inóspita. (PELINSER, A.T.; ARENDT, J.C., p.154, 2010)

No evento “Caminho do Sertão” o Liso do Sussuarão tornou-se o ápice da caminhada de sete dias pelo itinerário de Riobaldo Tatarana e uma espécie de *El Dorado* a ser encontrado e explorado pelo caminhante.

O Liso do Sussuarão representa o ápice da ressignificação do universo de Rosa dentro do Mosaico. No romance, mitologicamente ele é descrito como um lugar de difícil travessia e de onde emerge a construção cultural do espaço vivido, quer seja pela própria população local, quer seja pelo grupo de visitantes de **O Caminho do Sertão**, praticado anualmente como estratégia de desenvolvimento do turismo na região. Soma-se à esta prática a valoração do patrimônio cultural, suas singularidades e todo o imaginário entorno da narrativa de *Grande Sertão: Veredas*.

1.2 – O Patrimônio Cultural e o Imaginário Sertanejo no Mosaico

O conceito de patrimônio cultural evoluiu ao passar de tesouro artístico a recurso de desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida das pessoas (DIAS, 2006, pg. 67). Percebe-se na elaboração e conduta dos gestores envolvidos com a implementação de um roteiro turístico na região do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu, com inspiração na obra de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, um grande apelo pela utilização do patrimônio cultural, coincidente com a obra mencionada, como artifício de fluxo turístico e conseqüentemente de valoração da cultura local. Esse apelo embasa-se também na concepção de que o patrimônio enquanto recurso econômico pode gerar emprego e renda para os moradores das comunidades formadoras do mosaico. Esse incremento de desenvolvimento em consequência do patrimônio está diretamente associado à sua utilização pelo turismo, suprimindo a necessidade das pessoas de conhecer cada vez mais a diversidade cultural das regiões, territórios nacionais e de todo o planeta (DIAS, 2006).

A concepção de patrimônio tem se expandido gradativamente ao passar dos tempos. Ressalta-se o seu cunho materialista e hereditário na Idade Antiga quando patrimônio era visto como apenas acumulação e coleção de riquezas. Na Idade Média, sua concepção é acrescida de um valor estético e de interesse cultural para fins pedagógicos. Mas apenas no período entre os séculos XVI e XVIII, durante o Renascimento, o patrimônio assume a condição de documento para conhecer o passado, valorizando a sua dimensão histórica e rememorativa. Após a Revolução Francesa, conjuntos de bens e coleções de artes antes em poder da Igreja Católica e da nobreza da época passam para as mãos do Estado, que ora começam a institucionalizar o patrimônio através da criação de museus. Com o isolamento do patrimônio em museus, delega-se a ele uma função científica que juntamente com o seu apreço histórico e artístico, irá

contrapor-se aos dogmas vigentes, pós-Revolução Industrial, de ruptura com o passado desvinculado de uma continuidade histórica. Desta forma, ele motivará os *Grand Tours* da alta classe europeia e será determinante para a consagração dos museus como lugares de visitação. Após a Segunda Guerra, o patrimônio desempenha importante papel para a fomentação do nacionalismo e torna-se elemento essencial para a emancipação intelectual e para o desenvolvimento cultural das pessoas. Percebe-se a urgência da reconstrução do patrimônio destruído e inicia-se a elaboração das primeiras políticas de gestão do mesmo para fins educativos e culturais. Em 1982, durante a Conferência Mundial sobre Políticas Culturais, realizada no México, a UNESCO apresenta o documento que define patrimônio cultural como “as obras de seus artistas, arquitetos, músicos, escritores e sábios, assim como as criações anônimas, surgidas da alma popular, e o conjunto de valores que dão sentido à vida” (DIAS, 2006, pg. 72).

Hoje, ainda pode-se perceber que o conceito de patrimônio cultural continua dinâmico e incorporando novas dimensões para atender ao próprio dinamismo da sociedade e das culturas. Em suas vertentes tangível e intangível, o patrimônio está relacionado com o território e com a construção da identidade cultural e social de uma população. Neste trabalho em que se exaltam a territorialização de culturas locais por meio de roteiros turísticos e a cultura sertaneja como vínculo maior na estruturação de um mosaico cultural, permita-se a utilização de uma definição mais ampla de patrimônio cultural:

No conceito mais amplo de patrimônio cultural estão presentes as esferas da natureza, o meio ambiente natural onde o homem habita e transforma para sobreviver e realizar suas necessidades materiais e simbólicas, o conhecimento, as habilidades, o saber fazer humano, necessários para a construção da existência em toda sua plenitude, e os chamados bens culturais propriamente ditos, que são os produtos resultantes da ação do homem na natureza. (BOLLE 2003 *apud* DIAS, 2006, pg.73)

O patrimônio cultural é considerado atualmente, um conjunto de bens materiais e não materiais, que foram legados pelos nossos antepassados e que, em uma perspectiva de sustentabilidade, deverão ser transmitidos aos nossos descendentes, acrescidos de novos conteúdos e de novos significados, os quais, provavelmente, deverão sofrer novas interpretações de acordo com novas realidades socioculturais (DIAS, 2006, pg. 68). Em nossos tempos consideramos o patrimônio cultural como aquele que abrange tanto os bens naturais quanto aqueles produtos da ação humana decorrentes da sua existência e da interação com o seu meio. Ele ainda é de caráter tangível, material, construído, palpável

e perceptível ao olhar; ou intangível, imaterial, carregados de tradição e oralidade, imaginável. Os bens tangíveis do patrimônio cultural consistem de construções antigas, ferramentas, objetos pessoais, vestimentas, museus, cidades históricas, patrimônio arqueológico e paleontológico, jardins, edifícios militares e religiosos, cerâmica, esculturas, monumentos, documentos, instrumentos musicais e outros objetos que representam a capacidade de adaptação do ser humano ao seu meio ambiente e a forma de organização da vida social, política e cultural. (...) Os bens intangíveis são formados por todos aqueles conhecimentos transmitidos, como as tradições orais, a língua, a música, as danças, o teatro, os costumes, as festas, as crenças, o conhecimento, os ofícios e técnicas antigas, a medicina tradicional, a herança histórica, entre outros (DIAS, 2006, pg. 68).

Segundo Dias (2006), em termos gerais o patrimônio é configurado por três aspectos que contribuem para a sua definição e que ainda expõem as suas dimensões percebidas em sua evolução histórica. Esses aspectos buscam, ainda, comprovar o seu valor de uso simbólico-significativo e formal:

- o patrimônio está relacionado a cultura em seu sentido amplo, bem como ao ambiente natural;
- o patrimônio está fundamentalmente relacionado com o passado de um povo, é uma herança, faz parte de um legado cultural;
- o patrimônio apresenta eficácia simbólica, refere-se a uma realidade cultural que supera o objeto ou a ação em si – manifestações tangíveis e intangíveis do patrimônio – e converte-se em uma representação da comunidade que o herdou e o detém, bem como de seu passado, a fim de tornar-se um símbolo de identidade dessa comunidade.

O patrimônio cultural de um lugar torna-se crucial para o desenvolvimento da prática de turismo cultural. É através dele que irão se perpetuar o arcabouço simbólico e representativo de toda uma cultura e que esta mesma se encarrega de transformar o seu valor histórico-social em atratividade turística. Surge, então, a instalação de um capital cultural que será ocupado em prol da valoração do espaço e dos valores de uma comunidade. É importante mencionar que o patrimônio cultural de uma região só poderá ser oferecido aos visitantes desde que este seja primeiramente legitimado como bem pelos próprios moradores desta região. Estes, por sua vez, tornar-se-ão guardiões de seu patrimônio, colaborando para a sua preservação e integridade.

Em Dias (2006), outros autores destacam que a capacidade criativa das comunidades está associada aos seus patrimônios culturais e que tal relação é tida como um processo social assemelhando-se ao de formação de capital, que se acumula e que se renova (CANCLINI, 1999, *apud* DIAS, 2006, pg. 77).

As ações de ressignificação de *Grande Sertão: Veredas* pelo turismo, a organização social de moradores e agentes culturais e a participação de visitantes somam-se à grande tentativa, em um único espaço social, de premeditar uma luta pela emancipação e legitimação dos grupos culturais que residem no mosaico. A batalha pela legitimidade do patrimônio cultural sertanejo é diária e as vitórias culminantes da luta encontram-se na valoração de todo o patrimônio material e imaterial circundado pelo mosaico e descrito na obra de Rosa e, ainda, pela distinção social do jagunço sertanejo do norte e noroeste mineiros. Assim, delimita-se a existência e objetividade de um capital cultural incorporado (BOURDIEU, 1998). Este capital tem por delimitação a historicidade da formação social e econômica dos povos da região, assim como das suas tradições e modos de vida passados através da oralidade e dos processos de ressignificação ocorridos ao passar do tempo. Desta forma, torna-se possível fortalecer as ideias e representações coletivas que os próprios habitantes do sertão constroem através da história (PESAVENTO, 2006), dando novos significados às coisas e à realidade.

Em termos, gostava que morasse aqui, ou perto, era uma ajuda. Aqui não se tem convívio que instruir. Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. Viver é muito perigoso... (ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**, pg. 25)

Percebe-se o campo das ideias e do pensamento subjetivo em relação ao Sertão forjados pela própria população. As representações acerca do lugar pelo próprio homem que o habita é pressuposto importante para a imaginação coletiva deste mesmo lugar. A consciência da violência externada pelo próprio narrador condiz com a sua própria vida de jagunço como parte de um sistema de jagunçagem que ora constitui a identidade e o imaginário social dos que ali vivem ou visitam.

Mas o mais garboso fiquei, prezei a minha profissão. Ah, o bom costume de jagunço. Assim que é vida assoprada, vivida por cima. Um jagunceando, nem vê, nem repara na pobreza de todos, cisco. O senhor sabe: tanta pobreza geral, gente no duro ou no desânimo. Pobre tem de ter um triste amor à honestidade. São árvores que pegam poeira. A gente às vezes ia por a, os cem, duzentos companheiros a cavalo, tinindo e musicando de tão armados - e, vai, um sujeito magro, amarelado, saía de algum canto, e vinha, espremendo seu medo, farraposo: com um vintém azinhavrado no concho da mão, o homem queria comprar um punhado de mantimento; aquele era caso, pai de família faminta. Coisas sem continuação... Tanto pensei, perguntei: - "Para que banda o senhor tora?" E o Vupês respondeu: - "Eu, direto, cidade de São Francisco, vou forte."

Para falar, nem com uma pontinha de dedo ele não bulia gesticulado. Então, era mesmo meu rumo - aceitei - o destinar! (ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**, pgs. 71-72)

Na proposta de reconhecimento oficial de um roteiro turístico na região do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu (2012), nota-se a utilização da obra de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, como relator dos patrimônios culturais e naturais, dos bens tangíveis e intangíveis, do homem sertanejo, dos jagunços e dos contextos históricos de ocupação daquele espaço e de suas práticas sociais. Na Proposta de Reconhecimento (2012), leia-se:

O romance *Grande Sertão: Veredas*, do escritor mineiro João Guimarães Rosa, tem inúmeras passagens referenciadas no território do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu, constituindo-se no próprio cenário da obra, que retrata com extrema sensibilidade e realidade regional, com descrições de locais, a relação do homem com a natureza e as características culturais, ainda hoje encontradas na região. (Proposta de Reconhecimento Oficial, FUNATURA 2012, pg. 52)

A utilização do romance de Rosa intensifica o valor social da obra e evidencia o potencial turístico da região na forma de um destino de turismo cultural literário. *Grande Sertão: Vereda* se encarrega de consolidar um extrato de uma construção social no tempo e no espaço através da trajetória de Riobaldo Tatarana pelo sertão mineiro.

O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucúia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Urucúia vem dos montões oeste. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá - fazendões de fazendas, algargem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas lá há. O *gerais* corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda parte. (ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**, pg. 08)

Acompanhar esta trajetória é aludir ao patrimônio material e imaterial sertanejo os seus valores simbólicos e a representação do mesmo na utilização da literatura como geradora de fluxo turístico e de estimulante de seu atrativo.

A imaginação funciona como um dispositivo dos símbolos constituintes deste patrimônio e através deles uma coletividade alcança a sua própria identidade e coerência social, libertando-se de restrições cotidianas. Para Baczko (1985), a apropriação dos símbolos reforça a dominação efetiva criando guardiões de um sistema de representações

que ora traduzem e legitimam a ordem em qualquer grupo social. Ainda, tais guardiões podem restringir a produção de representações e do imaginário social deste grupo. O bloqueio desta restrição coincide com o aparecimento de um poder centralizado e institucionalizado cujo papel é de promover a autonomia e a diferenciação deste grupo social. Isto ocorre através da desritualização e do manejo dos imaginários sociais. Entretanto, segundo o autor, este manejo pode intensificar e especializar a manipulação dos imaginários sociais (ELLUL, 1967, *apud* BACZKO, 1985, pg. 300), resultando em um cenário propício para o exercício de poder e despotismo estatal ou de instituições.

Ainda, segundo Baczko, o imaginário tomado como uma categoria de análise dentro das ciências positivistas foi relutado e colocado em oposição aos verdadeiros conhecimento e saber. Tratava-se, pelo menos até a segunda metade do século XIX, de determiná-lo como exatamente a falta da verdade, a ilusão. Porém, foi em decorrência do historicismo presente nos grandes sistemas filosóficos, marcado pela filosofia hegeliana, que se especula sobre a forte ligação entre o “verdadeiro” e o “ilusório”. Ambos lados se interacionam e dialeticamente demonstram um movimento de manifestar-se e esconder-se que, neste compasso, acabam por tomar um posicionamento na “lógica da história” (BACZKO, 1985, pg. 303).

Nesta perspectiva de dualidade e de sobreposicionamento dialético do real e do ilusório, Pesavento (2006) nos mostra que o referente das representações sobre o mundo é sempre o real. Por conseguinte,

... o imaginário - este sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens constroem através da história para dar significado às coisas - é sempre um outro real e não o seu contrário. (PESAVENTO, 2006, pg. 50)

Desta forma, tomamos o espaço geográfico descrito em *Grande Sertão: Veredas* e presenciado por moradores e visitantes no **Mosaico Sertão Veredas- Peruaçu** como referente das representações que compõem o imaginário social em torno do Mosaico e das atividades turísticas ali desenvolvidas. Os próprios moradores, visitantes e gestores são responsáveis por legitimar este imaginário através de suas práticas sociais e de suas próprias realidades, que ora ressignificam a obra de Guimarães Rosa. Para tanto, Pesavento afirma que,

O imaginário existe em função do real que o produz e do social que o legitima, existe para confirmar, negar, transfigurar ou ultrapassar a realidade. O imaginário compõe-se de representações sobre o mundo do vivido, do visível e do experimentado, mas também sobre os sonhos, desejos e medos de cada

época, sobre o não tangível nem visível, mas que passa a existir e ter força de real para aqueles que o vivenciam. (PESAVENTO, 2006, pg. 50)

A criação ou o manejo de um sistema de símbolos já existente permite aos moradores das localidades compreendidas pelo Mosaico agirem sobre suas próprias imaginações e transportarem a si mesmos para fora de si, fazendo com que suas existências sejam prolongadas por meio das imagens de si próprios e de outrem. A imaginação desencadeia paixões e estas direcionam-se de forma estrita à manutenção dos símbolos e representações. Ela serve como guia e contribui para a formação da imaginação coletiva criando novos valores (BACZKO, 1985, pg. 302) e fortalecendo a legitimidade do homem sertanejo, da forma descrita no romance de Guimarães Rosa. É através dos símbolos e das representações que o sertanejo poderá compartilhar seus mitos e almejar a continuidade de sua existência enquanto membro de um grupo social legítimo e detentor de um patrimônio de valores e esperanças. Para Baczko, a dicotomia real/ilusório faz parte do processo de construção de um sistema de símbolos e representações e que esta assume papel fundamental para a perpetuação da existência de uma sociedade, dando-lhe consciência temporal e espacial através de sua própria verdade,

O patrimônio de valores se traduz na representação simbólica e sintética de ações, cristalizada nos fragmentos e resíduos da matéria da cultura (HORTA, 2005 *apud* BRUSADIN, 2015, pg. 70). O patrimônio torna-se objeto da contextualização histórica, social e econômica e dos próprios interesses das entidades representativas deste mesmo patrimônio. O imaginário criado em torno dos símbolos e das experiências permitidas pela prática social do turismo no Mosaico reforçam o poder das representações coletivas e acabam por estabelecer um risco de historicidade que amarra a materialidade e a imaterialidade da cultura das pessoas que vivem na região. Para Brusadin, as pessoas de um determinado grupo social podem além de construir o seu patrimônio, elas são capazes de dar teor simbólico às construções sociais que lhes são permitidas. Tais contribuições impreterivelmente são carregadas de historicidade e do próprio imaginário simbólico destes grupos que os as incorporam. Segundo Brusadin,

O patrimônio é reflexo da sociedade que o produz, sendo que mesmo que ele não seja construído pela coletividade, é essa sociedade quem o acaba legitimando e incorporando o seu teor simbólico. Pode-se concluir que qualquer definição que surja de patrimônio remete a um fator comum, o de “patrimônio simbólico”, representado pelo entrelaçamento entre a materialidade e a imaterialidade dos objetos que marcam determinado tempo e sua gente. (BRUSADIN, 2015, pg. 71)

Tendo o tempo histórico como elemento crucial na incorporação de um patrimônio criado, é importante salientar a presença da memória dos grupos sociais e culturais que compõem o Mosaico. Acessar a memória dos povos do Sertão significa fortalecer os símbolos e o imaginário em torno das representações de Grande Sertão: Veredas e do universo (patrimônio) sertanejo ressignificado pelo turismo. É parte da objetividade da Proposta de Reconhecimento Oficial do Mosaico (2012) o estabelecimento da identidade sertaneja através das representações de seu patrimônio. Segundo Brussadin,

As representações do patrimônio e sua manipulação simbólica se inserem no processo identitário que está relacionado à percepção dos tempos históricos de uma sociedade. Ao nortear este aspecto, tornam-se importantes as questões da memória e da identidade para a compreensão da dinâmica patrimonial. O patrimônio histórico, em sentido amplo, faz parte de um processo maior ainda, englobando a concepção da memória, graças à qual os povos procuram estabelecer a sua identidade. (BRUSADIN, 2015, pg. 73)

O patrimônio cultural é submetido a um processo de seleção em que elementos representam uma dominação política ou ideológica. Em muitos casos é o acúmulo de seu capital simbólico e cultural que irá ser considerado para a legitimação deste patrimônio. O capital cultural representa uma continuidade histórica e referencial da identidade cultural dos grupos sociais. O processo de escolha ao qual o patrimônio é submetido é feito por modo de seleção ou de exclusão, que ora é institucionalizado, ora é outorgado pela própria população. Torna-se fundamental a percepção do espaço físico ao seu redor para que, então, o próprio sertanejo possa transfigurar o capital simbólico das práticas sociais em seu próprio patrimônio simbólico e cultural.

Lhe mostra os altos claros das Almas: rio despenha de lá, num afã, espuma próspero, gruge; cada cachoeira, só tombos. O cio da tigre preta na Serra do Tatú – já ouviu o senhor gargaragem de onça? A garôa rebrilhante da dos-Confins, madrugada quando o céu embranquece – neblim que chamam de xererém. Quem me ensinou a apreciar essas as belezas sem dono foi Diadorim... A da-Raizama, onde até os pássaros calculam o giro da lua – se diz – e cangussú mostra pisa em volta. Lua de com ela se cunhar dinheiro. Quando o senhor sonhar, sonhe com aquilo. Cheiro de campos com flores, forte, em abril: a ciganinha, roxa, e a nheica e a escova, amarelinhas... Isto – no Saririnhém. (ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**, pg. 26)

Entre os benefícios resultantes da valoração do patrimônio, distingue-se aquele que valoriza a identidade cultural, as representações, o imaginário e todos os símbolos que os compõem. Em *Grande Sertão: Veredas*, o autor explicita a intimidade do homem

sertanejo com o seu meio. O bucolismo e o conhecimento profundo sobre os animais, os relevos e sobre a “cronologia” do sertão. O homem identifica-se com o seu próprio patrimônio e este é legitimado em seu discurso e na forma de se lidar com ele. Este universo descrito na obra e vivido pela comunidade transforma-se em atratividade turística e componente essencial de aproximação entre a ficção e a realidade.

Os bens patrimoniais possuem caráter arbitrário (DIAS, 2006). Entretanto, pode-se, através de políticas que visam a diversidade e a apropriação social e simbólica de forma correta, pormenorizar a ação discriminatória no processo de eleição dos bens culturais das comunidades. Torna-se objetivo, então, contribuir para a amplitude da memória coletiva, sem excluir as particularidades das sociedades representadas pelas minorias étnicas, camadas populares, classes e grupos sociais oprimidos, etc.

Na composição de um roteiro turístico que possa abranger o patrimônio histórico, cultural e ambiental das comunidades do Mosaico sem distinção, basta apropriar-se do itinerário de Riobaldo, que em movimentação geográfica evoca grande parte do patrimônio natural e cultural e das representações simbólicas que contribuem para o enriquecimento e permanência da memória coletiva do Sertão mineiro sem ousar fazer juízo dos valores que cada um deles tem. Viggiano (1974) mostra que,

O roteiro de Riobaldo “Tatarana” quase se confunde com o Sertão, é indefinido como o próprio Sertão. Sendo ficcional, ideal, obedece principalmente às rédeas da imaginação, mas tem, como acontece em toda obra criativa, uma base também física. Podemos acompanhá-lo nas suas movimentações, desde a infância junto à “Bigri”, sua mãe, até o momento ideal em que ele narra sua saga para o moço da cidade, já quase “barranqueiro”, nas margens do São Francisco, com os mesmos companheiros de cangaço, travestidos de colonos. E com as mesmas dúvidas: o diabo vige, ou manda Deus? (VIGGIANO, 1974, pg. 28)

O início da saga de Riobaldo é marcado pela morte da mãe. Após estar sozinho, o protagonista do enredo viaja para a casa de seu padrinho onde começaria a aprender sobre o ofício de jangunço e sobre as intempéries do Sertão:

Adiante? Conto. O seguinte é simples. Minha mãe morreu – apenas a Bigrí, era como ela se chamava. Morreu, num dezembro chovedor, aí foi grande a minha tristeza. Mas uma tristeza que todos sabiam, uma tristeza do meu direito. De desde, até hoje em dia, a lembrança de minha mãe às vezes me exporta. Ela morreu, como a minha vida mudou para uma segunda parte. Amanheci mais. De herdado, fiquei com aquelas miserinhas – miséria quase inocente – que não podia fazer questão: lá larguei a outros o pote, a bacia, as esteiras, panela, chocolateira, uma caçarola bicuda e um alguidar; somente peguei minha rede, uma imagem de santo de pau, um caneco-de-asa pintado de flores, uma fivela grande com ornados, um cobertor de baeta e minha muda de roupa. Puseram para mim tudo em trouxa, como coube na metade dum saco. Até que um

vizinho caridoso cumpriu de me levar, por causa das chuvas numa viagem durada de seis dias, para a Fazenda São Gregório, de meu padrinho Selorico Mendes, na beira da estrada boiadeira, entre o rumo do Curralinho e o do Bagre, onde as serras vão descendo. (ROSA, Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**, pgs. 110-111)

Desta maneira o patrimônio cultural das comunidades sertanejas serve como artifício para tornar presente no espaço as representações que elegeram de seu tempo passado. Aliado à apropriação da obra roseana, o imaginário evocado dos símbolos e das identidades ali encontradas alcança nomeadamente o status de “real”. Segundo Halbwachs (1990 *apud* BRUSADIN, 2015, pg. 76), “o lugar torna-se representação do passado e supri algumas etapas do esquecimento”, tornando possível o objetivo maior da implementação do Mosaico como um destino turístico literário, valorar as crenças e tradições antigas, através da manutenção e preservação de suas práticas sociais e seu meio.

O turismo desempenha importante papel no mecanismo de resgate e manutenção da cultura de uma determinada comunidade. Ele atrela a compreensão do imaginário social e seus símbolos com o lazer (BRUSADIN, 2015), serve como ferramenta de preservação do lugar e das práticas sociais, incita um desenvolvimento social de forma endógena e, no caso do turismo literário, funciona como provocador cultural por parte da literatura.

CAPÍTULO 2 - Turismo e Literatura: Possibilidades Para a Craiação de Destinos

A literatura como testemunha da produção social de um povo fornece subsídios para que o itinerário de Riobaldo componha o “cartão-postal” do **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu**:

Seguindo o romance Grande Sertão: Veredas, as histórias narradas pelo personagem Riobaldo que acontecem no território do Mosaico começam após o assassinato de Joca Ramiro, líder do bando de cangaceiros mais respeitado da região. Em busca de justiça, os jagunços partem então para travessias pelo sertão da margem esquerda do São Francisco, à procura dos assassinos traidores Hermógenes e Ricardão, antigos aliados. Joca Ramiro era o pai de Diadorim, grande amor de Riobaldo, uma jovem criada como homem desde criança e destinada pelo pai às lides duras da guerra no sertão. (Proposta de Reconhecimento Oficial, FUNATURA, 2012, pg. 53)

A obra de Guimarães Rosa, como produção social, permite que enxergamos a realidade nas descrições da geografia regional e a própria construção do imaginário social resultante das interações entre o homem e o seu meio. Além disso, ela favorece a evidenciação da cultura sertaneja, exalta a imaginação e produção sociais dos povos do Mosaico e contribui para o desenvolvimento do turismo local. Segundo Candido (2011),

Dizer que ela exprime a sociedade constitui hoje verdadeiro truísmo; mas houve tempo em que foi novidade e representou algo historicamente considerável. No que toca mais particularmente à literatura, isto se esboçou no século XVIII, quando filósofos como Vico sentiram a sua correlação com as civilizações (...). Talvez tenha sido Madame de Stäel, na França, quem primeiro formulou e esboçou sistematicamente a verdade que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre. (CANDIDO, 2011, pg. 29)

Ao buscarmos analisar os fatos externos constituintes de uma obra literária, é necessário estabelecer parâmetros entre as disciplinas que se encarregam de condicionar tal análise. A sociologia da literatura dispõe de argumentos para evidenciar o elemento histórico-social estruturante do enredo e pode, pelo menos, informar sobre a relação entre a obra, o autor e as ideias (CANDIDO, 2011, pg. 14). Cabe evidenciar que tais fatores externos se transformam na própria construção artística e na estrutura interna da obra ao fornecer matéria do fato social (ambiente, costumes, traços grupais, ideias) (CANDIDO, 2011), tornando-se responsável pela unidade da narrativa. Para Candido, trata-se de atingir o nível explicativo do estudo da obra, deixando de lado aspectos periféricos da

sociologia e apenas ilustrativos da crítica literária para debruçar-se na dimensão social como fator da arte,

O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros. Neste nível de análise, em que a estrutura constitui o ponto de referência, as divisões pouco importam, pois tudo se transforma, para o crítico, em fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo. (CANDIDO, 2011, pg. 17)

Não é intenção propor uma análise sociológica ou literária sobre a constituição de *Grande Sertão: Veredas* e dos fatores sociais que explicariam a interação do autor com a obra. Não é intenção diminuir a importância desta relação para entendermos o que é legítimo na constituição da singularidade da obra e do Mosaico enquanto espaço turístico literário. Cabe neste estudo salientar uma interpretação dialética fundada na influência que o meio social exerce na obra de arte e como a obra de arte influencia o meio social (CANDIDO, 2011). Em sua condição de produto social, para a sociologia moderna, a arte é capaz de produzir sobre os indivíduos um efeito prático que altera a concepção do mundo e enaltece os valores sociais. Segundo Candido, em seus aspectos sociológicos, a arte se enquadra em um sistema simbólico de comunicação inter-humana, sendo assim, pressupõe-se identificar o seu comunicante, o comunicado, o comunicando e o efeito atingido neste processo. Ao apropriar-se da obra de Guimarães Rosa para o uso turístico é possível estabelecer um processo de expressão paralelo. O comunicante, antes apenas o autor, agora divide a função com gestores da atividade turística do Mosaico; o comunicado, as representações simbólicas da obra; o comunicando, o turista-leitor ou leitor-turista, assim como os moradores locais que ora constituem-se elemento da criação da própria obra, ora são receptores da mensagem apropriada pelos gestores do **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu**; o efeito é justamente a evidenciação da cultura sertaneja e a geração de fluxo turístico à região.

A relação turismo e literatura tem, cada vez mais, mostrado caminhos para uma apropriação do turismo enquanto ação valorizadora do patrimônio cultural de comunidades, cidades e países, mas que, também, tem contribuído para novas vertentes de desenvolvimento social e econômico de regiões antes estagnadas em suas políticas de planejamento e de desenvolvimento social ou que apenas buscam novas formações de atrativos turísticos para que pudessem ser oferecidos a nichos com características bastante distintas, mas não menos lucrativo. É nesse ponto que a relação turismo e literatura se mostra essencial para um desenvolvimento econômico alternativo àqueles

tradicionalmente conhecidos. É relevante expor que a literatura pode oferecer subsídios para a configuração da imagem turística de um destino e para a constituição da identidade cultural de um lugar.

A interação entre a literatura e a criação de uma imagem turística do Brasil funda-se em textos que remontam desde a época de seu descobrimento, sendo esta a primeira imagem que foi associada ao Brasil a partir da chegada dos portugueses e da escrita da Carta de Pero Vaz de Caminha (CUNHA LACERDA, 2006). A descrição que ainda é veiculada pelos meios de comunicação e pelo próprio mercado turístico é carregada de discursos literário e histórico, mas que foi consagrada em estereótipos, muitas vezes deturpados, da cultura brasileira tal qual vivenciamos hoje.

A literatura informativa ofereceu elementos para a criação de uma visão paradisíaca em torno do Brasil e que a publicidade turística se incumbiu de adornar o país com imaginários pouco expositivos da verdadeira identidade brasileira: “o Brasil do brasileiro”, “o lugar da libertinagem”, “o país do Carnaval”, “o lugar do exótico e do místico”, “o Brasil paraíso” (SÁ, 2002, *apud* CUNHA LACERDA, 2006).

O interesse atualmente em vincular a literatura criada a partir de ou sobre outros destinos literários pode mostrar também entusiasmo em romper com a apropriação da identidade e do imaginário brasileiros de forma dissonante. A criação do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu e conseqüentemente dos roteiros traçados pelos personagens de *Grande Sertão: Veredas* oportuniza uma aproximação legítima entre o forasteiro e o morador local.

Por fim, vale salientar que a relação turismo, enquanto uma prática de peregrinação apenas, e a literatura é, a princípio, percebida desde a época do império romano, especialmente nos tempos em que viveu o poeta Petrarca (HENDRIX, 2007, pg. 15). Segundo Hendrix, a morte e vida do poeta italiano serviram como motivadores para o início de peregrinações dos seus admiradores aos locais onde nasceu, em Arezzo, e onde viveu e ainda ao monumento onde foi enterrado na cidade de Arquà. Petrarca em vida pôde testemunhar as crescentes homenagens prestadas por aqueles inspirados por sua obra e até mesmo opinar sobre as atitudes e interesses dos governos municipais em preservar os edifícios com os quais o poeta mantinha alguma relação. Ele mostrou-se consciente sobre o impacto simbólico e emocional que tais elementos proporcionavam entre os peregrinos e o espaço visitado (HENDRIX, 2007, pg. 15). Petrarca demonstrou

oscilar entre os sentimentos de orgulho e vergonha. Nesta época, o poeta em um discurso proferido no Monte Capitolino em Roma, citou Cícero para ilustrar premeditadamente a sua reação perante a apropriação de sua vida para práticas memorialistas em algumas cidades da Itália,

Sentimos comoção, de alguma forma, naqueles lugares em que os pés daqueles que amamos e admiramos pisaram. Por isso mesmo Atenas nos deleita não tanto pelos seus magníficos edifícios e suas requintadas obras de arte antiga, mas também pela memória de seus grandes homens: foi aqui que viveram, foi aqui que se sentaram, foi aqui que eles se engajaram em suas discussões filosóficas. E com reverência irei contemplar seus túmulos. (CICERO's De Legibus, II. 2.4., *apud* HENDRIX, 2007, pg. 15, minha tradução)

Mais tarde, segundo Hendrix, a contínua busca por homenagear aquelas personalidades da literatura ou do pensamento filosófico que se admiravam, especialmente Petrarca, tornara-se conhecida como peregrinação literária (*ibid.*,pg. 16). Após sua morte, várias comemorações foram executadas por amigos e intelectuais objetivando a preservação da história dos lugares associados a ele, o agrupamento de seus admiradores e assim o fortalecimento da memória coletiva em torno do poeta.

2.1 - O Turismo Literário: Cenários do Turismo Cultural

Mas quem são as pessoas que hoje aderem ao turismo literário? Segundo David Herbert (2001), elas podem ser identificadas por diferentes motivações. A primeira delas, que também é mostrada dentro da definição de turismo cultural do Ministério do Turismo do Brasil é a motivação pessoal. Este é o primeiro fator que leva uma pessoa a visitar um destino cultural ou neste caso proposto, um destino literário. Ainda para Herbert, essas pessoas procuram visitar lugares que têm uma conexão com a vida dos escritores, podendo-se exemplificar, no Brasil, a Bahia de Jorge Amado, o Ceará de José de Alencar, o Rio de Janeiro de Machado de Assis, ou as Minas Gerais de Guimarães Rosa. Os visitantes buscam um contato com lugares que foram palco das vidas destes escritores e dentro deste espaço visitar as casas onde moraram, edifícios onde trabalharam ou onde desenvolveram as suas atividades de escritores, despertando até mesmo um sentimento de nostalgia, por estarem, por algum outro motivo, intensamente apegados à literatura, especificamente a destes escritores.

Uma segunda motivação é a visita a lugares que serviram de cenário de grandes obras literárias como anteriormente mencionados, na obra de alguns escritores

brasileiros e ainda em outros grandes escritores mundiais de cidades e países que serviram como paisagem literária: a Veneza de Shakespeare, a Colômbia de Gabriel Garcia Marques, a Buenos Aires de Borges, etc. Uma terceira motivação para Herbert é bastante pessoal e emotiva e que se resume à aproximação das memórias pertencentes à infância ou de outras recordações familiares do visitante. Como exemplo, pode-se citar a obra de Monteiro Lobato ou Cecília Meireles que estiveram presentes na fase de infância de seus leitores e podem estar conectados com alguns dos lugares que desencadeiam tais memórias.

Uma quarta motivação, que também é considerada emotiva, é a ligação com algum fenômeno trágico ocorrido com o autor ou artista. Herbert exemplifica esta motivação citando o pintor Van Gogh que em uma cidade próxima a Paris onde morreu, ficou marcada a lembrança de sua morte trágica. Este evento tem atraído um grande número de visitantes a região, consolidando-a como um destino turístico.

O leitor que se torna turista busca verificar com seus próprios olhos a densidade histórica e cultural presente na obra literária. Ele é atraído pela singularidade da experiência de viver o mesmo espaço descrito na ficção e de exercer suas concretizações de sentido à realidade encontrada na paisagem real (SIMÕES, 2002). Desta forma, Simões coloca que:

Se, num primeiro momento, o leitor é tomado pelo contato com o espaço (as ruas, as praças, as fazendas, e a trama que é urdida nesse cenário), depois, além do espaço, suscitam o seu interesse outras questões mais políticas e de exigências culturais, de discussão identitária (...). Instigado pelas ressignificações literárias, o leitor-turista é impulsionado a visitar o local, conviver com a gente, perceber a cultura; poder sentir, da sua perspectiva de leitor, aquela realidade ficcionalizada. (SIMÕES, 2002, pg. 180)

Após o estágio de conhecer a tessitura da obra literária, o leitor-turista quer deslocar-se para reconhecer a região descrita na obra (SIMÕES, 2002), transformando-se em turista-leitor, e então, participar do processo de ressignificação da obra literária e de validação das representações operadas na reconfiguração da região. Os lugares mencionados, a paisagem descrita e os personagens inventados se tornam as expectativas deste turista que ora almejam concretiza-las ao visitar o lugar literário. Simões (2002) em seu estudo sobre a apropriação da literatura de Jorge Amado para o incremento do fluxo turístico na região de Ilhéus, Bahia outorga esta transição do leitor-turista ao turista-leitor:

Um outro lado da expectativa do turista-leitor é encontrar naquela cidade pacata, aquela dos olhos de Jorge Amado, como que parada no tempo. O turista foge dos grandes centros, da mesmice dos shoppings center globalizados e busca a cidade viva, não artificializada. Busca o centro da cidade, a pracinha, a paisagem peculiar que não existem nas metrópoles. Surpreende-se quando não mais encontra cavalos nas ruas, coronéis com seus chapéus de aba larga, burros com caçuás, levando o cacau para o porto, moças nas janelas, o Bataclan fervilhando de mulheres, o mar lambendo a praia da avenida Soares Lopes, a praia do Pontal cheia de banhistas... Tudo mudou. O tempo é outro. Não somente porque a ótica é diferente, também porque o lugar-tempo do olhar está deslocado. (SIMÕES, 2002, pg. 181)

A modalidade turismo literário tem contribuído de fato para um incremento bastante significativo da prática de turismo cultural. O interesse pelo estudo e investigação de tal modalidade ainda é incipiente no Brasil, assim como o número de destinos tidos como literários. Contudo, nota-se em nosso país um enorme potencial para o desenvolvimento de ações que visam a consagração de lugares cuja atratividade seja algum cenário de ficção literária ou que esteve fortemente ligado à trajetória de um escritor. O Brasil destaca-se pela imensa diversidade de produções literárias que ora contemplam períodos históricos claramente expostos em sua arquitetura e no modo de vida de sua população, ora revelam regionalismos linguísticos, gastronomia, diversidade racial e paisagens naturais.

Herbert ao mostrar a delimitação dos lugares literários e o que eles podem oferecer enquanto destinos turísticos também sinaliza sobre o perfil dos visitantes destes destinos, especificamente na Inglaterra, nos primeiros anos em que esta prática é desenvolvida na Europa. As pessoas que praticavam esta forma de turismo pertenciam às classes burguesas dominantes, que possuíam um grande capital cultural e que seus gastos e suas preferências marcavam a sua posição social. Hoje, esta prática de turismo cultural é diferenciada e identificada pela riqueza de elementos que se apresentam em forma de circularidade cultural (Pesavento, 2006) e compondo-se de novas ressignificações à medida que tais elementos são apresentados a grupos de pessoas distintos.

Para Magadán e Rivas (2012), a complexidade existente entre o mundo do livro e o patrimônio cultural radica-se em que há muitos elementos deste mundo literário que estão associados ao que poderia denominar-se patrimônio cultural tangível (casas-museus de autores, obras incunábulas, manuscritos, etc.), e muitos outros que se conectariam com o patrimônio cultural intangível (conteúdos, tradições, representações, etc.) ”. O patrimônio cultural apresentado pela literatura de uma certa região pode assim coincidir

com o mesmo patrimônio buscado pelo turista. Esta oferta/demanda caracteriza-se em uma outra modalidade de turismo cultural: o turismo literário.

Magadán e Rivas mostram que:

... o turismo literário, uma forma de turismo cultural construído ou motivado por obras literárias, tem como fundamento o desejo do público de experimentar através da obra literária uma imagem do passado ou uma imagem atual filtrada pela perspectiva do autor e vincular esta imagem ao presente real – conectar passado e presente, realidade e ficção, e os indivíduos através da obra literária. (SQUIRE, 1996, apud MAGADÁN e RIVAS, 2012, pg. 23)

A modalidade de turismo literário destaca-se primeiramente pela motivação que leva os visitantes a interagirem com lugares que ora serviam como cenários de grandes obras literárias, ora faziam parte da trajetória de escritores consagrados pela literatura. Ainda, justifica-se na discussão sobre este tema, identificar o que caracteriza as relações entre o leitor/turista ou turista/leitor com o patrimônio cultural exposto na obra literária, não obstante, também, com o próprio autor desta obra. O turista/leitor ou leitor/turista busca encontrar uma certa singularidade e contida da obra literária na região visitada. Ele deseja encontrar os mesmos lugares, os personagens e as marcas do tempo propiciadas pelo enredo do livro. Ele procura ir além do texto, ou simplesmente ir além do lugar geográfico. Ele quer enriquecer-se com a cultura e a literatura de cada região. Para tanto, Magadán e Rivas define turismo literário:

É uma modalidade de turismo cultural que se desenvolve em lugares relacionados com os acontecimentos dos textos de ficção e com a vida dos autores. (MAGADÁN e RIVAS, 2012, pg. 29)

Nota-se a apropriação de obras canônicas da literatura para a implementação de práticas turísticas em diversas regiões do mundo. As biografias de grandes autores, transformadas em museus, festivais e espaços de visitação servem também como atratividade dos lugares tidos como destinos literários. Não obstante, todos tendem a sustentar a utilização dos recursos do capital cultural dessas regiões, através da valorização do patrimônio cultural, de forma inovadora e criativa (YÚDICE, 2013).

As ações que visam a criação e manutenção de destinos literários variam em diversas formas, como exemplificado por Magadán e Rivas (2012):

Tabela 1 – Elenco de Destinos Literários e as Ações Praticadas

Cidade / Região	País	Fatos sobre o turismo literário
Ilha Prince Edward	Canadá	Aproximadamente um milhão de visitantes por ano visitaram a ilha devido à popularidade do romance <i>Anne of Green Gables</i> , de Lucy M. Montgomery. ¹
Estocolmo	Suécia	Lugares chaves descritos nos romances da série <i>Millenium</i> , de Stieg Larson, fazem parte, com grande êxito, de visitas guiadas pela cidade. ²
Paris	França	Em 2005, quase um milhão de turistas viajaram a Paris em busca da rota de <i>O Código da Vinci</i> . ³
Londres e região	Inglaterra	<p>Londres foi nomeada como o primeiro destino para turistas que buscam nutrir-se de literatura. Está em prática uma iniciativa denominada “Get London Reading”, que explora a interface do Google Maps de uma forma visualmente atrativa. Seu objetivo consiste em localizar sobre um mapa de Londres livros relacionados com a cidade, mostrando como marcadores a capa dos mesmos e oferecendo detalhes de cada obra. Ainda, pode-se colaborar com o projeto sugerindo marcadores novos.</p> <p>Publicação de <i>Potter Mapa</i>, devido ao grande sucesso dos livros da série <i>Harry Potter</i>, de J.K. Rowling, e pelo grande interesse dos turistas pelos caminhos percorridos pela personagem principal.</p>
Zaragoza	Espanha	Destaque ao turismo literário no Plano Estratégico 2009-2014, da prefeitura da cidade, proporcionando a criação de diversas rotas turísticas que contemplam três grandes ícones: <i>Goya</i> , <i>Sender</i> e <i>Galdós</i> .
Aracataca	Colômbia	Cidade onde nasceu <i>Gabriel García Márquez</i> e que inspirou o autor na criação de Macondo, lugar fictício em <i>Cem Anos de Solidão</i> e que hoje a “Ruta de Macondo” atrai um grande número de turistas interessados em conhecer sobre a vida do autor e os lugares citados em seu romance.
Bath	Inglaterra	Festival <i>Jane Austen</i> , que completa, em 2015, quinze anos.
Madri	Espanha	Bairro das Letras, lugar onde residiram vários escritores do <i>Siglo de Oro</i> da literatura espanhola: <i>Quevedo</i> , <i>Góngora</i> ,

		Lope de Veja e Cervantes . O bairro era lugar de encontro dos literatos e muitos lugares que depois foram recreados por escritores em suas obras.
Barcelona	Espanha	A extensão urbana da capital catalã descrito na obra de Carmen Laforet , Las Ramblas de Vázquez Montalbán , onde pode-se percorrer o Mercado de la Boquería e a rua San Rafael, e o bairro de Gracia de Barcelona narrado por Merce Rodoreda e ainda La Ciutat Vella , de Carlos Ruiz Zafón compõem a Barcelona literária.
Castilla-La Mancha	Espanha	Baseada em cinco obras literárias, Don Quijote , El Cid , El Lazarillo de Tormes , Las Coplas a la Muerte de su Padre e Viaje a la Alcarria , a “Ruta del Quijote”, declarada o primeiro <i>Itinerário Cultural Europeo</i> não transnacional e considerado o corredor eco turístico mais extenso do continente. O percurso que acompanha as pegadas do engenhoso fidalgo se divide em 10 etapas (inicia-se em Toledo e finaliza-se em Clemente) cruzando por 148 municípios de Castilla-La Mancha. Pode-se fazê-la caminhando, de bicicleta ou de carro.
Galícia	Espanha	“La Ruta da Esmorga”, conhecida pelos bares do centro histórico de Ourense, recentemente, com o apoio do Conselho de Cultura e Turismo, colocaram em prática o projeto Estancias Literárias Arousa-Norte, uma iniciativa que pretende valorizar o importante patrimônio literário e cultural da região. Arousa-Norte é o berço de escritores como: Castelao , Valle-Inclán , Rafael Dieste e Manuel Antonio , entre outros.
Gijón	Espanha	Existência da rota literária denominada “Un paseo com Jovellanos. En el Gijón del siglo XVIII”. Realiza-se um percurso por lugares de interesse relacionados com a vida do escritor Gaspar Melchor de Jovellanos dentro da cidade de Gijón.

Fonte: Magadán & Rivas Garcia, 2012

Imagem 1 – Museu Jane Austen, Chawton, Inglaterra³



Austen era uma caminhante ávida por explorar as redondezas de onde morava. Esta paixão foi claramente transferida para os personagens que a autora criou (SIMIONATO, 2016, pg. 74). Por este motivo são inúmeros os lugares descritos em seus livros que, nos dias de hoje, atraem visitantes de todas as partes da Inglaterra e despertam grande interesse naqueles que conhecem o universo de Jane Austen apenas pelos livros.

Entre os lugares descritos nos romances da autora, destacam-se a sua cidade natal, Steventon, e Bath, cenário principal de *Persuasion*. Em Steventon, onde Austen, passou grande parte de sua vida, ela encontrou bastante material social para a escrita de muitos de seus livros, tais como *Sense and Sensibility* e *Pride and Prejudice*. O museu dedicado à autora era sua casa de moradia e está localizado na cidade de Chawton, onde viveu seus últimos anos.

³ Fonte: http://www.literarytraveler.com/articles/austen_chawton/

Imagens 2 – Igreja Steventon, Chawton, Inglaterra⁴



Imagens 3 e 4 – Palácio da Pena e Hotel Lawrence, Sintra, Portugal⁵

Tanto o Palácio da Pena quanto o Hotel Lawrence estão contidos no itinerário turístico-literário *Sintreando com Eça*. O roteiro justifica-se por dar destaque à literatura portuguesa a níveis nacional e internacional e desenvolver uma atratividade turística em Sintra que não seja passageira, concretizando-se ao longo do tempo. O itinerário baseia-se no capítulo VIII da obra *Os Maias* e explora o ambiente romântico da cidade, seus monumentos e pretende transportar o visitante para dentro da obra (CARVALHO, 2009, pg. 72).

O Palácio de Pena é descrito de forma mística na obra de Eça de Queiroz, durante a visita dos personagens Carlos e seu amigo à “Vila Velha”. O Hotel Lawrence está diretamente ligado à própria vida do autor. Foi lá que Eça se hospedava quando visitava Sintra. O hotel ganhou grande reconhecimento por haver hospedado outros famosos intelectuais como George Byron e o maestro alemão Richard Strauss, sendo lembrado como o hotel mais antigo da península ibérica.

⁵ Fonte: <http://http://www.cm-sintra.pt/turismo>



Imagens 5 e 6 - Casa-Museu Gabriel García Márquez, Aracataca/Maconda, Colômbia⁶



⁶ Fonte: <http://www.eluniversal.com.co/cultural/hay-festival-comienza-con-homenaje-gabo-182065>

A obra de García Márquez que mais inspirou a criação de um roteiro turístico na Colômbia foi *El General em su Laberinto* que descreve as andanças de Símon Bolívar pelo continente sul-americano, especificamente o trajeto entre Bogotá e Santa Marta Magdalena, no norte do país. O roteiro chamado “La Ruta del Laberinto” presencia o realismo mágico que caracteriza o autor, além das personagens fictícias ou reais encontrados no livro e no próprio itinerário geográfico proposto pelo roteiro (GONZÁLES, 2008). Próximo ao final do itinerário, encontra-se a mítica Aracataca, berço do autor e que se tornou ícone de seu livro *Cien Años de Soledad*, com o nome de Macondo. Ali está a Casa-Museu Gabriel García Márquez que imortaliza o local que tanto inspirou o escritor em diversas obras e hoje atrai visitantes de vários lugares da Colômbia e do exterior.

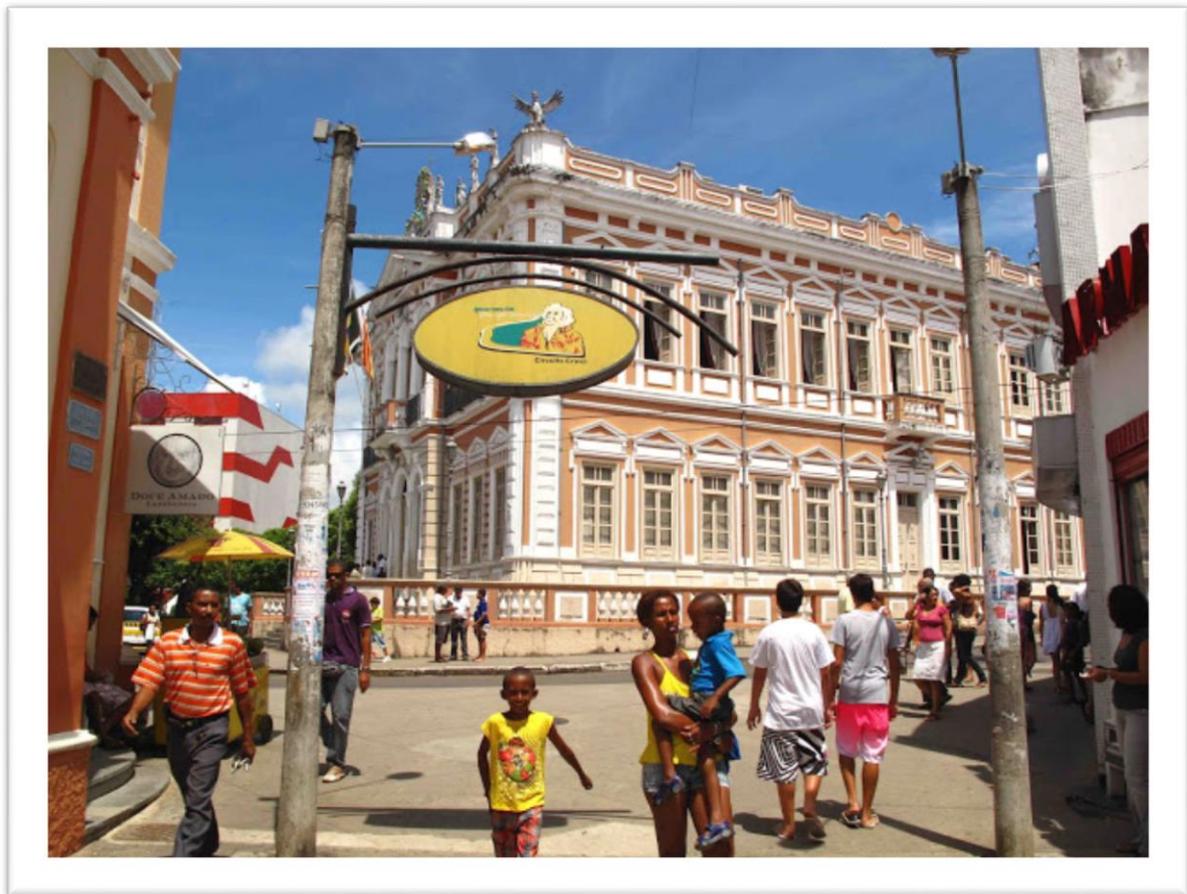


Imagem 7 – Bar Vesúvio, Ilhéus, Brasil⁷

Ilhéus, palco da saga cacauera de Jorge Amado nos romances *Cacau*, *Terras do Sem-Fim*, *Gabriela Cravo e Canela*, *São Jorge dos Ilhéus*, *Tocaia Grande*, faz povoar o imaginário de leitores das terras do cacau da Bahia (SIMÕES, 2002). O turista tem como opção mergulhar no universo de Amado através da gastronomia local, tão bem descrita na obra do autor e ainda visitar o casario histórico da cidade que presenciou tantas estórias contadas. O Bar Vesúvio e o Bataclan trazem aspectos que relembram personagens e estilos de uma época importante para a constituição da própria história e memória do lugar. Grande parte da saga dos personagens de Jorge Amado e o valor turístico-cultural encontram-se circunscritos no Quarteirão Jorge Amado para serem apreciados pelo visitante. O Quarteirão constitui um roteiro que valoriza o turismo cultural na região e amplia as estratégias interpretativas que atribuem o valor de significado ao patrimônio material construído (MENEZES, 2008).

⁷ Fonte: <http://www.viajarpelomundo.com/2010/03/ilheus-terra-de-jorge-amado.html>

Imagem 8 – Centro Histórico, Ilhéus, Bahia, Brasil



Muitas são as contribuições advindas da relação entre literatura e turismo. A apropriação de textos literários ou da própria vida de um grande escritor podem servir como incremento da atratividade turística de um lugar, propiciando o aumento do fluxo turístico na região. Entretanto, a literatura ajuda a evitar o caráter uniformizador do turismo convencional e global nos destinos turísticos com potencial literário. Essa interação permite a valorização da identidade e da diversidade cultural das comunidades, presentes na ficção e no real. Ela pode contribuir para o fortalecimento da autoestima dos habitantes e providenciar um desenvolvimento social de forma mais endógena.

O morador, na condição de visitado e de elemento crucial da narrativa literária, desempenha importante papel no compartilhamento da experiência e da singularidade do lugar. Ele também é propagador de uma releitura da obra e da utilização desta como recurso ao turismo. A reflexão de Simões nos diz que:

Por sua vez, o habitante local (também leitor), sentindo-se um tanto dono da "marca", busca explorar o que a obra produziu. Faz a sua cidade re-ler a obra através de apelos semióticos. Estabelece "pontes" entre o imaginado e o real.

Assim, passa a acontecer uma relação entre os turistas e os locais; relação essa que tem, como intersecção, a obra amadiana. Os locais procuram traduzir isso para os turistas, na maneira de receber, de comer, de viver. Assim a cidade é tornada texto, re-lida. (SIMÕES, 2002, pg. 182)

O interesse pelo turismo literário como objeto de estudo da academia é bastante recente. Pouco se tem pesquisado acerca das relações que podem ser estabelecidas entre Turismo e Literatura. Entretanto, as possibilidades de aproximação entre os dois campos de estudo têm aumentado consideravelmente, tanto quanto são as opções de se visitar um destino denominado ou que traga características de um lugar literário.

As primeiras discussões sobre o tema partiram da publicação de artigos científicos que já especificamente tratavam da convergência dos dois campos de estudo e que pudessem fazer surgir problematizações inerentes ao turismo literário *per se*. Em 1994 e 1996, respectivamente, Squire publicou *The Cultural Values of Literary Tourism* e *Literary Tourism and Sustainable Tourism*. Contudo, apenas com as publicações dos livros *Literature and Tourism – Reading and Writing Tourism Texts* (Anderson and Robinson, 2002) e *The Literary Tourist* (Watson, 2006) que o turismo literário ganhou status de sub-área de estudo dentro das pesquisas de turismo cultural e turismo patrimonial na Europa (HOPPEN, 2012).

No Brasil o interesse pelo tema é, todavia, mais incipiente. Destaca-se o trabalho da Professora M^a de Lourdes Netto Simões na Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia. Seu trabalho ressalta a importância do patrimônio cultural da região como descrito na obra literária de Jorge Amado e a sua utilização para o desenvolvimento sustentável do litoral sul baiano, reiterando assim a vocação do lugar como destino turístico literário. Desta universidade, surgiram diversas publicações sobre o tema, frutos do extinto Programa de Pós-Graduação em Cultura e Turismo e do Núcleo de Pesquisa em Identidade Cultural e Expressões Regionais - ICER. Hoje, a discussão sobre turismo e literatura está presente em algumas universidades, no poder público e em organizações não-governamentais mundialmente e contempla inúmeras possibilidades de afinidade entre as duas áreas.

Atualmente, percebe-se um interesse crescente em desenvolver pesquisas sobre o tema de forma mais sistemática e contundente. Nota-se também a relevância do assunto para organizações governamentais e da sociedade participativa na criação e discussão de políticas culturais e de turismo. Destacam-se os seguintes projetos de pesquisa e iniciativas:

Lit&Tour – Projecto de Investigação em Literatura e Turismo

Criado em 2012 por professores da Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo da Universidade do Algarve, da Escola Superior de Turismo e Hotelaria de Estoril e por pesquisadores do Centro de Estudos Comparatistas e do Centro de Tradições Populares, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tem como objetivo refletir sobre a relação entre literatura e turismo e promover pesquisa no âmbito destas duas áreas científicas. O projeto terá como ápice de seu desempenho a realização do evento Conferência Internacional Portugal Literário em junho de 2016, cujos eixos de discussão são “Literatura e Turismo – conceptualização e tendências, Espaços/Territórios Literários – construção e comunicação e Turistas, Viajantes e Escritores – motivações, experiências, impactos”.

III Colóquio Internacional Interdisciplinar: “Literatura, Viagens e Turismo Cultural no Brasil, em França e em Portugal”.

A organização ficou a cargo da Universidade de Lisboa juntamente com o Grupo de Investigação Territur – Turismo, Cultura e Espaço, desta mesma universidade. O evento ocorreu em janeiro de 2015 e trouxe como temas de debate “As perspectivas interdisciplinares: geografia, história e literatura, a Escrita dos lugares, guias e itinerários turísticos e Patrimônio, identidade e desenvolvimento local”.

KZN Literary Tourism

É um grupo de pesquisa iniciado em 2002, pela professora Lindy Stiebel, do Departamento de Estudos Ingleses da Universidade de KwaZulu, na África do Sul. O objetivo do projeto é traçar um mapa literário da região que possa potencializar a apreciação pelos escritores locais e suas obras, ao fazer com que visitantes percorram as trilhas turísticas sugeridas pelo mapa. Ainda, o grupo preocupa-se com a discussão da relação turismo e literatura, incitando a reflexão em colóquios e publicações sobre o tema.

ICER – Identidade Cultural e Expressões Regionais

Atua em pesquisa relacionada à literatura, à cultura e ao turismo sustentável, no Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus,

Bahia. Possui duas vertentes de pesquisa “Identidade, memória, expressões culturais e turismo e Hipermídia, cultura e turismo”. Ambas as linhas de investigação priorizam o patrimônio cultural do território litoral sul da Bahia, assim como a obra literária de Jorge Amado.

UNESCO Cities of Literature

Objetiva construir uma forte rede de parcerias entre cidades que possam encorajar o intercâmbio literário, criar iniciativas transculturais, desenvolver uma conexão literária local, nacional e internacional. Cada cidade tem como meta conquistar a excelência na literatura em um nível local, engajando cidadãos à uma cultura dinâmica das palavras. A iniciativa proporciona mapas, guias e itinerários para que o visitante possa explorar as cidades literárias através de seus patrimônios culturais, bibliotecas e festivais. Algumas dessas cidades são: Edinburgh na Escócia, Dublin na Irlanda, Reykjavik na Islândia, Norwich na Inglaterra, Heidelberg na Alemanha, Granada na Espanha, Praga na República Checa, Melbourne na Austrália e a cidade de Iowa nos Estados Unidos.

No Brasil, percebe-se a região de Ilhéus como o caso de maior desempenho na configuração do espaço para a prática do turismo literário. Menezes (2008) ilustra que:

A obra do escritor Jorge Amado tem sido responsável por boa parte da divulgação da cidade, por ter ficcionalizado muito da vida, dos costumes e da identidade da região. Por causa disso, Ilhéus é conhecida mundialmente como Terra de Jorge Amado, Terra da Gabriela e Terra dos Coronéis do Cacau. (...) Devido a essa projeção, o leitor amadiano tem especial interesse em conhecer a cidade e identificar locais históricos habitados pelas personagens ficcionais. Dentre outras razões, esse interesse tornou imprescindível a preservação do patrimônio cultural. O poder público, em função disso, formatou atrativos turísticos potencializando a imagem e a recepção do escritor grapiúna no cenário mundial. (MENEZES, 2008, pg. 02)

A discussão acerca do planejamento e da gestão de destinos tidos como literários praticamente inexiste na literatura específica do turismo no Brasil. Verificam-se algumas iniciativas e ações que podem ser assinaladas como atividades que promovem o turismo literário. Entre elas, destacam-se o **Rio de Machado de Assis**, um aplicativo elaborado para ressaltar a relação entre a obra do autor e a cidade do Rio de Janeiro. Através deste aplicativo, o turista tem acesso a mapas marcados com os lugares citados na obra ou relacionados com a vida do próprio autor (MAZZACARO, Programa “Rio de Machado” será lançado (...), O Globo, 2014). Com maior efeito, a realização da **Festa Literária**

Internacional de Paraty (FLIP), em Paraty no estado do Rio de Janeiro, caracteriza-se como um evento literário, propiciador de fluxo turístico e de desenvolvimento regional. De acordo com Nunes e Platt (2012):

A cidade sedia todo ano um dos maiores festivais literários do mundo, a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), incluída no Plano Aquarela desde 2004. A Festa foi criada com o objetivo de contribuir para a resolução dos problemas de infraestrutura urbana de Paraty. Além de promover a literatura, potencializa transformações na cidade nas áreas de preservação do patrimônio, educação e infraestrutura urbana. (NUNES e PLATT, 2012, pg. 08)

Dentro da perspectiva de turismo literário, encontram-se outras grandes potencialidades que permitem a implementação e desenvolvimento desta modalidade no Brasil. Consoante com a **Proposta de Reconhecimento da Estrada-Parque Guimarães Rosa – Uma via em benefício do turismo ecocultural e do fortalecimento da identidade territorial do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu**, identificam-se traços de apropriação da região como um destino turístico literário. O Mosaico é acentuadamente conhecido como cenário fictício da obra *Grande Sertão: Veredas* e disponibiliza um patrimônio cultural e ambiental de grande atratividade turística que tem atraído visitantes e fornecido conteúdo para a elaboração de festivais e eventos que contemplam a obra de Guimarães Rosa. Na Proposta de Reconhecimento Oficial, da FUNATURA (2012), verifica-se:

O romance *Grande Sertão: Veredas*, do escritor mineiro João Guimarães Rosa, tem inúmeras passagens referenciadas no território do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu, constituindo-se no próprio cenário da obra, que retrata com extrema sensibilidade a realidade regional, com descrições de locais, a relação do homem com a natureza e as características culturais, ainda hoje encontradas na região. (FUNATURA, 2012, pg. 52)

O turismo literário no Mosaico, objeto desta dissertação, desenvolve-se com bastante robustez e resulta aparentemente em uma interação maior entre as comunidades locais e os visitantes e a promoção do desenvolvimento social destes moradores. A ressignificação da obra de Guimarães Rosa e da cultura sertaneja são pertinentes na região e proferem a singularidade da experiência turística no lugar, através das representações do livro, da cultura sertaneja e do contato entre visitante e visitado.

Ainda no esforço de entendermos quem é o visitante e quais são as motivações que o levam a tais destinos, Simões contextualiza o seguinte pensamento,

Nesse contexto, habita o leitor que, ao interpretar o imaginado ficcional te a sua curiosidade aguçada para conhecer um mundo não familiar, movido pela vontade de ver a paisagem que inspirou o texto literário, passear pela cidade que a ficção oferece, assim nasce o leitor/turista. Não satisfeito, porém, com a mobilidade ficcional somente, ele quer ler, ver ao vivo e em cores os locais reais tomados pela ficção. Do leitor ao turista é um passo. Aquele que a mobilidade e o trânsito permitam torna-se turista/leitor viajando para conhecer e observar as ressignificações daquelas cidades antes visitadas através da leitura. (SIMÕES, 2002, pg. 178)

Destarte, a leitura pode transformar o leitor em visitante assim como a visita possui a mesma função de transformar o visitante em leitor. Este talvez seria um dos grandes desafios e benefícios da prática do turismo literário. Simões coloca como motivação para este tipo de turismo a desterritorialização que é sentimento recente provocado pelas interações globais. Saímos do mais amplo, do nosso mundo conectado para lugares mais específicos que oferecem características bastante peculiares de um local, de uma cultura e que podem estar representadas e descritas em uma grande obra literária. Nesse movimento, o visitante passa a enxergar a cidade ou a região como uma densidade histórica ao fazer conexões entre literatura e o local e assim, vice-versa (SIMÕES, 2002). Ele passa a enxergar os muitos elementos sociais e culturais do destino.

Ao voltarmos ao pensamento de Herbert (2001), ele afirma que os turistas não são passivos e que eles fazem parte e contribuem nas interações que estão acontecendo dentro do destino. Os gestores locais devem estar atentos a tais interações porque dentro de um destino literário eles são desafiados a lidar com a questão da autenticidade, se realmente é representado o que foi descrito na obra literária. Desta forma, devemos levar em conta o teor histórico, que em seu artigo, Herbert (*apud* Samuel, 1994) nos mostra que quando historiadores trabalham junto com gestores de patrimônio e conservacionistas, eles podem reinventar o passado, reconciliar o passado com o presente, a memória com o mito através de registros escritos ou de registros orais e que os turistas podem questionar o que veem. Isto explica a preocupação dos gestores com a singularidade e com os fatos históricos, para que o destino seja efetivamente um destino turístico e que possa proporcionar a performance da literatura enquanto recurso.

No processo de turistificação de lugares que possuem a literatura como recurso de atratividade é importante que se observe os elementos constituintes do patrimônio cultural e do imaginário dessas comunidades. De acordo com Herbert, tais lugares adquirem significados, mundos imaginados enquanto leitura e oferecem, criam ou despertam

emoções que são reais para o visitante, que quando passamos da leitura para a visitação vamos transformando este mundo imaginado ou os significados que damos a este mundo em emoções que são despertadas ao visitarmos tais lugares.

2.2 - O Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu : A Criação de um Destino de Turismo Cultural e Literário

Dentro desta perspectiva de turismo cultural, nasce, então, outra modalidade, um outro atrativo que oferece tais características de um destino cultural e que ainda podem estabelecer vínculos com grandes obras literárias e seus autores. Os lugares que oferecem tais atrativos podem ser chamados de destinos literários, como exposto pelo professor David Herbert (2001):

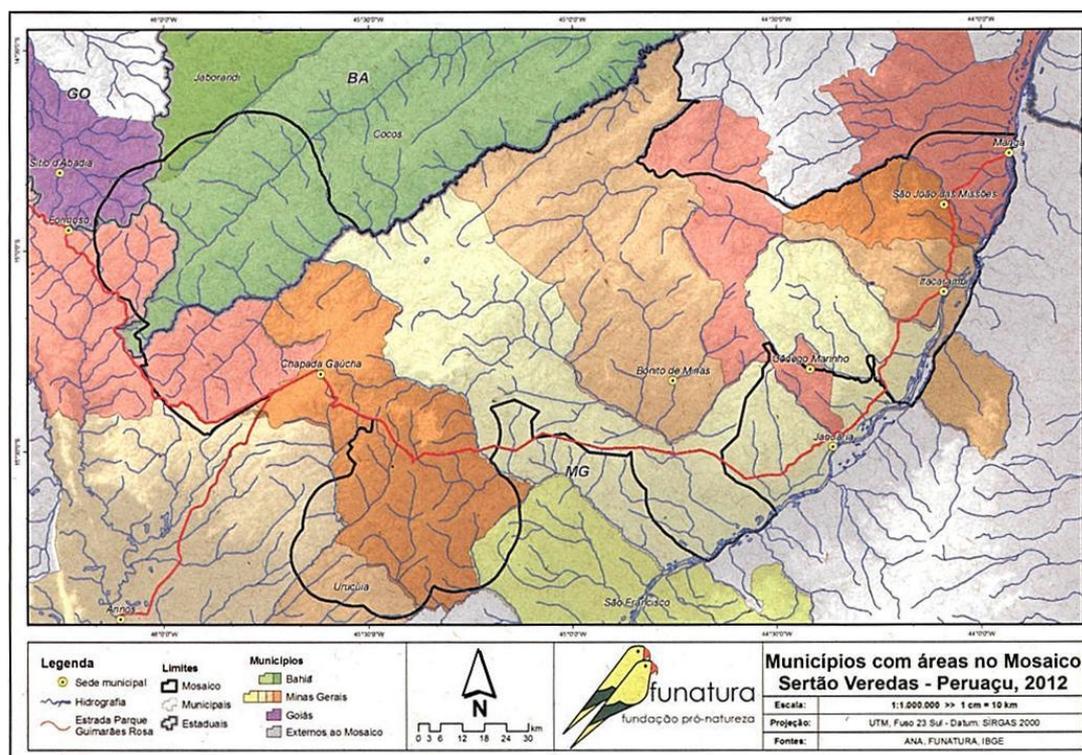
Os destinos ou lugares literários atraem outros tipos de pessoas e deixam de ser apenas um transcurso da história, ou um local de nascimento ou morte de um autor e passam a ser uma constru o social criada e amplificada para atrair visitantes. (HERBERT, 2001, pg. 313, tradu o minha)

Em consonância com o pensamento de Herbert, podemos enxergar uma inter-rela o entre literatura e turismo, que nada mais seria utilizar a literatura e o que ela pode oferecer enquanto uma prática social ou enquanto um recurso gerador de trânsito turístico para a cria o e manuten o de destinos turísticos e desta forma poder verificar como o lugar fictício espelha ou representa o real (Candido, 2011), que aqui resulta em ser a m teria-prima para a turistifica o do Mosaico.

Simões (2009) propõe, então, que esta rela o seja embasada na concep o de que a cultura possa ser tomada como um recurso utilizado para o desenvolvimento econômico, social e turístico. Desta forma, na mesma propor o em que temos a cultura como recurso e a literatura como expressão da cultura, esta   tomada com o mesmo propósito. A literatura   tomada como recurso estratégico para suscitar o turismo cultural e, também, para o desenvolvimento de um destino, de uma região, visando especificamente a valoriza o da cultural local. A literatura pode ser um recurso bastante estratégico e rico que oferece, dentro do âmbito do turismo, um esboço do imaginário e do patrimônio cultural de uma comunidade. Tudo que esta comunidade pode oferecer-nos cultural e

socialmente pode ser convertido em um fator influenciador e gerador de fluxo turístico. Como salienta Simões, dentro do imaginário e do patrimônio cultural destas comunidades, destacam-se os fazeres, os dizeres, os saberes, as vivências, os patrimônios materiais e imateriais. Assim, infere-se que a literatura pode abarcar toda a identidade cultural de uma região ou de uma nação e que esta identidade pode ser apropriada para o turismo, em forma de atratividade turística (SIMÕES, 2009)). Notoriamente podemos identificar tais premissas na Proposta de Reconhecimento do Mosaico (FUNATURA, 2012), cujo texto expõe a apropriação de *Grande Sertão: Veredas* como estruturante das políticas e ações a serem desenvolvidas. O documento ainda busca facilitar a prática do turismo eco cultural e do deslocamento no território do Mosaico, assim como o fortalecimento da identidade cultural dos povos que ali habitam e, portanto, gerar um desenvolvimento sustentável para a região.

Mapa 1 – Municípios com área no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu



Fonte: Funatura/Brasília-DF

O Mosaico permeia um número bastante significativo de municípios da região e possui como grandes atrativos naturais os Parques Nacional Grande Sertão Veredas e Cavernas do Peruaçu e ainda o patrimônio histórico e arquitetônico de algumas cidades

que ali estão localizadas. Na vertente imaterial, a região é formada por comunidades tradicionais que mantêm os seus saberes e fazeres de tempos remotos. Ainda neste mesmo intuito de resgate e de fortalecimento da cultura local, são desenvolvidos na região o **Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas**, o **Festival de Sagarana** e o evento ecoturístico **O Caminho do Sertão – De Sagarana ao Grande Sertão: Veredas** que possuem como objetivo comum a valorização das tradições, dos costumes e dos saberes locais. O projeto de turismo na região justifica-se pelo fato de ela haver servido de cenário de uma das grandes obras de Rosa: *Grande Sertão: Veredas*. Para tanto, a proposta de reconhecimento oficial da Funatura também expõe inúmeras passagens do romance do escritor mineiro referenciadas geograficamente no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu, retratando com extrema sensibilidade o cenário e a realidade regional, com descrições de locais, da relação do homem com a natureza e de suas características culturais ainda hoje encontradas lá. Estes fatos motivam e justificam a homenagem ao mestre da literatura nacional. Nada mais coerente e justo que uma vez na tentativa de ressaltar a importância cultural e ambiental do lugar, identifiquemos também a relevância turística através das diversas passagens do livro e a sua correlação com a realidade.

Imagem 9 – Folder de apresentação do projeto do Mosaico



Fonte: Funatura/Brasília-DF

2.2.1 – Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas

O Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas reconhecidamente é uma ação integradora das comunidades locais e de valorização e propagação dos costumes e tradições que constituem o patrimônio cultural destas populações. Seu objetivo geral é “consolidar as manifestações culturais das populações tradicionais que habitam o entorno do Parque Nacional Grande Sertão Veredas e da Associação dos Municípios do Circuito Turístico Urucua Grande Sertão e Velho Chico, bem como a troca de experiências, o estímulo à comercialização de produtos sustentáveis do cerrado e a discussão sobre políticas públicas que levem a um desenvolvimento sustentável da região” (Texto do Projeto do 9º **Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas**⁸).

⁸ Texto disponível no site da Prefeitura Municipal da Chapada Gaúcha.

Imagens 10 a 14 – Folderes do Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas



Fonte: Funatura/Brasília-DF

A primeira edição do evento ocorreu em 2010 com o intuito de reunir a população das comunidades afetadas pela desapropriação de suas terras devido à criação do Parque Nacional Grande Sertão Veredas. As comunidades tiveram seus costumes e qualidade de vida condicionados pelos transtornos da desapropriação territorial e pela colonização da

Vila PADSA⁹, hoje o município da Chapada Gaúcha, por forasteiros originados do sul do país.

O evento é aberto à todas as comunidades da região para a apresentação de suas tradições e para a troca de experiências, realizações da feira de produtos sustentáveis, intercâmbio cultural eco turístico e a consolidação de um espaço de manifestações culturais tradicionais do sertão (Prefeitura Municipal da Chapada Gaúcha, online, acesso em 1º de junho de 2016).

2.2.2 – Festival Sagarana

Em setembro de 2015, realizou-se no distrito de Sagarana, município de Arinos, a 6ª edição do Festival Sagarana, com o tema “Feito Rosa para o Sertão”, em comemoração pelo centenário de Guimarães Rosa. Nesta edição também foi inaugurado o Centro de Referências de Tecnologias Sociais do Sertão – CRESCERTÃO¹⁰, tendo como objetivo principal multiplicar os conhecimentos sobre os métodos, processos e sistemas, saberes e fazeres das comunidades locais, gerando trabalho e renda. A realização ficou a cargo da Prefeitura Municipal de Arinos, CRESCERTÃO, Associação dos Municípios do Vale do Urucuia e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais. Aconteceram palestras, debates, oficinas de literatura, teatro e dança, ecoturismo e apresentações musicais.

O Festival Sagarana, idealizado pelo CRESCERTÃO, nasceu com o intuito de promover iniciativas sustentáveis para a geração de emprego e renda na região da bacia do rio Urucuia. Seu objetivo específico é aprimorar as tecnologias sociais da população

⁹ PADSA – Projeto de Assentamento Dirigido à Serra das Araras, a Vila PADSA, também chamada de Vila Gaúcha, fazia parte de um projeto de assentamento que integrava os municípios de Formoso, Arinos, Januária e São Francisco. Em 1994, o então distrito do município de São Francisco emancipa-se dando origem ao município de Chapada Gaúcha (IBGE online, acesso em 1º de junho de 2016).

¹⁰ O Centro de Referência em Tecnologias Sociais do Sertão – CRESCERTÃO é um marco para a consolidação de projetos de desenvolvimento regional sustentável no sertão mineiro. Fisicamente, possui diversas tecnologias sociais de permacultura aplicadas, experiências agroflorestais, lutheria, bambuzeria, geodésica, sala multiuso, praças de socialização e hospedaria. O Centro abriga projetos comunitários que envolvem educação, ações ambientais, culturais e comunitárias. Tem como objetivo desenvolver e disseminar tecnologias sociais e fomentar empreendimentos de economia solidária, arranjos produtivos locais e regionais, além de contribuir com o desenvolvimento da agricultura familiar (Disponível em <https://festivalsagarana.wordpress.com/a-vila-de-sagarana/>, acesso em 1º de junho de 2016).

local, tais como aquelas que envolvam a agricultura familiar, a fabricação de instrumentos musicais, a produção de móveis, artesanato e cultura.

Imagens 15 e 16 – Folderes do Festival Sagarana



Fonte: Funatura/Brasília-DF

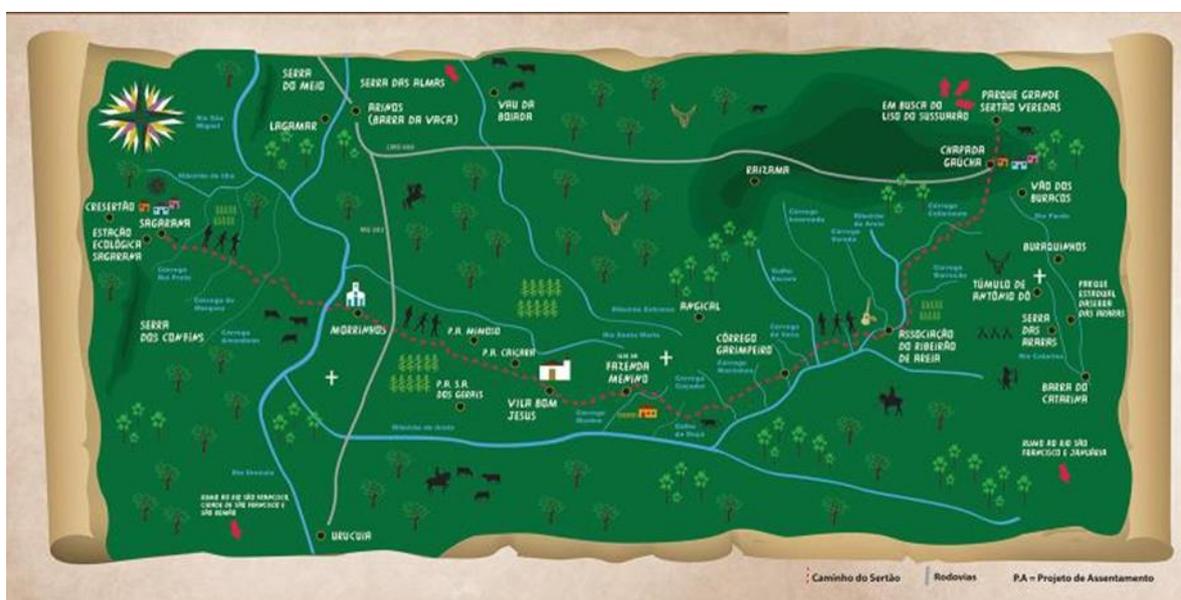
2.2.3 – Caminho do Sertão

“O Caminho do Sertão¹¹ promove um mergulho socioambiental e literário no universo de Guimarães Rosa e no cerrado sertanejo dos gerais, percorrendo parte do caminho realizado por Riobaldo, personagem central do livro Grande Sertão: Veredas, rumo ao Liso do Sussuarão.” (Disponível em <https://ocaminhodosertao.wordpress.com/sobre/>, acesso em 1º de junho de 2016).

¹¹ O Caminho do Sertão é realizado pela Agência de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Vale do Rio Urucua com apoio da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, em parceria com o Instituto Cultural e Ambiental Rosa e Sertão, o Centro de Referência em Tecnologias Sociais do Sertão (Cresertão), a Cooperativa de Agricultura Familiar Sustentável com base na Economia Solidária (Copabase), a Central Veredas e a equipe ECOS do Caminho do Sertão. (Disponível em <https://ocaminhodosertao.wordpress.com/sobre/>, acesso em 1º de junho de 2016.)

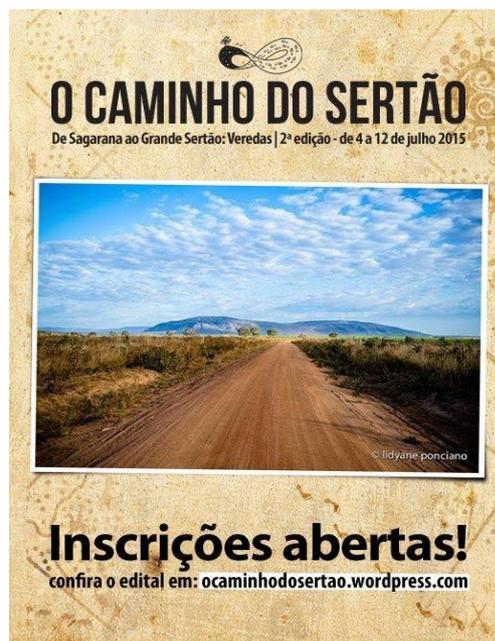
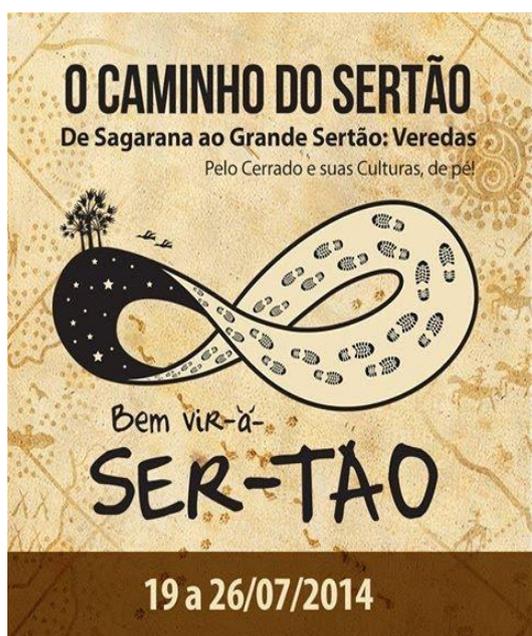
A caminhada, em sua 3ª edição, percorre os vales dos rios Urucuia e Carinhanha, tendo a sua origem no distrito de Sagarana, município de Arinos. O transcurso de 160 km, com duração de sete dias, atravessa o Vão dos Buracos, o corredor ecológico entre o Parque Nacional Grande Sertão Veredas e o Parque Estadual da Serra das Araras. Ainda estão incluídos no trajeto a Estação Ecológica Sagarana, Morrinhos, Vila Bom Jesus, Fazenda Menino, Córrego do Garimpeiro, Ribeirão de Areia e a Chapada Gaúcha. Nos pousos, promove-se a interação dos caminhantes com a população local através das folias de reis, da contação de causos e dos saberes do povo sertanejo. A caminhada chega ao seu ápice com a busca do Liso do Sussuarão, dentro do Parque Grande Sertão Veredas.

Mapa 2 – Mapa Caminhos do Sertão



Fonte: Cresertão

Imagens 17 e 18 – Cartazes do evento Caminhos do Sertão



Fonte: Crescertão

Imagens 18 a 21 - Travessia - O Caminho do Sertão



Fonte: Cresertão

As imagens acima ilustram parte do trajeto do Caminho do Sertão, realizado em julho de 2015. Entre possíveis contextualizações, destaca-se a estilização dos caminhantes como peregrinos de um itinerário que possui como temática a obra de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*. No curso do caminho, são visitadas localidades que possivelmente foram descritas pelo autor em seu livro e que agora servem de referenciais de visitação e de releitura da mesma obra.

Abaixo, presenciamos um outro momento da caminhada em que ocorre conta o de estórias e são declamados trechos da obra Roseana. Esta a o possibilita a aproxima o entre o cenário fictício do livro e o espaço tal qual vivido pelos visitantes, realçando as representa es construídas socialmente ou pela própria naturalidade do ambiente.



Fonte: Cresertão



Fonte: Cresertão



Fonte: Cresertão

Com este objetivo de conhecer e de aproximar-nos da região, simultaneamente aprofundaremos no universo do escritor e na territorialização identificada no Mosaico, conhecendo suas características e em que pode resultar da representação e ressignificação turística da obra Roseana.

Pode-se então refletir sobre como o universo de *Grande Sertão: Veredas* é ressignificado na região do Mosaico, visando encontrar a sua singularidade e justificando a prática turística na região, podendo assim caracterizá-lo como um destino literário. É também parte desta pesquisa visualizar como as comunidades envolvidas são sensibilizadas pelo projeto, e ainda sobre como tais comunidades podem utilizar deste universo de Rosa e da prática turística como fator de valorização da cultura e identidade locais para o seu próprio desenvolvimento social. Torna-se imprescindível abordarmos a discussão entorno de categorias que podem descrever e deslindar tais questões o imaginário e as representações entorno do universo de *Grande Sertão: Veredas* e de Guimarães Rosa, criado e gerenciado pelos moradores, gestores e pelos próprios visitantes.

No intuito de justificar a prática de turismo literário na região do Mosaico e de analisar como ela se dá, apreende-se que o eixo desta investigação é estruturado na representação do universo de Rosa através da prática turística e das características do destino enquanto cenário de uma grande obra ficcional cuja comunhão cultural de povos detentores de um patrimônio cultural peculiar do *sertanejo* é elemento principal da obra *Grande Sertão: Veredas*. Os visitantes, assim como os próprios visitados “elaboram ideias sobre o real, que podem ser traduzidas em imagens, discursos e práticas sociais que não só qualificam o mundo como orientam o olhar e a percepção sobre a realidade (Pesavento, 2006). Desta forma o morador e/ou o visitante/leitor irão construir, através de suas representações, a noção de espaço turístico literário e identificar uma forma de desenvolvimento e valorização da cultura e das práticas sociais em evidência. A ausência da concretude de uma realidade marca a carência de moradores e visitantes de “ser” e “estar”, na destreza da aproximação e distanciamento, de um mundo cujo referente seria o espaço geográfico e ficcional de *Grande Sertão: Veredas*. Pois como nos ensina Sandra Pesavento, “as representações são presentificações de uma ausência, onde representante e apresentado guardam entre si relações de aproximação e distanciamento”. (PESAVENTO, 2006, pg. 49)

A noção de território que se apresenta nesta pesquisa não é somente aquela delimitadora de um espaço que se compartilha das mesmas características naturais e sociais entre seus habitantes, como exposto pela geografia tradicional (Cabral, 2007), e tampouco aquela condizente apenas com a roteirização de um espaço com finalidade turística. A noção de território a ser adotada ao logo deste estudo é alimentada daquela pensada por Milton Santos (1994), cuja ideia de território contíguo ou em rede, fruto de um acontecer hierárquico ou não, poderá caracterizar o território proposto, acidentalmente ou não, pelo **Mosaico Grande Sertão-Peruaçu**. “O território a que referimos é constituído de campos de forças, teias ou redes de relações sociais (...) e não há necessidade de forte enraizamento material para que se tenha território” (Cabral, 2007). Ainda, este território pode ser profundamente e essencialmente delimitado pelo imaginário, aquele proveniente das ações de desenvolvimento turístico já implantadas, ou simplesmente por aquele que emana da própria população local ou pelo visitante quando expostos às representações do universo de Guimarães Rosa no espaço turístico proposto. Assim nos mostra Ferrara (1994):

Imaginário corresponde à prática social de atribuir significados a significados, ou seja, prática social pela qual os significados passam a acumular imagens e a significar mais. Através desta prática, pessoas, datas, espaços, fatos ou objetos podem incorporar significados extras e passam a constituir representações autônomas que desconhecem a prática social que lhes deu origem; circulam e a elas não cabe acerto ou erro, verdade ou mentira, são amorais. (FERRARA, 1994, pg. 45)

As práticas sociais que envolvem o turismo ou a inserção cultural e social dos moradores locais e dos visitantes, propiciadas pelo movimento dos festivais culturais mencionados anteriormente e pela criação de um destino turístico baseado na obra de Guimarães Rosa na região podem despertar novos significados aos elementos culturais tanto da vida real quando da fictícia. Eles devem corroborar com o adensamento do imaginário em torno da paisagem descrita no romance assim como do espaço existente na região do mosaico. O imaginário encontra a sua fonte de existência nas representações de tudo que já foi escrito, descrito, exibido, no contexto das mídias de comunicação¹² em torno do universo de Rosa. A sua existência também emana do desejo e da expectativa do discurso para uns ou através das crenças e hábitos para outros, como descreve Pesavento (2006):

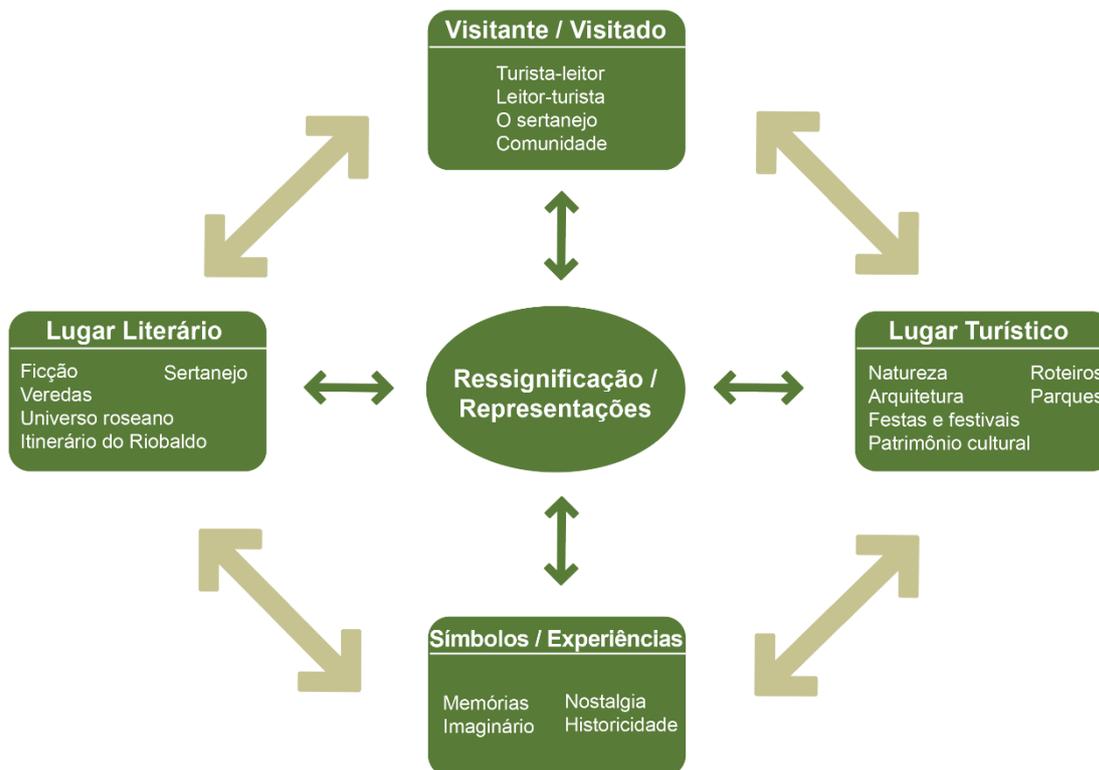
(...) o imaginário – este sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens constroem através da história para dar significado às coisas – é sempre um outro real e não o seu contrário. (...) O imaginário existe em função do real que o produz e do social que o legitima, existe para confirmar, negar, transfigurar ou ultrapassar a realidade. O imaginário compõe-se de representações sobre o mundo do vivido, do visível e do experimentado, mas também sobre os sonhos, desejos e medos de cada época, sobre o não tangível nem visível, mas que passa a existir e ter força de real para aqueles que o vivenciam. (PESAVENTO, 2006, pg. 50)

Na modalidade de turismo literário a relação entre ficção e realidade apresenta-se através do imaginário como uma variável constante. Ora, ela busca provocar concretizações, ora ela é condição de novas projeções do inexistente. O imaginário estabelece a equivalência do itinerário descrito na ficção como aquele de fato encontrado na cartografia do espaço existente; o imaginário iguala os personagens do enredo com os habitantes do lugar e as memórias descritas no romance podem coincidir com aquelas que são elementos cruciais na historicidade do sertanejo. Assim mostra Iser (2013):

¹² Para Canclini (2010, p.73-74) os meios de comunicação exercem importante influência no processo de conhecimento e na valorização de muitos bens culturais. Eles, juntamente com a publicidade, são capazes de modificar os monumentos, os testemunhos históricos e, além de seu papel difusor, dão uma nova contextualização e metaforização a este patrimônio, proporcionando uma conexão com outros campos da vida social.

A forma com que experimentamos o imaginário é difusa, informe e sem um referencial específico que consiga moldá-lo de um modo objetivo. Todavia, ele é condição para superar o existente e projetar o ainda inexistente, pois, sendo um espaço aberto, permite a invenção do possível como prenúncio de uma outra realidade. (ISER, 2013, pg. 19)

Diagrama 1 – Interações dos Componentes e Elementos do Turismo Literário no Mosaico



Proposto pelo pesquisador

Os componentes e elementos expostos acima corroboram para a assimilação da cultura do lugar, real, fictício ou turístico, que podem suscitar um envolvimento do visitante e visitado com o lugar e, portanto, desencadear experiências de sua própria essência de morador ou de turista/leitor.

Sobre a experiência de envolvimento com os lugares, Relph (1980) propõe dois conceitos, o de interioridade (*insideness*) e de exterioridade (*outsideness*), que ora buscam expor as ressignificações da experiência humana com um determinado lugar, ora lançam luz sobre o processo de conscientização da singularidade do mesmo, neste momento, de um lugar turístico literário.

Em sua abordagem, Relph mostra um lugar composto pela configuração física (natureza “terra” / ambiente construído), ou um lugar caracterizado entorno de suas atividades (criativas / destrutivas / passivas ou coletivas / individuais) e ainda, entorno de seus significados (significantes distintos e mutantes) que devem influenciar a experiência do indivíduo humano perante os lugares em que se encontra. Tal experiência pode surgir de forma direta ou indireta. A forma direta de interioridade existencial é aquela que envolve um sentimento de apego ao lugar e é tão orgânica que não precisa se tornar consciente para ser efetiva. A forma direta de interioridade comportamental refere-se a um envolvimento funcional com o lugar. A forma de interioridade empática envolve estar aberto a um envolvimento profundo com o lugar, a partir da empatia e de um interesse sincero (Marandola Jr., 2010). Tais conceitos de experiência direta com os lugares contribuem de forma efetiva para a formação da singularidade da experiência com os lugares. Porém, neste contexto de um lugar turístico literário, Relph contribui ainda de forma mais incisiva quando propõe o conceito da interioridade vicária em uma experiência indireta com o lugar, assim explorado por Seamon (1996) ao dizer que tal experiência é “aquela de segunda mão (por substituição). O nome é referência ao forte imaginário e imagem que pinturas, literatura ou mesmo a moderna mídia produzem, permitindo nos envolver por meio da comunicação criativa”.

Aos olhos do visitado, a relação com o espaço em que vive pode assumir um outro viés. Relph recorre à filosofia heideggeriana e sua base ontológica para decifrar a existência do indivíduo e a formação de sua identidade pessoal. Desta forma, para que se entenda as especificidades na construção dos lugares, deve-se compreender tais lugares como construções diferenciadas, de um lado, e como unidades internas, de outro. Portanto, a associação entre a existência e a identidade pessoal está amarrada ao senso de lugar e à sua constituição (Marandola Jr., 2010 *apud* Relph, 1976).

CAPÍTULO 3 – O Turismo Literário e o Mosaico: Possibilidades Para o Desenvolvimento Social

De acordo com a proposta de Reconhecimento Oficial do Mosaico (FUNATURA, 2012), mesmo não havendo um turismo regional planejado, algumas iniciativas foram desenvolvidas, como **O Projeto de Turismo Ecocultural de Base Comunitária**, executado pelo Instituto Rosa e Sertão, no período 2012-2014, com o apoio do Fundo Socioambiental da Caixa Econômica Federal, e acompanhamento do Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA) do Ministério do Meio Ambiente. O projeto é parte do Plano de Desenvolvimento Territorial de Base Conservacionista do **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu** (FUNATURA, 2008). O Plano ainda especifica prováveis nichos a serem desenvolvidos, levando sempre em consideração os aspectos geográficos e as paisagens naturais, as tradições, as manifestações culturais, a história, os modos de vida das comunidades e também a disponibilidade dos serviços e infraestrutura de apoio oferecidos pelos municípios. As ações a serem executadas são discutidas durante seminários em que são tratadas questões relacionadas ao desenvolvimento comunitário e à prática turística eco cultural na região (vide anexo 2). Tais questões permeiam a integração das ações de desenvolvimento socioambiental e a elaboração de políticas públicas que visam a manutenção das culturas das comunidades do Mosaico. Os festivais que ocorrem na região se tornam fundamentais na discussão acerca dessas ações e políticas, transformando-se em ponto de encontro de visitantes e moradores e essencial para a construção de uma rede de agentes e produtores sociais. Algumas potencialidades de desenvolvimento turístico são:

Segmento/Nicho	Descrição	Áreas e atividades potenciais
Ecoturismo	“É um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência	- Todas as unidades de conservação; - Atrativos naturais em áreas particulares, com respeito à capacidade de suporte e à legislação ambiental.

	<p>ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações”.</p> <p>“Este tipo de turismo pressupõe atividades que promovam a reflexão e a integração homem e ambiente, em uma inter-relação vivencial com o ecossistema e a história locais. Deve ser planejado e orientado visando o envolvimento do turista nas questões relacionadas à conservação dos recursos naturais”.</p>	
Cultural	<p>“Compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultural”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Todos os municípios, em especial os que possuem bens tombados como Arinos, Itacarambi, Januária e Manca; - Festas tradicionais que acontecem nas comunidades e nas sedes municipais, como o Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas, em Chapada Gaúcha.
Comunitário	<p>“Entende-se por turismo comunitário toda forma de organização empresarial sustentada na propriedade e na autogestão dos recursos patrimoniais comunitários, de acordo com as práticas de cooperação e equidade do trabalho e na distribuição dos benefícios gerados pela prestação de serviços turísticos. A característica distinta do turismo comunitário é a sua dimensão humana e cultural, vale dizer antropológica, com objetivo de incentivar o diálogo entre iguais e encontros interculturais de qualidade com nossos visitantes, na perspectiva de conhecer e aprender com seus respectivos modos de vida”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Vivências em comunidades tradicionais e rurais, em todos os municípios.
Social	<p>“O turismo social é a forma de conduzir e praticar a atividade turística promovendo a igualdade de oportunidades, a equidade, a solidariedade e o exercício da cidadania na perspectiva da inclusão”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Comunidades e assentamentos rurais.

	“Está focado na efetivação de condições que favoreçam o exercício da cidadania, levando em consideração questões econômicas e da carência material. O turismo social se resume no envolvimento e na participação do ser humano como pertencente ao exercício dos direitos e deveres individuais e coletivos”.	
Étnico	O turismo étnico está relacionado ao turismo cultural e ao turismo comunitário e “constitui-se nas atividades turísticas decorrentes da vivência de experiências autênticas em contatos diretos com os modos de vida e a identidade de grupos étnicos”.	- Terras indígenas Xakriabá e Xakriabá Rancharia e comunidades quilombolas.

Fonte: Proposta de Reconhecimento Oficial, FUNATURA (2012).

Os festivais e o Caminho do Sertão constituem as iniciativas mais concretas em prol da ordenação e da consagração do Mosaico como um destino literário. Elas trazem o teor de apropriação e representação da literatura de Guimarães Rosa, assim como exemplos de ruptura com arquétipos da economia tradicional. As iniciativas mencionadas caminham em direção da conquista de novos modelos e formas de desenvolvimento para a região. Gradativamente aproximam-se da construção de uma cosmovisão que evidencia uma sintonia de ideias e vontades de desenvolvimento justo e igualitário, reforçando o sentimento de comunidade e pertencimento.

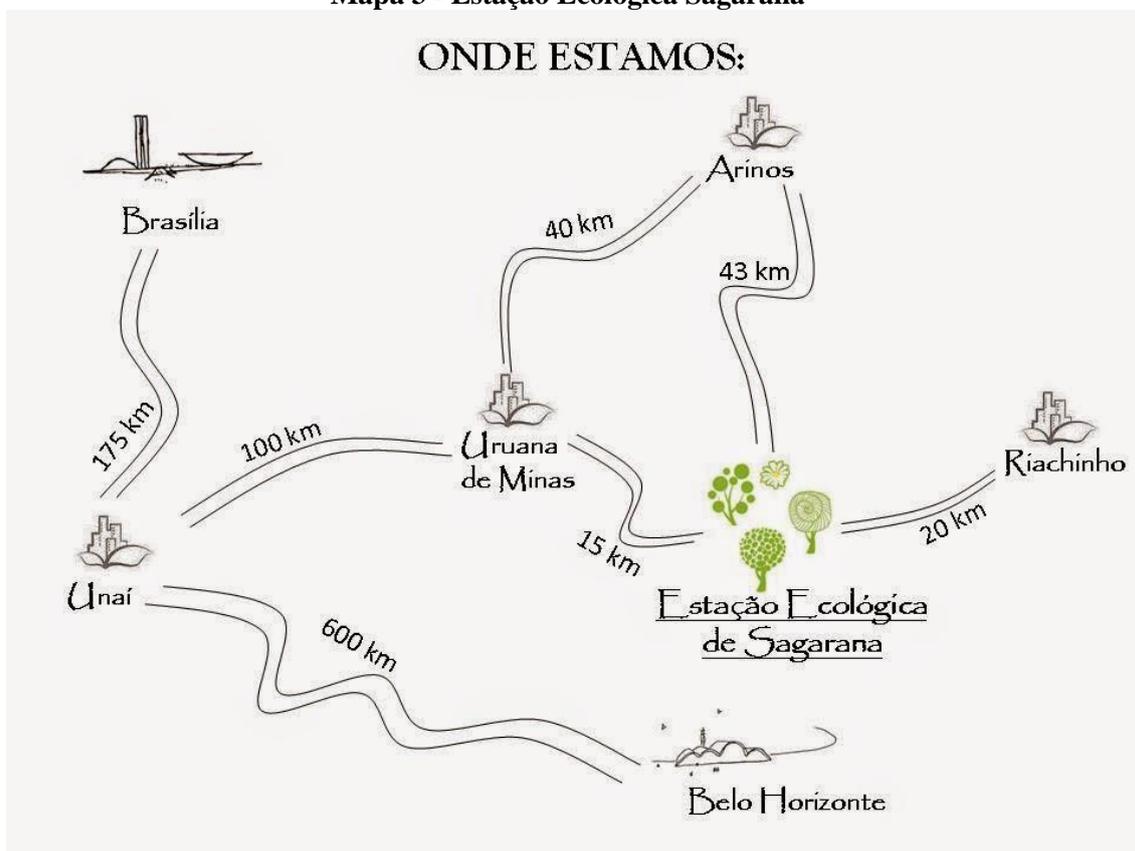
Entre todas as potencialidades e nichos de mercados enumerados na proposta de reconhecimento oficial da FUNATURA (2012), destaco aquelas que, ao meu ver, representam melhor o potencial turístico e o conteúdo de desenvolvimento socioeconômico do lugar enquanto um destino turístico literário e objeto de valorização cultural. Além disso, tais potencialidades aparentam dar conta da ação contínua de ressignificação de *Grande Sertão: Veredas* e da herança simbólica do universo de Guimarães Rosa na complementação da atratividade turística.

O potencial de ecoturismo advém da quantidade significativa de unidades de conservação e de parques nacionais implantados na região. A preocupação pertinente é a de conservação e preservação da diversidade ambiental e da manutenção da relação

harmoniosa entre o homem sertanejo e o seu lugar. A conscientização ambientalista é questão primordial no envolvimento do turista e do morador com o ecossistema da região, combatendo, desta forma, a sua exaustão e ao mesmo tempo preparando-o para atender as novas necessidades. O texto de *Grande Sertão: Veredas* permite a mobilização ficcional e geográfica por este cenário,

“(...) O senhor vê, nos Gerais, longe: nuns lugares, encostando o ouvido no chão, se escuta barulho de fortes águas, que vão rolando debaixo da terra. O senhor dorme sobre um rio? (...) (...). Diadorim - ele ia para um abanda, eu para outra, diferente; que nem dos brejos dos gerais, sai uma vereda para o nascente e outra para o poente, riachinhos que se apertam de vez, claramente, na sobra de seus buritizais...”. ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, 33ª impressão, Rio, Nova Fronteira, 1988, pg. 255, 482. In: **Guia de Viagem O Caminho do Sertão – De Sagarana ao Grande Sertão: Veredas, Arinos**, 2014.

Mapa 3 - Estação Ecológica Sagarana¹³



Fonte: Instituto Rosa e Sertão

¹³ O distrito de Sagarana, o segundo assentamento de colonização implantado pelo governo militar no início da década de 70 no Brasil, situa-se ao sul do município de Arinos, há 275 km de Brasília e 700 km de Belo Horizonte. Desde o projeto de criação do assentamento de colonização pensou-se na proteção da Floresta Estacional Decidual na encosta entre o vale e a chapada, sendo protegida legalmente desde 2003 como Estação Ecológica Estadual de Sagarana, com 2.340,00 hectares. (Instituto Rosa e Sertão)

Na vertente cultural, a imaterialidade, assim como todo o patrimônio histórico e arquitetônico são objetos de uma releitura no presente, buscando a identificação dos atores com o lugar e ainda oferecendo um contexto histórico e social ao visitante que possa atender ao seu desejo de “aprender coisas novas” (RICHARDS, 2009). É neste momento que a apropriação da literatura de Guimarães Rosa pode desempenhar o seu papel principal na condição de recurso propiciador de fluxo turístico e de visibilidade ao imaginário das comunidades (SIMÕES, 2009).

“O senhor vá. Alguma coisa ainda encontra (...). Os lugares sempre estão aí em si, para confirmar (...)”. ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, 33ª impressão, Rio, Nova Fronteira, 1988, pg. 19, 22. In: **Guia de Viagem O Caminho do Sertão – De Sagarana ao Grande Sertão**: Veredas, Arinos, 2014.

“(…) ... na grande cidade de Januária, onde eu queria comparecer, mas sem glórias de guerra nenhuma, nem acompanhamentos. Alebrado de que no hotel e nas casas de família, na Januária, se usa toalha pequena de se enxugar os pés; e se conversa bem. Desejei foi conhecer o pessoal sensato, eu no meio, uns em seus pagáveis trabalhos, outros em descanso comedido, o povo morador. A passeata das bonitas moças morenas, tão socialmente, alguma delas com os cabelos mais pretos rebrilhados, cheirando à óleo de umbuzeiro, uma flor airada enfeitando o espírito daqueles cabelos certos. A Januária eu ia, mais Diadorim, ver o vapor chegar com apito, a gente esperando toda no porto. Ali, o tempo, a rapaziada suave, cuidando nos alambiques, como perfeito se faz. Assim, essas cachaças – a vinte-e-seis cheirosa – tomando gosto e cor queimada, nas grandes dornas de umburana.” *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, extraído da **Proposta de Reconhecimento Oficial**, FUNATURA (2012).

As imagens seguintes nos permitem presenciar as tradições locais durante o Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas. As apresentações culturais possuem como temática o universo de Guimarães Rosa e as possibilidades de interação da cultura local com a obra *Grande Sertão: Veredas*. As ressignificação do livro e dos costumes locais das comunidades do Mosaico indicam, com efeito, a execução da prática turística e da geração de fluxo de visitantes ao local, assim como da aplicação da definição de turismo literário.

Imagens 22 e 23 - Ponto de cultura - Manuelzinho-da-Crôa e Caixeiras, Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas



Fonte: Leo Lara / Instituto Rosa e Sertão



Imagem 24 - Grupo Manzuá - Quilombo Retiro dos Bois, no Ponto de Cultura



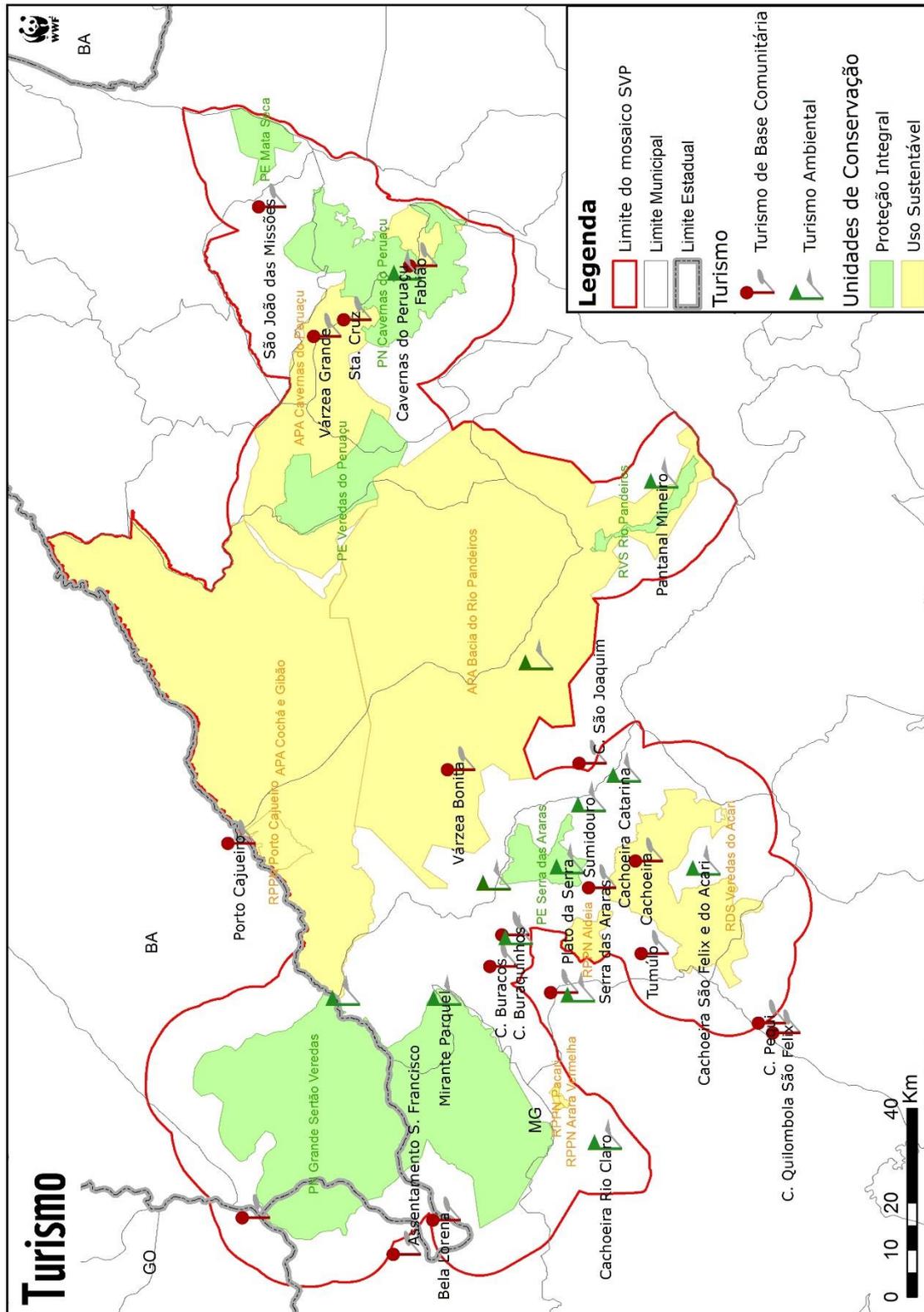
Fonte: Diana Campos / Instituto Rosa e Sertão

O potencial de turismo comunitário na região encontra-se na banalidade do cotidiano das comunidades tradicionais e na sinergia e autonomia de buscar mudanças sócio estruturais. Destacam-se as possibilidades de aproximação entre os visitantes e moradores, propiciada pelos festivais Encontro dos Povos do Sertão, Sagarana e pelo Caminho do Sertão, cujas crenças e práticas devem servir de moeda de troca simbólica, objetivando uma racionalidade situada, ou seja, “uma construção social transformável que se ajusta continuamente aos dados do lugar, da situação, em sua dinâmica” (ZAOUAL, 2003 *apud* LIMA; AYRES e BARTHOLO, 2009). As comunidades locais estão sempre presentes no enredo de Rosa,

“(...). E a Ana Dazuza me disse, vendendo forte segredo, que Medeiro Vaz ia experimentar passar de banda a banda o liso do Sussuarão. Ela estava chegando do arranchado de Medeiro Vaz, que por ele mandada buscar, ele querendo suas profecias. Loucura duma? Para que? Eu nem acreditei. Eu sabia que estávamos entortando era para a Serra das Araras – revinhar aquelas corujeiras nos bravios de ali além, onde tudo quanto era bandido se escondia – lá se podia azo de combinar mais outros varáveis companheiros. Depois, de arte: que o Liso do Sussuarão não concedia passagem a gente viva, era o raso pior havente, era um escampo dos infernos. Se é, se? Ah, existe, meu! Eh... Que nem o Vão do Buraco? Ah, não isto é coisa diversa – por diante da contravertência do Preto e do Pardo.... Também onde se forma calor de morte – mas em outras condições... A gente ali rói rampa... Ah, o Tabuleiro? Senhor então conhece? Não, esse ocupa é desde a Vereda-da-Vaca-Preta até o Córrego Catolé, cá em baixo, e de em desde a nascença do Peruassú até o rio Cochá, que tira da Várzea da Ema. Depois dos cerradões das mangabeiras...” Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa, extraído da **Proposta de Reconhecimento Oficial**, FUNATURA (2012).

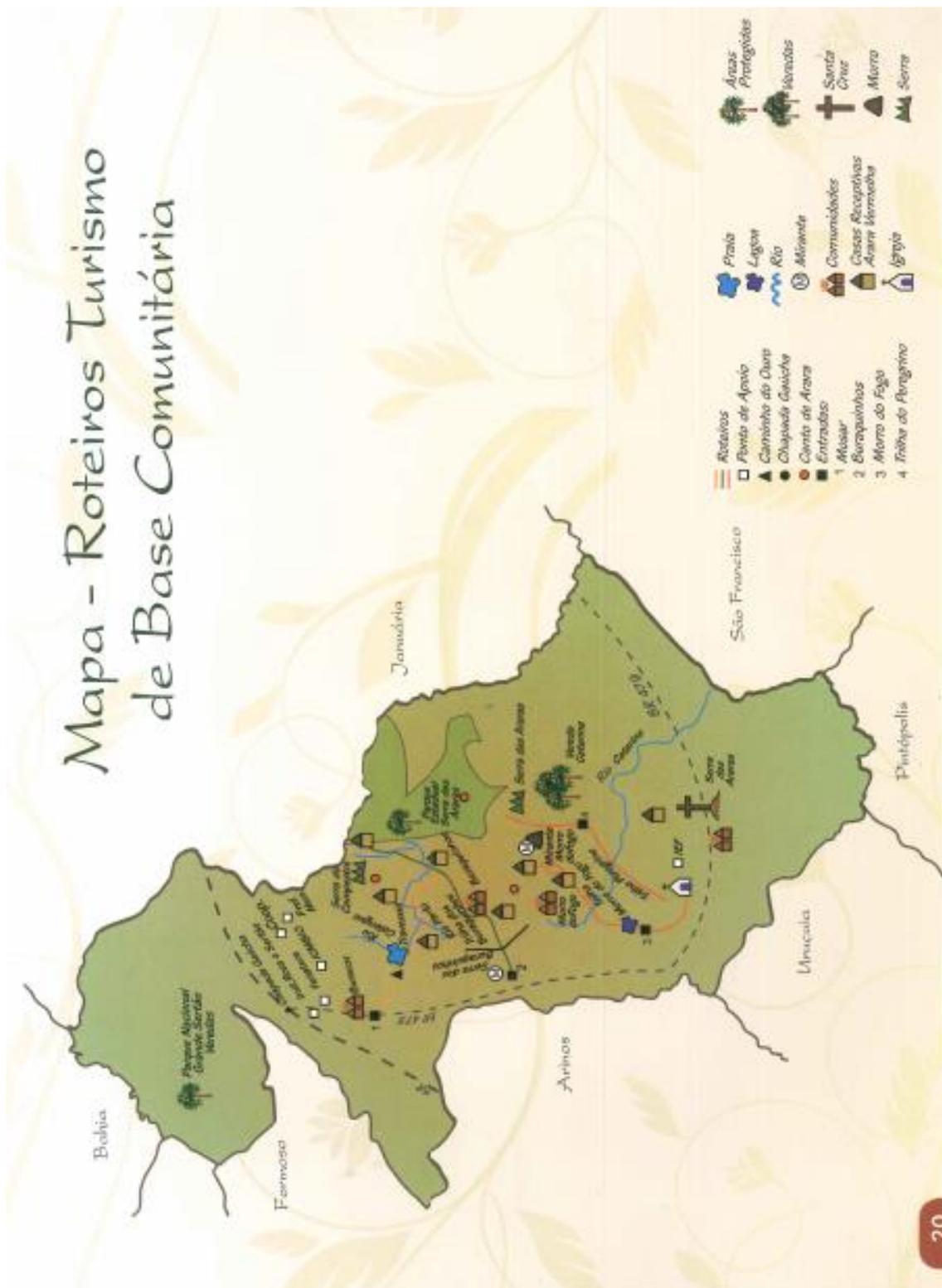
As comunidades do Mosaico por sua vez estão agrupadas em núcleos. As comunidades localizadas dentro do Parque Nacional Grande Sertão Veredas compõem o Núcleo PNGSV, as comunidades de reminiscência quilombola pertencem ao Núcleo Pandeiros, já as indígenas constituem o Núcleo Xacriabá (Anexo 4).

Mapa 4 – Mapa da Atividade Turística na Região do Mosaico



Fonte: WWF/Instituto Rosa e Sertão

Mapa 5 - Roteiros Turismo de Base Comunitária



Fonte: Guia de Pousos e Passeios no Sertão de Minas Gerais / Instituto Rosa e Sertão (2012).



Fonte: Cresertão

O turismo social e étnico procura evidenciar as práticas sociais para o exercício da cidadania no âmbito da inclusão. Ainda, propiciam uma vivência de experiências singulares com comunidades de quilombolas e indígenas localizadas em áreas protegidas. Tal potencial está embasado na diversidade e na configuração adequadas das fontes turísticas provenientes destas comunidades. Para Zaoual (2008), “(...) as fontes turísticas ou outras se inventam e dependem assim, dos sistemas de representação que têm os atores do sítio e da situação na qual se encontram (...). E esta situação não pode, de forma nenhuma, ser corretamente identificada sem levar em conta a trajetória histórica e cultural dos sítios em questão e de sua releitura no presente”. Evidenciam-se tais comunidades em *Grande Sertão: Veredas*,

“Quem tem mais dose de demo em sí é o índio, qualquer raça de bugre. Gente vê nação desses, para lá fundo dos gerais de Goiás, adonde tem vagarosos grandes rios, de água sempre tão clara aprazível, correndo em deita de cristal roseado.... Rosa, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio: Ed. Nova Fronteira, 2006, pg. 22. In: Amorim, L.D. **A presença indígena na obra *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa**. *Nau Literária: crítica e teoria de literaturas*, Porto Alegre, v. 9, n.1, 2013.

O desenvolvimento social que aparentemente se busca na região do Mosaico é aquele que se apresenta de forma participativa, proporcionando as mudanças sócio estruturais com caráter endógeno (CORIOLANO, 2012). Ele deve ocorrer na escala humana, trazendo benefícios ao homem, restituído do seu território e sua identidade. Esse desenvolvimento deve estar afastado das conceituações e práticas tradicionalistas do capital. Sua incumbência está no fortalecimento das crenças compartilhadas das comunidades e no intercâmbio com o mundo exterior de forma mais justa e altruísta. Assim, acredita-se que formas alternativas de desenvolvimento, a literatura enquanto recurso estratégico por exemplo, poderá contribuir para uma ruptura com modelos uniformizadores do turismo convencional. “Trata-se do desejo de um diálogo de sentidos entre os visitantes e os visitados, que procura abrir caminho através dos escombros que o turismo de massa uniformizador deixa para trás. Aqui, o reconhecimento intercultural faz sua irrupção e se rebela contra as forças do mercado que invadiram o universo das viagens e da aventura” (ZAOUAL, 2008, pg.04). Desta forma, busca-se o diálogo das culturas, impedindo a redução das mesmas, no máximo, a um folclore (ZAOUAL, 2008).

O desenvolvimento apresentado pelas iniciativas públicas, privadas e pelas organizações presentes na região deve estar pautado em múltiplas dimensões com foco na realidade material e imaterial das comunidades envolvidas, evitando assim estar delimitado apenas pelo crescimento econômico. O significado de desenvolvimento social é aquele proposto por Coriolano (2012):

Ao desenvolvimento, atribuíram-se significados, valorações e direções, associado a algo positivo ou que conduz para melhor. Quase sempre falar de desenvolvimento é falar do futuro, do mundo que se quer (do devir), e não do mundo em que se vive. Desenvolvimento é um processo multidimensional, territorial, ambiental, econômico, social e cultural. Uma forma de percepção que tem modelado a realidade, produzindo mitos, fantasias, paixões, violência e políticas. Portanto, para tratar da realidade, é preciso deixar explícitos os elementos e os nexos principais que conduzem à lógica do desenvolvimento hegemônico e qual desenvolvimento se pretende alcançar, desde que fuja do proposto pela economia clássica e reduzindo ao crescimento econômico. (CORIOLANO, 2012, pg. 105)

É com estes pilares que se constrói uma imagem do **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu** como um lugar turístico literário capaz de promover trânsito turístico e desenvolvimento social as comunidades envolvidas. O turismo literário se coloca como uma modalidade de turismo cultural que pode disseminar uma experiência de viagem em que se ressalta um interesse pelo lugar que é visitado onde são identificadas não apenas experiências existenciais do turismo no Mosaico, mas que prevalecem a aproximação e o

desejo de conhecimento do objeto com o fim de que se constitua a sua própria singularidade.

CAPÍTULO 4 – Literatura e Turismo: Fragmentos de Uma Experiência Partilhada no Mosaico

A proposta metodológica deste trabalho baseou-se na exploração bibliográfica especializada da área e na metodologia de história oral cujo foco era de analisar nas narrativas dos entrevistados a interação de alguns dos participantes com o lugar-objeto da pesquisa: o **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu**, possibilitando assim, permear as hipóteses de observação inicialmente apresentadas. Nesta pesquisa pôde-se delimitar o tema, a apropriação de *Grande Sertão: Veredas* pelo turismo literário no Mosaico, e assim trabalhar com a história oral temática. A pertinência do tema deste trabalho delineou os caminhos percorridos em todas as fases da pesquisa: problematização / levantamento bibliográfico / trabalho de campo / análise das entrevistas.

A problematização das questões de pesquisa deste trabalho derivou-se originalmente de motivações pessoais, amadurecidas e posteriormente interatuadas com a teorização pertinente. Ela é, ainda, fruto da minha própria exposição ao universo sertanejo. Desde a infância, o contar estórias, a oralidade e um grande imaginário em torno do homem sertanejo sempre estiveram presentes e, empiricamente, determinaram a visão de mundo deste pesquisador. Guimarães Rosa constantemente fazia-se personagem na oralidade das pessoas que habitam o noroeste de Minas Gerais e com quem convivia, “*era um certo homem da capital que escreveu um livro famoso sobre a região e que por lá andou e interagiu com as pessoas*”. Questionava-se se realmente este homem havia percorrido ou não as localidades que tão bem conhecíamos. A pesquisa bibliográfica foi condicionada pelo tema central deste trabalho: o uso da literatura de Guimarães Rosa como atratividade turística da região descrita em seus livros. Partiu-se do conceito de turismo literário, já amplamente discutido em países europeus onde o conteúdo social de obras literárias tradicionalmente constitui políticas culturais e de turismo em localidades consagradas em obras literárias canônicas. Os pressupostos que ajudaram a determinar o trabalho de campo embasaram-se nas categorias deslindadas da pesquisa bibliográfica, da Proposta de Implementação do Mosaico e da intenção de angariar informações da

narrativa oral daqueles que de certa forma compõem o cenário-objeto desta pesquisa: moradores, visitantes e gestores.

As narrativas como fontes de análise são compostas por vestígios da memória individual e coletiva, que juntas, tecem um documento que recupera experiências e ideias de grupos que não aparecem na documentação convencional (FRISCH, 1998, pg. 77 *apud* SILVA, 2016). Através da fruição das palavras dos informantes, pode-se acessar suas memórias recentes ou longínquas e construir documentos referentes a um tempo pesquisável ou pesquisado (DELGADO, 2003). Tais documentos tornam-se registros das experiências retidas que contêm a força da tradição e que relatam o poder das transformações (DELGADO, 2003, pg. 23). Segundo a autora, “história oral é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, principalmente do saber”.

Desta forma, a história oral pode disponibilizar ferramentas para extrair a subjetividade e riqueza presentes nos depoimentos orais e transformá-los em elementos de análise que corroborem de fato para a elucidação das hipóteses apresentadas. Não estamos em busca da verdade (SILVA, 2016), mas de contextualizar e interpretar os depoimentos, compreender a complexidade das transformações, deformações e, no caso deste trabalho, exemplificar como as representações em torno da apropriação do romance de Rosa se apresentam e corroboram para a identidade social do lugar enquanto um destino turístico literário.

Para Augras (1996, *apud* SILVA, 2016), a subjetividade não significa um problema nas análises. Entende-se que ela está presente tanto no entrevistado quanto no entrevistador, “que na estruturação dos fatos de memória atuam mecanismos extremamente sutis que estão relacionados com a construção da própria identidade e que a sociedade não é apenas uma realidade externa a mim, ela está também dentro de mim, e por conseguinte, todos os conflitos entre os diversos grupos aos quais pertencemos estão também dentro de mim”. As representações do universo sertanejo e da apropriação de *Grande Sertão: Veredas* estão presentes na narrativa dos entrevistados e podem funcionar como estruturantes dos grupos sociais e da própria identidade social dos lugares.

A forma como são relatadas as experiências torna-se fato determinante nas análises e interpretações acerca do objeto de pesquisa. Os silêncios, as contradições, as emoções presenciadas pelo entrevistador fornecem aspectos a serem trabalhados. A

localização dos entrevistados, o envolvimento com os lugares, as atividades que desempenham ou suas idades querem mostrar especificidades que ora dão um teor de concretude à subjetividade de suas falas. O conhecimento teórico e metodológico (SILVA, 2016) do pesquisador ajudam a dimensionar a materialidade das narrativas e a entender as construções de memórias e a pluralidade das representações provenientes da apropriação da obra literária pelo turismo.

É possível, através da história oral, sistematizar o conhecimento adquirido dos depoimentos e das evidências presenciadas, resgatar eventos e acontecimentos, situar processos e escolhas, decodificar experiências que sugerem um contexto social. Para tanto, Lozano (1998, pg. 17 *apud* SILVA, 2016, pg. 108) mostra que, “fazer história oral significa produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos outros”. Buscou-se analisar, neste contexto, como as representações do universo de Rosa corroboram para a construção de uma identidade do lugar enquanto um destino turístico. Através das narrativas, verificou-se se as representações deste universo eram reconhecidas pelos visitantes e visitados. Destacaram-se também evidências de que a literatura serviu ou não de estratégia de desenvolvimento e de valorização cultural das comunidades do Mosaico.

Os participantes pertenciam à três categorias relevantes dentro da dinâmica de relações com os lugares (RELPH, 1973) e que com uma amostragem de cada categoria, valorizou-se sempre, na escolha, o significado da experiência de cada um dos participantes. Pôde-se, pelo menos, exemplificar formas diferentes de presenciar o fato da apropriação da literatura de Guimarães Rosa com finalidade turística. Os gestores, os visitados e os visitantes propiciaram uma reflexão em torno das representações e ressignificações de *Grande Sertão: Veredas* reconhecidas por eles e que corroboram para a aplicação do conceito de turismo literário e para a construção de uma identidade social do Mosaico enquanto destino turístico literário. As entrevistas semiestruturadas aliadas à observação sistematizada durante o Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas, no município de Chapada Gaúcha, MG, em julho do presente ano permitiram apontar indícios do uso da literatura, neste caso a de Guimarães Rosa, como estratégia de desenvolvimento e valorização sociocultural e de potencialização da atratividade turística no local.

Segundo a proposta de Alberti (2005), no uso da história oral como metodologia para esta pesquisa, procurou-se fixar, de forma subjacente, a pertinência das perguntas e

da temática do objeto de investigação. A todo instante, durante as entrevistas, que duraram cerca de uma hora e vinte minutos cada uma, nos momentos de observação e de coleta de imagens e documentos, busquei manter consciência em relação a certas questões que não constavam no guia de entrevistas, mas que iriam coordenar a análise das falas e apreensão dos fatos presenciados: como os entrevistados reagem ao tema da questão; como o entrevistado entendia o tema da pesquisa; como as suas narrativas informavam sobre a importância daquele acontecimento no seu grupo social.

Para manter o anonimato dos entrevistados, optei por dar-lhes nomes fictícios e apenas localizá-los espacialmente e descrevê-los de acordo com as atividades profissionais e com as que os envolvem com o Mosaico. A predisposição destes informantes foi fator determinante para a seleção do mesmo para a pesquisa (ALBERTI, 2004). Em certas ocasiões em que um dos informantes cedia entrevista, membros de seu grupo (participantes do Caminho do Sertão) se propuseram com bastante ânimo a falar, ou indicaram pessoas de grande relevância que deveriam estar incluídas entre os entrevistados. Nomes como do Senhor Álvaro Antunes foi bastante aclamado pelo grupo, por se tratar do guia da caminhada, morador da região e conhecedor de diversas histórias sobre a estada de Guimarães Rosa no sertão mineiro.

A quantidade de informantes oscilou entre um grupo e outro. A intenção maior era de expor cada um dos grupos com entrevistas que exemplificassem a fala, o modo de verem e entenderem o objeto da pesquisa, neste caso a literatura de *Grande Sertão: Veredas* tomada para a potencialização turística da região. No grupo de gestores as perguntas foram direcionadas ao senhor Aldo Bernardes, meia idade, formado em engenharia agrônoma, funcionário da WWF-Brasil, participa de uma iniciativa de preservação ambiental do cerrado, trabalhou na implementação do Parque Nacional Grande Sertão Veredas e na criação da Proposta de Implementação do Mosaico. Hoje atua na região através de políticas de proteção ambiental e de extrativismo sustentável com as comunidades tradicionais. O senhor Cássio Silva, meia idade, engenheiro florestal, funcionário da WWF-Brasil, trabalhou na região noroeste e norte de Minas Gerais com a implementação do **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu**, em parceria com a Funatura. O senhor Cláudio Espinosa, trabalha na Funatura, sede em Brasília, por mais de 30 anos. Atuou na criação do Parque Nacional Grande Sertão Veredas e foi um dos idealizadores do **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu** e organizador da Proposta de Implementação do Mosaico. Ainda colabora para a realização do evento Encontro dos

Povos do Grande Sertão. Na condição de gestores e de um envolvimento funcional com o lugar, os entrevistados tinham como característica comum a participação em estudos ou projetos de implementação do **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu** ou no desenvolvimento de alguma atividade que proporcionasse desempenho do turismo e/ou do desenvolvimento endógeno na região. Buscou-se, dentro desta categoria de entrevistados, percepções sobre como as representações provenientes do uso da literatura Roseana no Mosaico eram “manuseadas” e como a finalidade das mesmas eram interpretadas por aqueles que executam políticas de preservação e manutenção do patrimônio natural e cultural das comunidades envolvidas.

As entrevistas com moradores do território do Mosaico que possuem um envolvimento de interioridade existencial de forma orgânica permitiram analisar como estes interagem com as representações da obra de Rosa e se na condição de constituintes do processo de ressignificação podem se reconhecer na narrativa do romance e como elementos do cenário de um destino turístico literário. As entrevistas foram cedidas por Ziraldo Fontes, jovem, morador do município da Chapada Gaúcha, recepcionista de um hotel da cidade; senhor Álvaro Antunes, 63 anos, morador do distrito de Sagarana, no município de Arinos, guia no evento Caminhos do Sertão, acompanhava o grupo de caminhantes em seu destino final, no evento Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas; o senhor Sidney Coelho, meia idade, morador do município da Chapada Gaúcha, professor de história da rede pública municipal, participou de ações de capacitação de guias turísticos durante a implementação do PNGSV. Os entrevistados são moradores de alguma das comunidades pertencentes ao Mosaico e estabelecem ou não vínculos com alguma atividade turística. Não se preocupou em delimitar os informantes pelo conhecimento da obra através da leitura, mas somente pela sua percepção sobre as ações e movimentações ao seu redor quando relacionadas à prática turística, neste caso, durante o Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas.

A categoria de visitantes, que possui um vínculo de interioridade vicária, com forte referência ao imaginário do lugar, tinha como essencialidade a participação no encontro ocorrido na Chapada Gaúcha e no percurso do Caminho do Sertão. Tendo a cidade como linha de chegada de um itinerário organizado com a finalidade de releitura de um suposto caminho percorrido por personagens de *Grande Sertão: Veredas*, permitiu-se analisar as expectativas dos participantes em relação ao lugar turístico literário e as interações destes com o cenário da obra. Os entrevistados eram todos participantes do

Caminho do Sertão e estavam no evento Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas, onde finalizavam a peregrinação de sete dias iniciada no distrito de Sagarana, em Arinos-MG. O senhor Antônio Costa, meia idade, funcionário público, residente em Alfenas, Minas Gerais; Flávio Abner, jovem, doutorando em Literatura pela Universidade Federal do Paraná, residente em Curitiba, Paraná; Diana Loreto, jovem, doutoranda em Geografia pela Universidade de Campinas, residente na cidade de São Paulo, contribuíram para as entrevistas no grupo de visitantes. Buscou-se interpretar algumas das motivações das viagens literárias apontadas por Herbert (2001) e encontradas nos depoimentos destes peregrinos.

Evidencia-se, então, o objetivo principal desta pesquisa que é descrever e analisar como as representações da obra *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa podem servir de atrativo turístico no **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu**. Desta forma, o lugar, as pessoas e as ações desenvolvidas ali tornam-se imprescindíveis para o entendimento deste processo de ressignificação da obra e das representações que dele emanam.

Para Relph (1976) o lugar é entendido a partir da fenomenologia, onde as intervenções e a percepção do ambiente definem a experiência do espaço, maximizando seus atributos sociais e culturais dentro da dimensão da experiência e da identidade dos lugares. As diferentes formas de envolvimento são denominadas pelo autor de exterioridade e interioridade e a presença heideggeriana em sua obra irá contribuir para entender como a experiência entre os lugares e as pessoas ajuda a definir a identidade destes mesmos lugares. Segundo o autor os lugares são compostos pelas suas configurações físicas, pelas atividades e pelos significados. Os sentidos são transferíveis e mutáveis e tais componentes se sobrepõem, se alternam ou coexistem. Para o autor, o envolvimento de interioridade com/no lugar pode ocorrer de forma existencial, comportamental ou empática e descreve uma experiência direta. O envolvimento de exterioridade apresenta-se de forma objetiva, incidental ou existencial. Relph ainda caracteriza um tipo de experiência que, segundo o autor, ocorre no entremeio da experiência direta e indireta e que está carregada de interioridade, mas não possui vínculos diretos com o lugar, a experiência vicária.

Com a intenção de refletir sobre as questões propostas e de se verificar se as representações do universo de Guimarães Rosa em o *Grande Sertão: Veredas* corrobora para a construção de um imaginário e conseqüentemente de uma identidade social acerca do **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu** como um destino turístico literário, deve-se

deslindar sobre o envolvimento que gestores, visitados e visitantes desempenham com o lugar. Através deste envolvimento, procura-se também analisar como e se tais representações são apreendidas por tais agentes a fim de que se valorize o patrimônio cultural e natural da região. Com este intuito, deve-se salientar a singularidade do lugar enquanto destino turístico literário, tal qual percebida no imaginário e nas próprias representações da obra no espaço e na narrativa dos informantes. Evidencia-se a relação entre passado, presente e futuro respeitando o tempo da História (REIS, 1994, *apud* DELGADO, 2003, pg. 11), fazendo emergir o substrato de um tempo para poder encontrar valores, culturas, modos de vida, representações que constituem a vida das comunidades humanas (DELGADO, 2003, pg. 13). “São os homens que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcarão sua própria história” (DELGADO, 2003, pg. 10). A partir da hipótese de que as ressignificações e representações do universo de Guimarães Rosa no **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu** colaboram para a singularidade do lugar como um destino turístico literário, é necessário observar como a construção do imaginário, constatado na narrativa e no espaço, valida as representações de *Grande Sertão: Veredas* como destino turístico literário. O imaginário como parte de um campo de representações, manifestado por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade (PESAVENTO, 1995, pg. 15) posiciona-se como elemento-chave na transfiguração do percurso do personagem Riobaldo, de suas experiências vividas, do contato com a população sertaneja e com a própria natureza testemunha de seus feitos, em itinerário turístico, recheado de muitas outras manifestações da “universalização do sertão” ou do mundo especificamente constatado no emaranhado de vilas, veredas, rios que compõem o Mosaico.

Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão e pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda parte. (ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, pg.08)

O sertão de Rosa é ressignificado a todo momento, em todas as partes. A população local responsabiliza-se por, através de seus discursos e do imaginário social, potencializar as representações que tornam o universo de *Grande Sertão: Veredas* realidade, palpável e imaginável para o visitante. As ações que objetivam a apropriação do romance institutivamente valorizam o patrimônio cultural local e preconizam a atividade de turismo literário na região. Essa apropriação é averiguada tanto na fala do visitante quanto na do visitado e objetivamente na fala dos gestores. Ela é testemunha da transformação da realidade dos que habitam o Mosaico e efetivada pelo discurso e a

imagem enquanto instrumentos desta mesma transformação social (PESAVENTO, 1995, pg. 18), dando sentido à realidade e à singularidade do **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu** como destino turístico literário.

Ao entendermos a cultura como texto (GEERTZ, 2008) em articulação com o contexto (GINZBURG, 1989, *apud* PESAVENTO, 1995) estaremos aptos a perceber a totalidade para, assim, depreender os significantes (imagens/palavras) e os significados (representações/significações) que se desdobram no processo de apropriação do romance de Rosa para a prática de turismo literário na região do Mosaico. Segundo Pesavento (1985), “é próprio do imaginário passar do simbólico ao físico e ser as duas coisas ao mesmo tempo, processo este que, indo da sensação à ideia, é a força de sua sedução”. É coerente dizer que a própria obra, carregada de signos e imaginários, torna-se o principal elemento sedutor, pleno de atratividade e determinante da existência do Mosaico enquanto lugar literário (HERBERT, 2001).

Destarte, torna-se relevante analisar e interpretar as narrativas daqueles que moram ou visitem os lugares “descritos” e imaginados e que são assimilados dentro do universo Roseano e dentro do Mosaico. Através do método e técnicas da história oral, pretende-se dimensionar no tempo social do imaginário entorno do romance de Guimarães Rosa, na fala daqueles que habitam a região do Mosaico e daqueles que a visitam, a funcionalidade das representações e ressignificações que compõem o lugar literário. A relação tempo e espaço pode possibilitar a constatação da robustez deste imaginário. Porém, apenas com a dinâmica da temporalidade percebida nas narrativas coletas é que a singularidade de cada experiência concretizada, daqueles que se envolvem com o universo de Rosa, tal qual pretendida pela implementação do Mosaico, irá reafirmar-se como experiência turística. Delgado (2008) nos diz que,

Se o tempo confere singularidade a cada experiência concreta da vida humana, também a define como vivência da pluralidade, pois em cada movimento da história entrecruzam-se tempos múltiplos, que acoplados à experiência singular / espacial confere originalidade e substância. (DELGADO, 2008, pg.12)

Ainda,

A complexidade integrante à noção de tempo refere-se às temporalidades múltiplas que se enlaçam, uma vez que as experiências vividas e a História em transformação são conformadas por processos e acontecimentos. A História como manifestação do fazer coletivo incorpora vivências individuais e, por decorrência, no mínimo duas dimensões: temporal coletiva e temporal individual. Dimensões que, acopladas, conformam experiências únicas,

através de uma dinâmica que reconstrói o passado ao tecer sua representação no presente, plasmando em um único enredo a trama das vivências coletivas. (Ibid., pgs.12-13)

A singularidade do Mosaico enquanto destino turístico literário, resultante de um processo de apropriação de uma obra literária constrói-se a partir da interação entre seus agentes que desta forma compartilham os mesmos signos. Tais signos são dotados de forças temporais atuantes que se movimentam e se remodelam constantemente na individualidade e coletividade simultaneamente, garantindo sempre novas vivências e a singularidade de cada experiência humana perante um mesmo objeto.

Os gestores da implementação de práticas turísticas, os visitantes que expõem seu patrimônio e modos de vida ao forasteiro, o visitante que buscar encontrar objetivamente a singularidade de uma experiência, movido pela nostalgia ou pelo o que o seu próprio caminho lhe proporcionou até ali, irmão, em algum momento da História, se entremear e compor uma releitura de suas trajetórias. Assim, possibilita-se novos usos, novas formas de interação com a obra de Guimarães Rosa. Todas as novas vivências de cada um dos agentes envolvidos, por mais diferente que cada uma possa alcançar ser, todas as vivências irão culminar na tentativa de aproximarmos do outro e de nós mesmos.

4.1 – Narrativas sobre o Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu: Produções de Significados do Universo Roseano

A análise das falas dos informantes premeditou um exercício de localizar geograficamente, na ficção e no real, os lugares e as coisas mencionados na oralidade ou detectados no texto escrito da obra de Rosa. Fez parte deste exercício, ainda, monitorar intercalações entre as percepções sobre a cultura sertaneja, feita pelos visitantes e pelos próprios moradores da região, com aquelas apreensões feitas perspicazmente por Guimarães Rosa. Tal análise é complementada pela crítica existente em torno do romance e que faz possível extrair com clareza os elementos sociais ali presentes, confrontando assim, a realidade e o ficcional. Para tanto, Barroso (2013) mostra que,

A obra literária decola de uma realidade material concreta, esta realidade se manifesta no texto e ao ser identificada pela crítica torna possível às pesquisas extrair elementos sociais que organizam a experiência humana permitindo a construção dos fatores culturais expressos na obra. (BARROSO, 2013, pg.472)

Posiciona-se então o texto literário como documento referencial para a análise das informações coletadas e de testemunha da realidade social de uma época que agora encontra-se em processo de ressignificação no âmbito do turismo, pelos agentes que compõem uma nova configuração do lugar. Segundo Barroso (2013), para que se leve a cabo uma análise do espaço social, tendo a literatura como uma das fontes de informação em permanente diálogo com a história do lugar e da própria obra, é necessário que se atente à instrumentos teóricos (BARROSO, 2013) que possibilitam o percurso de pesquisa: a forma como se aborda o texto literário, os conceitos que compreendam as perspectivas históricas e literárias e a presença de trechos da obra que ilustrem, neste caso, as travessias das personagens e dos lugares que compõem o lugar literário. Neste intuito, procura-se dar voz ao passado descrito no enredo de *Grande Sertão: Veredas*, assim como à história recente daqueles que sugerem algum tipo de experiência e vínculo com o lugar-objeto dentro do processo de ressignificação da obra literária.

O estágio de implementação do **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu** tem muito a nos dizer. A autoria da ideia inicial é premeditada pela predisposição literária de seu autor. Na fala de um dos gestores, Cláudio Espinosa, idealizador da proposta de implementação, pode-se perceber este fato:

Finalmente o parque foi criado na época em que o presidente era o José Sarney que sempre gostou muito desta questão de literatura e achou interessante ter um parque homenageando a obra de Guimarães Rosa. (Informação verbal. Entrevista realizada em 14 de junho de 2016, na sede da FUNATURA em Brasília-DF)

Tendo em vista, que as ações dedicadas à preservação e conservação do cerrado, das tradições e costumes locais e a própria intenção de possibilitar um evento que unisse as comunidades tradicionais da região iniciaram com a criação do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, e que o seu nome se deve à homenagem feita ao escritor/visitante Guimarães Rosa. Herbert (2001, pg. 315) coloca que uma das características principais na configuração de um lugar literário e conseqüentemente, de um destino turístico literário, é a criação de vínculos emocionais entre o autor e o lugar. A homenagem prestada a Rosa estabelece esta conexão a um instrumento que viabiliza a visitação turística e que o torna lugar simbólico repleto de afeições, nostalgias e misticismo. Ainda, na fala do informante, a importância do romance de Rosa para a criação de novas políticas de preservação das tradições locais e desenvolvimento, e de ponto de partida para a complementação da atratividade turística no PNGSV e no Mosaico:

Pois é... o romance Grande Sertão: Veredas tem uma importância muito forte por vários motivos, entre eles, a questão da gente valorizar as tradições culturais que existem no território e que são, de certa forma, assim muito citadas e retratadas na obra. Então a nossa proposta é sempre trabalhando a questão turismo, extrativismo, mas tendo a questão da obra de Guimarães Rosa como pano de fundo. (Informação verbal. Entrevista realizada em 14 de junho de 2016, na sede da FUNATURA em Brasília-DF)

O espaço ofertado pelo parque e pelo Mosaico e pelos povos que lá vivem constituem elementos essenciais na obra de Rosa. O autor descreve em seu livro a imensidão do interior brasileiro, os seus contrastes, o distanciamento de tudo e mesmo a universalização do sertão, que o traz para perto de nós. A ruralidade deste interior é bastante exposta e se apresenta em forma de microestruturas sociais, como em grupos, bandos de jagunços e ajuntamentos de indivíduos (BOLLE, 2002, pg. 355). Na obra pode-se ler,

Ah, quem oficiou foi o padre dos baianos, saiba o senhor: população de um arraial baiano, inteira, que marchava de mudada – homens, mulheres, as crias, os velhos, o padre com seus petrechos e cruz e a imagem da igreja – tendo até bandinha-de-música, como vieram com todos, parecendo nação de maracatu! Iam para os diamantes, tão longe, eles mesmo dizendo: “... nos rios...” Uns tocavam jumentos de almocreve, outros carregavam suas coisas – sacos de mantimentos, trouxas de roupa, rede de caroá a tiracolo. O padre, com chapéu-de-couro prá-trasado. Só era uma procissão sensata enchendo estrada, às poeiras, com o plequêio das alpercatas, as velhas tiravam ladainha, gente cantável. Rezavam, indo da miséria para a riqueza. E, pelo prazer de tomar parte no conforto de religião, acompanhamos esses até a Vila da Pedra-de-Amolar. Lá venta é da banda do poente, no tempo-das-águas; na seca, o vento vem deste rumo daqui. O cortejo dos baianos dava aparência como uma festa. No sertão, até enterro simples é festa. (ROSA, Guimarães, 2006, pgs.57-58)

A ligação entre o ficcional e o real assume importância para a condição do lugar enquanto espaço de atratividade turística e de interesse daqueles que asseguram uma aproximação com o autor e sua obra. Os fatos sociais, as descrições da paisagem, a interação do homem sertanejo com o seu local de moradia têm sido fator crucial para atração de visitantes no local. De acordo com o informante Cássio Silva, que trabalhou na criação do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, nota-se:

Olha, eu acho que temos potenciais de visitação, belezas naturais, a região é um grande potencial e cada uma com suas particularidades. Você pega o Grande Sertão lá com as veredas, com essa temática literária aí de Guimarães Rosa, eh, com várias atividades de cultura regional que já tem lá na região do Grande Sertão como o Encontro dos Povos. Você pega a região do mosaico, o Grande Sertão com as suas veredas, o Pandeiros com a suas..., o rio Pandeiros com as suas cachoeiras, inclusive é um lugar..., tem a APA do Pandeiros, um refúgio de vidas silvestres dentro, então é uma região muito procurada por turistas locais, pessoas de Januária visitam muitíssimo a região das cachoeiras, eh, então tem esse apelo do Pandeiros e a região do Peruçu com as cavernas, neh, eh, falo em termos de unidades de conservação, eh, além, claro, das

comunidades tradicionais, as comunidades quilombolas que na região do mosaico são várias, a comunidade indígena dos Xacriabás. Então eu acredito que ali o potencial turístico é fantástico, tem muito a crescer, neh, teve esse projeto específico de turismo de base comunitária sendo desenvolvido no mosaico, ajudou muito, trouxe muitas capacitações, eh, nós temos agora a primeira experiência de uma unidade de conservação do mosaico que vai ser aberto oficialmente à visitação que é o Parque Nacional das Cavernas do Peruaçu. Então acho isso inclusive que vai ser uma oportunidade muito grande pra atração de turistas, neh, eh, e para as outras unidades de conservação também, que a abertura do parque que indiretamente vai apoiar também a incidência de visitação nas outras unidades. Mas não tenha dúvida que o potencial lá é enorme, as belezas naturais que... grande potencial. (Informação verbal. Entrevista realizada em 17 de maio de 2016, na sede da WWF-Brasil em Brasília-DF)

Mesmo sendo o texto literário apenas uma parte da experimentação da realidade, percebe-se uma profundidade maior da realidade propiciada pelo texto e da transfiguração de significados diversos (BARROSO, 2013). Quando falamos dos lugares e das pessoas que fazem parte destes lugares, conhecidos anteriormente apenas através da literatura, temos acesso apenas à uma noção de sua geograficidade. Ao visitá-lo, presencialmente, com o apoio de um imaginário sobre este lugar, conhecido previamente, permitimo-nos um mergulho mais intenso na realidade deste lugar. Barroso (2013) coloca que,

As paisagens, as personagens, as emoções... descritas pelas palavras garantem o elo de recordações que permitem o movimento de instauração do mundo real no texto literário, que mesmo transfigurado em significados diversos não abole a validade do mundo social ali presente. (BARROSO, 2013, pg.476)

Na fala do informante Aldo Bernardes, que trabalha com as comunidades tradicionais da região do Mosaico, nos apresenta a sua experiência em contato com a realidade do lugar e destaca a potencialidade turística da região:

É uma região que encanta desde a primeira vez que você vai ali, né. Seja a trabalho, você passa ali pela ponte de pedra, ali na divisa do município de Chapada Gaúcha com Januária, ali, em cima do rio Pardo, né. Você atravessa regiões do cerrado, de repente você já está em uma região de mata seca, de caatinga. Então é bastante interessante ver a vegetação, ver as estradas, ver o povo né, o povo com uma cultura riquíssima, com manifestações culturais bastante interessantes. Agora consegui ir no Encontro dos Povos do Sertão em julho e o rio São Francisco, as cavernas do Peruaçu, com beleza sem igual, um dos lugares mais bonitos que já vi na minha vida. Com certeza um dos três maiores e é uma riqueza ainda a ser revelada para o mundo ainda, né. Com a abertura do parque agora que vamos ter a real dimensão dessa potencialidade. As comunidades estão ansiosas porque essa abertura vem se..., estão prometendo acontecer já há alguns anos e agora parece realmente que ela vai se dá e a gente tem uma expectativa muito grande de as comunidades se apropriarem disso e não, eh, empresas ou interesses de fora ali neh, pra aproveitar extensivamente, mas especialmente a riqueza local, que a cultura local se aproprie desse momento de abertura e possa comercializar seus produtos extrativistas, seu artesanato e enriquecer a sua cultura e apresentá-la

para esses visitantes. (Informação verbal. Entrevista realizada em 17 de maio de 2016, na sede da WWF-Brasil em Brasília-DF)

O informante demonstra conhecimento sobre a obra *Grande Sertão: Veredas* quando menciona:

Com certeza, você se vê no meio do livro, né. A passagem que ele falou, o pessoal toda vez que vai pra Bahia, fala que ele passou por ali no Sussuarão, né. Uma parte muito interessante, né. Que é o único caminho por terra que você tem pra passa pela Bahia. E as cavernas, ele cita as cavernas lá também. Citações de Januária, que a gente vai muito pra Januária, então a gente se sente ali, parte de viver um pedacinho daquela obra que ele escreveu e que é reconhecida pelo mundo, né. Fico muito feliz de ter tido essa oportunidade de trabalhar no lugar tão bonito e tão reconhecido pela literatura, pela obra de Guimarães Rosa. (Informação verbal. Entrevista realizada em 17 de maio de 2016, na sede da WWF-Brasil em Brasília-DF)

O informante exerce a aproximação do real com o ficcional, da viagem pela leitura e da visita objetiva, coloca-se na posição de leitor/viajante, para depois tornar-se viajante/leitor. As paisagens e as emoções declaradas possibilitam este dialogismo, no processo de ressignificação da obra e na identificação dos lugares. O Liso do Sussuarão cumpre o seu misticismo nas palavras do informante e na própria obra de Rosa,

Então, Diadorim o resto me descreveu. Pra por lá do Sussuarão, já em tantos terrenos da Bahia, um dos dois Judas possuía sua maior fazenda, com os muitos gados, lavouras, e lá morava sua família dele legítima de raça – mulher e filhos. A gente suprisse de varar o Liso em boas farsas, se chegava lá sem ser esperados, arrastava aquele pessoal por dura surpresa – acabou-se com aquilo! Mesmo quem havia de deduzir que o Liso do Sussuarão prestasse para nele caminho se impor? (ROSA, Guimarães, 2006, pg.36)

A todo momento, em sua obra, Rosa faz referências aos lugares, às pessoas e às emoções contidas no universo sertanejo. Nota-se uma preocupação do autor em manter esta aproximação, pelos detalhes e descrições incisivas, da ficção com a realidade tal qual presenciada por ele mesmo. De certa forma, Rosa desempenhou função de etnógrafo e historiador, incorporado no personagem de Riobaldo, descreve o ambiente e os tipos humanos, as comidas e os afazeres (BOLLE, 2002).

Mas os caminhos não acabam. Tal por essas demarcas de Grão-Mogol, Brejo das Almas e Brasília, sem confrontos de perturbação, trouxemos o seu Vupes. Com as graças, dele aprendi, muito. O Vupes viva o regulado miúdo, e para tudo tinha sangue-frio. O senhor imagine: parecia que não se mealhava nada, mas ele pegava uma coisa aqui, outra coisinha ali, outra acolá – uma moranga, uns ovos, gregos de bambú, umas ervas – e, depois, quando se topava com uma casa mais melhorzinha, ele encomendava pago um jantar ou almoço, pratos diversos, farto real, ele mesmo ensinava o guisar, tudo virava iguarias! Assim no sertão, e ele formava conforto, o que queria. Saiba-se! Deixamos o homem

no final, e eu cuidei bem dele, que tinha demonstrado a confiança minha... (ROSA, Guimarães, 2006, pg.72)

Apesar de não haver uma garantia de que os lugares descritos na obra sejam coincidentes com a paisagem real, geograficamente percebida (HERBERT, 2001), sabe-se que o lugar literário é socialmente construído e que a afinidade entre ambos pode ser facilitada quando em mãos de gestores comprometidos com a historicidade do local e com a gestão de políticas que possam desenvolver conexões literárias de forma eficiente, respeitando a preservação e as necessidades dos visitantes e moradores locais. Tais gestores devem estar atentos à reinvenção e reconciliação do passado com o presente, da memória como mito, do escrito com o falado (HERBERT, 2001, pg. 317).

O visitante adquire lugar de extrema importância neste processo de reconciliação, pois, ele é detentor da memória, das tradições e do patrimônio cultural que ora incidem na obra literária propiciadora de fluxo turístico. Além disso, o morador em sua condição de visitado é elemento-chave no processo de ressignificação do universo literário proposto. Sendo ele, ao mesmo tempo, constituinte da obra e catalizador do imaginário, que ora adensa a identidade social do lugar enquanto destino turístico literário. A consciência de si, da sua cultura, da condição no processo fortalece a significação das representações pertinentes no destino literário, corroborando assim com um dos objetivos principais da construção do lugar literário que é a preservação de seus patrimônios naturais e culturais. Percebe-se a naturalização desta condição na fala do informante, senhor Álvaro Antunes, guia no Caminho do Sertão e morador de uma das comunidades do Mosaico:

O que que é ser sertanejo é aquela pessoa que vive no sertão, pelo meio dos campos do cerrado e conhece também da lida do sertanejo né, que o sertanejo é aquele que planta, aquele que cria, aquele que lida com a criação do campo mesmo e aquele também que ama a natureza e preserva. Esse é o sertanejo. (Informação verbal. Entrevista realizada em 12 de julho de 2016, no acampamento do Caminhos do Sertão na Chapada Gaúcha-MG)

Para outro morador da Chapada Gaúcha, Ziraldo Fontes, recepcionista em um hotel da cidade, a visão à respeito do Mosaico e de sua finalidade:

Mosaico é um... É um movimento que as pessoas se distrai conhecendo o Grande Sertão Veredas, neh. Aí tem o parque. Tem várias localidades que apresenta uma distração, neh. Sei que envolve muitas pessoas a conhecer. Vem de longe, neh...pra ver o que tem no lugar e levar pra eles, neh. Eu acredito que sim funciona, sim. (Informação verbal. Entrevista realizada em 10 de julho de 2016, em um hotel na Chapada Gaúcha-MG)

O primeiro informante nos permite entender que a noção sobre a sua condição indica aquela descrita por Rosa em *Grande Sertão: Veredas*. O sertanejo é um homem que possui laços bastante fortes com a sua terra, de onde retira toda a sua subsistência e existência. Possui consciência da sua interação com a natureza e do seu dever de guardião do seu patrimônio. No livro, presenciamos,

Constante que com a gente estavam três bons rastreadores – Suzarte, Joaquim Beijú e Tipote – esse Tipote sabia meios de descobrir cacimbas e grotas com o bebível, o Suzarte desempenhava um faro de cachorro-mestre, e Joaquim Beijú conhecia cada recanto dos gerais, de dia e de noite, referido deletreado, quisesse podia mapear planta. Saímos, semoventes. Seis novilhos gordos a gente repontava, serviam para se carnear em rota. De repente, com a gente se afastando, os pássaros todos voltavam do céu, que desciam para seus lugares, em ponto, nas frescas beiras da lagoa – ah, a papeagem no buritizal, que lequelequêia. A ver, e o sol, em pulo de avanço, longe na banda de trás, por cima de matos, rebentava, aquela grandidade. Dia desdobrado. (ROSA, Guimarães, 2006, pg.47)

Percebe-se na fala do segundo informante, morador do local, um entendimento restrito em relação ao Mosaico. Chega a confundi-lo com o próprio Encontro dos Povos do Grande Sertão-Vereda. O informante acredita que o Mosaico seria uma atividade que proporciona diversão aos visitantes e que serve de palco para a apresentação das tradições das comunidades locais. Tal afirmativa não deixa de impressionar pela consciência de que realmente as comunidades estão inseridas em uma grande movimentação de resgate de seus valores tradicionais e que isso pode atrair forasteiros interessados em conhecer a cultura sertaneja. Neste ponto, cabe mencionar a importância da historicidade que aflora no processo de ressignificação da obra e de vinculação com a realidade social local.

De acordo com o primeiro informante, morador de uma das comunidades e guia do grupo participante do Caminho do Sertão:

Sim, muito parecido, né. Que o Guimarães Rosa, ele fazia a travessia mesmo contando do sertão, contando de tropa, que era naquele tempo o transporte. É, o sertão foi trabalhado pelo viajante só de tropa e as leituras que a gente encontra nele, que ele fala dos lugares, da travessia, era um sertanejo forte mesmo. O livro se bate com as leituras dos lugares por onde a gente leu. (Informação verbal. Entrevista realizada em 12 de junho de 2016, no acampamento do Caminhos do Sertão na Chapada Gaúcha-MG)

A história local é apresentada transversalmente para constatar a força do indivíduo sertanejo e a similaridade entre a ficção e o real. Trata-se de um dos fatores que sustentam a existência de um do lugar literário enquanto uma construção social. Para Barroso (2013,

pg. 479), “a literatura como possibilidade de reorganização dos mundos, onde verdade e ficção estão misturados, coloca em questão as experiências vividas pelos personagens de forma a fazer surgir reflexões fundamentais para o estudo e a compreensão do lugar”. Assim, a preocupação com a historicidade do destino e o envolvimento dos moradores, guardiães dos saberes locais, deve ser considerada como eixo central para as análises de pesquisa acerca de um lugar literário, mas também para traçar políticas e medidas para o desempenho da atratividade turística do destino. De fato, percebe-se a grande importância dos moradores/visitados no processo de ressignificação da literatura de Rosa para o lugar. As representações ganham força principalmente quando a comunidade compartilhada das mesmas intenções e para isso, recebe algum tipo de amparo vindo do poder público. Verifica-se as palavras do morador, Sidney Coelho, professor de história da rede pública da cidade,

Eu acho que tem. Eu acho que tem, por que..., eh, depois da implementação do parque ficou muito, isso ficou muito aflorado, sabe? E isso é bem trabalhado nas escolas, tanto aqui quanto nas escolas municipais, na zona rural, é muito trabalhado, bem trabalhado essa ideia, né, do nome do parque ligado ao romance desse ambiente que o Guimarães Rosa retratou nos seus livros, né. Então acho que isso é bem visível, o pessoal tem uma..., eles tem uma consciência disso. Talvez não tão aprofundada da obra e essa coisarada toda, mas ele tem sim uma ligação da obra com o ambiente que eles usam. (Informação verbal. Entrevista realizada em 10 de julho de 2016, durante o evento Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas na Chapada Gaúcha-MG)

A imaginação local entorno do Mosaico e da literatura de Guimarães Rosa parece ser estimulada na idade escolar, sugerindo que em anos futuros o imaginário social de um lugar literário esteja mais conciso, guardando a identidade do homem sertanejo. O manejo da imaginação propicia o controle dos meios que guiam e formam a imaginação coletiva, a fim de impregnar as mentalidades com novos valores e fortalecer a sua legitimidade (BACZKO, 1985)

Segundo Herbert (2001), os lugares adquirem significados e são imagináveis, porém a emoção que eles proporcionam são reais para os visitantes e que são várias as motivações que levam visitantes a conhecer um destino que foi cenário de uma grande obra literária, ou que foi a cidade-natal de algum escritor famoso. Uma delas é bastante intrínseca a este tipo de turismo, a busca por conhecimento. Esta define o visitante como um indivíduo que possui considerável grau de escolaridade, conseqüentemente um poder aquisitivo razoável que o coloca mais suscetível à estas

formas de viagens. Percebe-se este perfil nas falas dos visitantes Antônio Costa e Flávio Abner,

Eu sou da região do Sul de Minas, Alfenas, 930 quilômetros até Sagarana de onde partimos. Sou servidor público federal trabalho, na Justiça do Trabalho, primeira vara federal de Alfenas, há 23 anos. Ainda, Em especial foi devido ao roteiro, né, que foi traçado para passar por alguns lugares na travessia, nesse caminho do sertão. (Informação verbal. Entrevista realizada em 10 de julho de 2016, em um hotel na Chapada Gaúcha-MG)

Eh, eu sou professor de literatura e me interessa demais a produção literária de Guimarães Rosa, especial, faço doutorado em Guimarães Rosa e o motivo inicialmente foi a literatura, mas também porque como ele também ambienta a obra literária que é ficcional em um espaço realista, ele ressignificou todo esse espaço. (Informação verbal. Entrevista realizada em 09 de julho de 2016, durante o evento Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas na Chapada Gaúcha-MG)

O primeiro informante aparentemente não desenvolve nenhuma atividade ligada ao estudo ou pesquisa sobre a literatura de Guimarães Rosa, fazendo-nos acreditar que o motivo central de sua viagem seria uma grande admiração pelo escritor e pela sua narrativa, como mostra em seguida,

É... Eu amo Guimarães Rosa, a minha menina, minha filha, me abriu, descobriu este Caminho do Sertão e ela é apaixonada também por Guimarães Rosa e me contou. Eu não sabia da existência do Caminho, né. Nós fizemos a inscrição para fazer essa travessia do sertão. Ela fez também, mas não foi selecionada infelizmente. A minha esposa também não foi. (Informação verbal. Entrevista realizada em 10 de julho de 2016, em um hotel na Chapada Gaúcha-MG)

Os laços do informante com a obra são de caráter emocional, envolve outros membros da família e o entrevistado se mostrou com pesar por não poder fazer a travessia juntamente com sua filha e esposas. Pois, ambas não foram selecionadas para participar do Caminho do Sertão. A travessia, enquanto uma atividade rara ou da realização de um sonho que não se pode mais esperar sobrepõe a convivência familiar em um evento de lazer apenas.

O segundo informante é estudioso e pesquisador da obra de Rosa e demonstra vínculos mais objetivos em relação ao autor. Demonstra emoção e bastante curiosidade em conhecer os mesmos caminhos percorridos por personagens como Riobaldo, ou de outro morador de qualquer uma das margens do rio São Francisco. O informante demonstra ansiedade em querer conhecer o sertão, tal qual descrito por Rosa,

Sim como diz, vim pra cá já conhecendo bem o autor, mas sem dúvida eu vim buscar conhecer mais intensamente aquilo que a literatura começou a proporcionar, mas sem dúvida um contato pessoal com todo esse universo que não só de linguagem, cores e sons, de textura a gente pode pegar aqui.

Ressignificando as coisas que você pensava da obra, voltando pra casa, vou com certeza reler essas obras de outra maneira. Vai ver um impacto direto da minha pesquisa enquanto estudioso da obra do Rosa, mas também na minha visão de mundo. Muitas reflexões, muitas coisas surgiram disso tudo e aí minha relação nessa questão do espaço, sem dúvida nenhuma há uma questão muito grande de reflexões que foram geradas nesses dias que a gente ficou por aqui, nesses 10 dias de caminhada e de contato com comunidades, tanto pra ressignificar a obra de Rosa como pra repensar os valores de vida mesmo. (Informação verbal. Entrevista realizada em 09 de julho de 2016, durante o evento Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas na Chapada Gaúcha-MG)

Entre todas as atividades desenvolvidas no Mosaico, o Caminho do Sertão pode ser a que mais possibilita a interação entre o visitante e o próprio lugar. Os motivos que os levam até lá são incessantes, mas claramente pode-se perceber um grande envolvimento emocional por parte dos visitantes com o lugar, que anteriormente havia sido apenas lido. Ao visitá-lo, são desencadeados novos sentimentos e criam-se novas ansiedades. O Caminho é travessia e proporciona reflexão e autoconhecimento, segundo o próprio participante Antônio Costa,

Não tem como fugir desse aí, porque nós saímos de manhã, 70 caminhantes mais os organizadores, mais os guias, cada saída é um portazinho. Você tinha que passar por dentro do portal. A partir desse momento, a gente tinha que ficar uma hora de silêncio, com o sol começando a surgir, quanto mais cedo você sair, melhor para você mesmo. Você caminha mais fresco, né. Então a gente ficava uma hora caminhando em silêncio. Aquele momento ali era um momento mágico, um momento só seu né. Só seu! A natureza te despertando, acordando, o sol surgindo e você também parece que vai surgindo também. E vai se renovando aí. Então um novo dia é um novo eu. (Informação verbal. Entrevista realizada em 10 de julho de 2016, em um hotel na Chapada Gaúcha-MG)

Constata-se que no sertão a presença das coisas e dos seres acontece de forma sutil e quase despercebida, mas no final cria-se consciência do lugar e da aventura que é estar ali. Em Rosa, notamos,

Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso? (ROSA, Guimarães, 2006, pg.35)

A palavra “travessia” quase que se ouve como um mote nas falas dos participantes do Caminho do Sertão. É amplamente percebida no romance e torna-se de certa forma a representação mais condensada da apropriação de *Grande Sertão: Veredas* pelo turismo. Ao longo da curta vivência que tive com os peregrinos do Caminho, permitiram-me intensidade em relação as suas narrativas e da presentificação do livro naquele cenário,

naquele evento do Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas, que finalizava a caminhada de sete dias pelo sertão de Guimarães Rosa. Tornou-se evidente, a busca pelo conhecimento, dos livros e e dos causos contados durante o percurso. Todavia, evidenciase também a exponenciação do universo do escritor, demonstrando ritos, vínculos emotivos, formas peculiares de ver o mundo. Pode-se constatar na fala da visitante Diana Loreto, participante do Caminho e pesquisadora sobre o sertão,

... a questão da conexão do Caminho com o livro Grande Sertão: Veredas. Foi um livro muito importante na minha vida. Eh, tenho uma tatuagem sobre o Grande Sertão, o mapa do sertão, né. E o Diadorim foi uma personagem muito central, assim, algumas questões da minha própria vida. Então eu tinha um carinho muito grande pelo livro, né. (Informação verbal. Entrevista realizada em 09 de julho de 2016, durante o evento Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas na Chapada Gaúcha-MG)

As narrativas, os lugares de memória ou mesmo as imagens como instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições (DELGADO, 2003) são pilares na aquisição do status do **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu** enquanto destino turístico literário. Os sentimentos de pertencimento, nostalgia, admiração e de introspecção podem ser percebidos nos relatos que a história oral, enquanto metodologia e propiciadora de análises do objeto apresentado, nos permite apreender as experiências dos moradores, visitantes e gestores, como as próprias experiências que seriam possível de ser vividas em qualquer outro destino turístico literário.

Especificamente, em *Grande Sertão: Veredas*, a singularidade e a simplicidade da experiência humana estão presentes na estruturação da obra e na configuração do Mosaico enquanto um lugar literário. A aproximação do real/ social com o fictício é sempre possível e é a todo momento ressignificada por aqueles que o constituem. Percebe-se que a contribuição resultante do uso da literatura de Rosa como estratégia de potencialização do fluxo turístico e de valorização das culturas locais pode ir além daquilo que a definição de turismo literário consegue dar conta. A leitura da obra em si já é nomeadamente uma experiência humana, e sempre disposta a gerar novas experiências que impactam a vida social das pessoas. Para Barroso (2013),

A literatura transforma em algo novo o já existente. As novas maneiras elaboradas para se ver e ouvir estão intimamente ligadas às realidades sociais por ela configuradas. O ritmo, o barulho e o tempo das cidades grandes estimulam paisagens capazes de refletirem as perspectivas do homem urbano. Portanto, isso nos faz crer na relevância do elemento social para a constituição do texto literário. Isso pode fazer da obra de arte literária, também, uma forma

solidificada de experiência social, porém, a essa solidez não deve estar imputada a ideia de paralisia, pois a produção material humana enriquece de experiência a expressão artística literária do homem. (BARROSO, 2013, pg.488)

As representações da obra, a percepção de um imaginário entorno do universo roseano, o constante ressignificar destes elementos corroboram de fato para o reconhecimento e para a valorização da cultura local sertaneja. É bastante perceptível a aplicação da definição de turismo literário da forma como exposta por Magadán e Rivas (2012), “o turismo literário (...) se desenvolve em lugares relacionados com os acontecimentos dos textos de ficção e com a vida dos autores”. Talvez ambos não puderam prever a dimensão ontológica que esta modalidade de turismo poderia oferecer a aqueles que nela vivem, principalmente tratando-se de um escritor que “escreve para se ouvir” (WARD, 1984 *apud* BOLLE, 2002, pg. 356),

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo nos tempos de hoje tem se mostrado multifacetado e direcionado às transformações pertinentes com as mudanças globais e com o seu próprio caráter

transdisciplinar. O viés econômico e exploratório demonstra dar espaço às práticas mais humanistas e reverentes com as comunidades onde as atividades turísticas são desenvolvidas. Cabe, ainda, vigorosa reflexão acerca de sua complexidade e de formas de como torná-lo cada vez mais inclusivo, justo e essencial para a valorização, tanto dos patrimônios quanto das comunidades que os guardam.

É importante mencionar que a atual condição do turismo, visto como uma prática de lazer e um campo de conhecimento, demanda um esforço maior em compreender as muitas categorias que o compõem. Neste trabalho, é notório a presença do imaginário, não apenas como um dispositivo de atratividade turística, mas também como fator estruturante das práxis do turismo. Sabe-se que “o mundo imaginal é constituído por meio de um conjunto de imagens, imaginações e símbolos que constroem a vida social “ (MOESCH, 2002, pg. 46), e que as expectativas dos viajantes são construídas por instigações publicitárias e da própria imaginação, fruto do contexto social em que estão inseridos. Quando se observa a perspectiva do visitado, depreende-se que aos serem estimulados por ações de apropriação e ressignificação da obra de Guimarães Rosa, os moradores do **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu** utilizam a imaginação e tomam todo o imaginário perceptível para erguerem a sua vida social. Conjunturalmente, não se percebe onde a ficção literária e a realidade social se encontram ou deixam de se interagir. Ambas são matérias consistentes no imaginário social das pessoas que alicerçam o Mosaico enquanto destino turístico literário.

Entusiasmadamente, constata-se como o autor da obra referenciada para a atratividade turística do lugar torna-se parte do imaginário e até mesmo da ressignificação de um passado não muito distante. A suposta andança de Guimarães Rosa pela região faz manifestar um tempo presente de uma nova realidade, mas ainda, carregado de memórias, saudosismo e de aceitação dos costumes e tradições sertanejas. O vínculo que a obra proporciona entre o autor e seu público leitor parece ser clara, e este é indispensável para dar realidade à obra (CANDIDO, 2011, pg. 48). Mas seria este o mesmo vínculo estabelecido entre o público e o autor, que ora e outra transfiguram-se em personagens da obra? Para o visitante, na conformação do lugar turístico literário, o autor passa a ocupar a mesma linha de frente que os moradores do lugar. Curiosamente, para o morador do **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu**, Guimarães Rosa supostamente avança de sua condição de narrador do espaço sertanejo para servir de guia de suas próprias formas de estar no mundo. Em certa profundidade, o autor passa a pertencer ao patrimônio cultural

local da mesma forma que está presente no imaginário dos visitantes, dos moradores e dos leitores.

O visitante que habita o leitor ou o leitor que habita o visitante são capazes de interpretar o imaginário e contribuir para que este imaginário faça parte de um cenário real e que ao mesmo tempo seja compartilhado com outros viajantes e/ou leitores ávidos para, também, fazerem parte desta mobilidade: quer seja pela viagem, quer seja pela leitura.

Simões (2009) diz que o visitante já participa das ressignificações de um lugar mesmo antes de viajar até lá, apenas através da leitura. Estamos sempre em busca de novos territórios, cumprindo o dever de sairmos de nosso espaço mais amplo, indo em direção dos lugares mais restritos, das culturas mais peculiares, dos locais mais impróprios, talvez saídos das páginas de um livro.

O turismo literário, na perspectiva cultural da contemporaneidade, possibilita estas mobilidades. Ressignifica tradições, negocia com a história dos lugares, cessa a nostalgia e alimenta a avidez dos homens por conhecimento. Os lugares literários, por sua vez, homenageiam aqueles que antes os imortalizaram no ato da escrita. Erguem-se monumentos, museus, bibliotecas, roteiros, festivais, enfim, edifica-se um novo lugar, no real e na ficção. Amplifica-se o imaginário. Constrói-se socialmente um destino literário (HERBERT, 2001). Este destino possibilitará disseminar, através do imaginário, novos valores (BACZKO, 1985) para aqueles que compõem a obra literária e que são personificados nos moradores do destino visitado.

No **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu**, esta personificação é latente, na fala dos moradores, em seus costumes e tradições, nas ações e políticas de turismo e de preservação do patrimônio ali praticadas. As representações do romance *Grande Sertão: Veredas* e da cultura sertaneja são as próprias presentificações (PESAVENTO, 2006), promovendo a aproximação necessária entre visitantes e visitados. O imaginário presente é forte e contagiante e quase faz com que os olhares forasteiros presenciem toda a densidade histórica mencionada no livro e façam interagir com o mesmo sertão, tal qual descrito por Rosa. “O sertão está em toda parte” (ROSA, 2006). Quiçá é esta a obviedade que tanto buscam, o gestor, o morador e o visitante. Não está muito claro se o imaginário entorno do romance e do lugar, as representações ou a própria historicidade é o que colocam os três em sintonia; ou se é apenas a busca pelo óbvio.

A obviedade está na simplicidade do jeito sertanejo, na singularidade do lugar, conforme explicita Antônio Costa:

Fiquei encantado com o povo, o povo é de uma simplicidade, é de um acolhimento. Você chega, você toca neles. Você fala – Tá quente hoje, né – é o tradicional início de conversa, segundos depois você sabe tudo da vida deles, né. Assim, maravilhosa! Natureza, nesses caminhos aí você encontra essas árvores, buritis enormes, tanta arara encima, é tanta coisa, é um Mosaico, é uma coisa é a diversidade a cada hora você se espanta com uma coisa. Você atravessando reinos, pisando na água sem ter outro jeito, sem ter pinguela, não ter nada. É uma maravilha, realmente não sei te especificar alguma coisa assim. Cara, é isto, é um todo, é uma coisa fantástica.. (Informação Verbal. Entrevista realizada em 12 de julho de 2016, em um hotel na Chapada Gaúcha-MG)

O óbvio talvez seja aquilo que perdemos todos os dias. O sertão é refúgio. “Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte que o poder do lugar” (ROSA, 2006).

No contexto de ressignificar o que diariamente deixamos ir, de encontrarmos subterfugio, o turismo desempenha papel crucial. O turismo contemporâneo vai além de períodos de férias, do distanciamento dos locais de trabalho e de moradia, como informa Krippendorf (2003). O turismo tem base cultural, é complexo e promove interculturalidade (MOESCH, 2002). O turismo que se insere em nossa busca é participativo, traz mudanças sociais, beneficia os territórios e as identidades (CORIOLANO, 2012).

A visão que se pôde conceber do **Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu** enquanto destino turístico é de um lugar que se encontra no limiar da prática turística, do ainda do porvir e que de certa forma se mantém incondicionado à atividade de um turismo exploratório. Tal resistência encontra-se claramente na valorização do patrimônio cultural exposta durante o Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas. O patrimônio é também legitimado pela realização do Caminho do Sertão cujos participantes encontraram no Encontro dos Povos o auge de suas buscas, mas que não se findariam ali. Parte delas reflete extrema dedicação à aquisição de conhecimento sobre o universo de Guimarães Rosa, outra parte é apenas um simples momento de introspecção, bastante comum em outras práticas de caminhadas e peregrinações ao redor do mundo.

O turismo na localidade da Chapada Gaúcha é bastante incipiente. Traz, talvez nesta condição, uma de suas atratividades, que aliadas à ressignificação da obra de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, faz do lugar um espectro do turismo cultural de base comunitária, tal qual praticado em outras comunidades rurais em nosso país. A

grande diferença é que a literatura de Rosa soma, para de fato dar ao destino características singulares entre todos os destinos turísticos de que já ouvimos falar. A apropriação do universo de Rosa para este fim desperta paixões e aprofunda sentimentos de busca, que mais vale buscar do que encontrar. A rusticidade da viagem é clara, tão clara quanto é a consciência dos moradores locais em relação ao ato de acolher quem é de fora e de demonstrar aquilo que lhes pertencem e que fazem deles o que são; sertanejos e quiçá personagens de um romance escrito por um outro viajante, nato, profundo e fabuloso.

Dentro do turismo é pertinente a discussão sobre o turismo convencional, que é aquele exploratório e que é danifica as perspectivas das comunidades onde estão sendo praticadas as atividades turísticas. Em contrapartida, discute-se também sobre um turismo inovador, criativo e que proporciona a valorização dos saberes locais, propondo novas formas de vida mais justa das populações. Neste contexto, a literatura incorre sobre o risco de se desfazer de seu valor estético, mas que, quase de forma involuntária, torna-se um recurso da atividade turística. Ela dificilmente irá se desvincular do caráter exploratório que o turismo possui, mas que assume a função de proporcionar um desenvolvimento igualitário para as populações, principalmente no turismo de base comunitária. Assim, enseja-se novas questões, como por exemplo, o real valor da literatura dentro deste contexto de ressignificação. Quando se usa a definição de turismo literário na região do Mosaico onde Guimarães Rosa torna-se atrativo turístico e recurso para ações de desenvolvimento social, pode-se perceber uma aliança dessas ações. Porém, ao se deparar fisicamente com o lugar, é indubitável a dificuldade de se enxergar o sertão, tal qual descrito na obra literária, causando impacto no momento de contato. Apenas quando a proximidade com os visitantes, visitados e gestores ocorre é que se inicia uma inserção no imaginário que está sobreposto ali. Cabe questionar se é isso o bastante para tornar o lugar um destino literário, como proposto pela sua própria definição. O imaginário converte-se em mecanismo fundamental dentro do processo de ressignificação.

O papel do morador neste processo tem muito a contribuir. Com efeito, a população habitualmente não disponibiliza de acesso ao romance, como exposto por um dos informantes nesta pesquisa. O morador não possui qualquer habilidade literária que o credencie ao imaginário vivido no Mosaico. Porém, ele é involuntariamente tomado pelas ações dos gestores e forasteiros que vieram construir socialmente este ambiente.

Quiçá pode-se indagar se é desta forma que realmente se define o turismo literário. Talvez pode ser assim que ocorre em outros destinos de literatura. Porventura é isso que acontece em Sintra, Portugal, em Ilhéus na Bahia, ou em Londres e Dublin.

ANEXOS

ANEXO 1

Edital “Viagem pelo Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu: reconhecimento dos roteiros turísticos pelas comunidades de base”

O Instituto Rosa e Sertão, de Chapada Gaúcha, Minas Gerais, e a ONG Casa Comum, com sede em Carrancas/MG, convidam para a “Viagem pelo Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu: reconhecimento dos roteiros turísticos pelas comunidades de base”, a ser realizada entre os dias 10 e 23 de novembro de 2015.

A ação “Viagem pelo Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu: reconhecimento dos roteiros turísticos pelas comunidades de base” é uma proposta de viagens pelo Mosaico e suas belezas que serão realizadas por pessoas vinculadas ao turismo comunitário nos municípios integrantes do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu (MSVP).

O convite é para uma experiência de viagem realizada e ofertada pelas comunidades de base do Projeto Turismo Ecocultural no MSVP, financiado pelo Fundo Socioambiental da Caixa e executado pelo Instituto Rosa e Sertão.

Essa chamada pública é dirigida a todas as comunidades do Mosaico, em especial aos atores comunitários que estão envolvidos com a construção do turismo no território. É um convite para que todos possam vivenciar os roteiros turísticos do MSVP!

Serão realizados dois roteiros de viagem: “Do Grande Sertão ao Peruaçu”, com saída em 10/11/2015 e retorno em 16/11/2015, e “Do Peruaçu ao Grande Sertão”, entre 17/11/2015 e 23/11/2015.

É uma oportunidade única para experimentar os passeios de ecoturismo no Mosaico, conhecer os atrativos, participar de vivências culturais e, principalmente, conhecer de perto como outras comunidades recebem visitantes e enfrentam os desafios de organização do turismo. Serão promovidos diálogos e articulações com o objetivo de união de esforços entre as comunidades que ofertam o turismo comunitário, de modo a fortalecer os laços de identidade entre os atores comunitários com a unidade territorial do produto turístico do MSVP!

Roteiros das Viagens

As viagens serão realizadas de acordo com os roteiros resumidos descritos a seguir:

Roteiro “Do Grande Sertão ao Peruaçu”

Saída no dia 10/11 e retorno no dia 17/11

1º dia: 10/11- Saída do distrito de Serra das Araras/Arinos. Deslocamento para Itacarambi, com parada para banho e almoço no Refúgio da Vida Silvestre do Rio Pandeiros. Deslocamento para Fabião I. Recepção na comunidade e pernoite.

2º dia: 11/11- Visita ao Roteiro Janelão no Parque Nacional Cavernas do Peruaçu. Almoço em Fabião II. Pernoite e vivência cultural em Fabião II.

3º dia 12/11- Deslocamento para Itacarambi e roteiro do Rio São Francisco. Almoço em Itacarambi e deslocamento para São João das Missões. Recepção e pernoite na Terra Indígena (TI) Xacriabá.

4º dia 13/11- Roteiro local na TI Xacriabá. Vivências e noite cultural. Pernoite na TI.

5º dia 14/11- Deslocamento para comunidade de Candeal, em Cônego Marinho, vivência com artesãs. Deslocamento para Brejo do Amparo/Januária. Roteiro local. Deslocamento e pernoite em Januária.

6º dia 15/11- Evento de fechamento: “Girando a roda: viagem, reconhecimento e trocas no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu”. Januária.

7º dia 16/11- Realização de evento. Retorno para Serra das Araras, após almoço.

Roteiro “Do Peruaçu ao Grande Sertão”

Saída no dia 17/11 e retorno dia 23/11

1º dia: 17/11- Partida desde Januária. Chegada a São João das Missões. Deslocamento para TI Xacriabá. Roteiro local. Vivências culturais. Pernoite na aldeia.

2º dia: 18/11- Partida rumo a Chapada Gaúcha. Almoço Comunidade Palmeirinha.

Deslocamento Chapada Gaúcha. Jantar e noite cultural Ponto de Cultura Seu Duchim

3º dia 19/11- Visita ao Parque Nacional Grande Sertão Veredas. Pernoite em Chapada Gaúcha.

4º dia 20/11- Travessia Buracos-Buraquinhos. Recepção na comunidade de Buraquinhos. Noite de festa. Pernoite em Buraquinhos.

5º dia 21/11- Deslocamento para Serra das Araras, vivência com artesãs. Deslocamento para Januária, com parada na Refúgio da Vida Silvestre do Rio Pandeiros. Pernoite em Januária.

6º dia 22/11- Evento de fechamento: “Girando a roda: viagem, reconhecimento e trocas no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu”. Januária.

7º dia 23/11- Realização de evento. Almoço e city tour em Januária.

O Instituto Rosa e Sertão reserva-se o direito de realizar alterações nos roteiros, em função de ajustes com os prestadores de serviços envolvidos na recepção dos grupos.

Número de Vagas

Serão selecionadas 15 pessoas por roteiro, totalizando 30 viajantes.

Público-alvo

Prestadores de serviços turísticos no território do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu que ofereçam serviços de hospedagem, alimentação, vivências ecoculturais e comunitárias.

Guias e condutores de turismo que trabalhem no MSVP.

Operadores de turismo da região do MSVP

Gestores públicos, mobilizadores sociais e demais envolvidos em ações relacionadas ao desenvolvimento do turismo na região.

Participantes de uma ou mais ações desenvolvidas pelo Projeto Turismo Ecocultural de Base Comunitária do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu.

Despesas de viagem

Todas as despesas de viagem (alimentação, hospedagem, transporte, guia de turismo, passeios e vivências) serão custeadas pelo Instituto Rosa e Sertão.

Inscrições

Os interessados devem se inscrever até o dia 02/11/2015, preenchendo a ficha em anexo e encaminhando-a para o seguinte email: rosaesertao@gmail.com, com cópia para juliafcastro@gmail.com.

O interessado deve se inscrever para o roteiro mais distante do local onde mora e onde atua com turismo, de modo que:

- Os interessados que residem no Núcleo Peruaçu (Itacarambi, Januária, São João das Missões, Manga) devem se inscrever para o roteiro “Do Peruaçu ao Grande Sertão”.
- Os interessados que residem no Núcleo Grande Sertão (Chapada Gaúcha, Formoso, Arinos, Urucuia e Cocos-BA) devem se inscrever para o roteiro “Do Grande Sertão ao Peruaçu”.
- Os interessados que residam no Núcleo Pandeiros (Bonito de Minas, Cônego Marinho) poderão se inscrever para ambos os roteiros, escolhendo apenas 1 deles para a inscrição.

Seleção dos Participantes

Os participantes serão selecionados pela coordenação da ação: Instituto Rosa e Sertão e Casa Comum. Para a seleção, serão levados em consideração os seguintes critérios:

1- Atuação na cadeia produtiva do turismo no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu como:

- Prestador de serviços de hospedagem (hotel, pousada, hospedagem familiar, camping, etc), alimentação (refeições, lanches, doces, cafés, etc)
- Prestador de serviços de condução e guia de turismo (guia de turismo, condutor ambiental, condutor local, operador de receptivo turístico nos destinos do MSVP)
- Colaborador e proponente de projetos, políticas públicas e ações direcionadas ao turismo na região

2- Envolvimento com vivências culturais e atividades de experimentação de técnicas e saberes tradicionais formatadas e direcionadas a visitantes e turistas nos destinos do MSVP

3- Envolvimento com a organização de festejos populares e manifestações culturais que compõem a oferta turística na região

4- Atuação profissional em atividades ecoturísticas e de turismo cultural na região do MSVP

5- Participação em cursos e/ou ações realizados no âmbito do Projeto Turismo Ecocultural de Base Comunitária do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu

Condições de participação

Disponibilidade para participar de toda a viagem de acordo com programação proposta.

Caso exista alguma restrição de datas para participação na viagem, é preciso encaminhar justificativa por e-mail, juntamente com a ficha de inscrição. Não serão aceitas justificativas encaminhadas após a divulgação dos selecionados para as viagens. Nesse caso, o selecionado será substituído por outra pessoa da lista de excedentes.

Será dada preferência a candidatos que apresentarem disponibilidade integral para participar.

Casos excepcionais serão avaliados pela coordenação da ação.

As atividades serão programadas considerando as condições físicas e psicológicas dos participantes, diferenças de idade e outras possíveis particularidades, de modo que todo o grupo possa participar de todas as ações programadas.

Resultado da seleção

A lista com selecionados será divulgada até o dia 04 de novembro de 2015 no blog do Instituto Rosa e Sertão,

Dúvidas

Dúvidas e sugestões devem ser encaminhadas para os emails: rosaesertao@gmail.com e juliafcastro@gmail.com

Chapada Gaúcha, 26 de outubro de 2015.

Tereza de Jesus Silva dos Santos
Presidenta do Instituto Rosa e Sertão

Damiana Campos
Coordenadora Executiva do Instituto Rosa e Sertão

Ficha de Inscrição:

“Viagem pelo Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu: Reconhecimento dos Roteiros Turísticos pelas Comunidades de Base ”

Nome:

Data de Nascimento:

Cidade/Comunidade:

CPF/RG:

Telefone:

E-mail:

1) Viagem de interesse:

() Grande Sertão Veredas ao Peruaçu

() Peruaçu ao Grande Sertão Veredas

2) Já participou de algum curso do Projeto de Turismo de Base Comunitária do MSVP? Qual?

3) Qual é sua profissão? Trabalha com turismo? Tem interesse de trabalhar com turismo comunitário na região? Sim? Explique por quê?

Fonte: <http://rosaesertao.blogspot.com.br/2015/10/edital-viagem-pelo-mosaico-sertao.html>

ANEXO 2

I Seminário Territorial de Cultura e Turismo Ecocultural de Base Comunitária do Mosaico Sertão Veredas -Peruaçu

**Projeto Turismo Ecocultural no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu
Instituto Rosa e Sertão/FNMA/FSA CAIXA**

I Seminário Territorial de Cultura e Turismo Ecocultural de Base Comunitária/2014

25 de setembro

14h00 Abertura do Seminário: Boas vindas.

Ciclo de diálogos I: Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu: estratégia de gestão integrada

Convidados: Evandro (Presidente do Conselho do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu) e Cesar Victor do Espírito Santo (Fundação Pró-Natureza)

14h40 Apresentação dos trabalhos finais da turma do Curso Condutores Ambientais (Projeto Turismo Ecocultural de Base Comunitária no Mosaico – FNMA/FSA CAIXA)

Mediação: Radical Adventure e Instituto Rosa e Sertão

19h00 Ciclo de diálogos II: Territórios de Cultura: Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu e suas dimensões.

Convidados: Almir Paraca (Professor e pesquisador da obra de Guimarães Rosa) e Mestre João Damasceno (Historiador e mestre do Terno dos Temerosos).

Mediação: Ponto de Cultura Seu Duchim

20h00 *Encontros e poesia*

26 de setembro

8h30 Chegada com Terno dos Temerosos e exposição dos Pontos de Cultura do Norte de Minas Gerais.

9h00 Ciclo de diálogos III: Lei Cultura Viva: avanços e desafios na construção de uma política de cultura de base comunitária

Convidados: Pedro Domingues (SCDC/Ministério da Cultura) e Makely Ká (Núcleo Executivo do Plano Estadual de Cultura)

Mediação: Damiana Campos (Comissão Estadual de Pontos de Cultura/Rosa e Sertão).

11h00 Debate

12h00 Intervalo

14h00 Ciclo de diálogos IV “Rede de Encontros e Festivais de Cultura: Sertão, Gerais e Cerrado: proposta compartilhada”.

Convidados: Makely Ká (Cooperativa de Música de Minas Gerais); Jean Marconi (Slow Food Cerrado).

Debatedores: Instituto Rosa e Sertão, Circuito Urucuia Grande Sertão e Circuito Velho Chico.

16h00 Café com prosa

17h00 – Leitura da Carta de Encaminhamentos.

Encontros, música e poesia

Realização: Instituto Rosa e Sertão

Financiador: Fundo Socioambiental da Caixa

Parceria: Fundo Nacional do Meio Ambiente

Parceiros do projeto: Conselho do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu, Prefeituras municipais de: São João das Missões, Itacarambi, Cônego Marinho, Chapada Gaúcha, Cocos-BA, Formoso, Urucuia, Arinos, Manga e Bonito de Minas.

Apoiadores da ação: Prefeitura Municipal de Januária, SEBRAE, SESC LACES, WWF - Brasil, Fundação Pró-Natureza

Fonte: rosaesertao.blogspot.com.br/2014/09/i-seminario-territorial-de-cultura-e_23.html

ANEXO 3**Mapa dos Núcleos componentes do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu**

Gestores

Como nasceu o plano de desenvolvimento social através do turismo na região do Mosaico?

Qual a importância do romance Grande Sertão: Veredas para este plano?

Em sua opinião, a população local se vê como parte deste universo proposto por Guimarães Rosa em seu livro?

Os visitantes sempre procuram fazer esta associação do lugar com a obra de Rosa? Como?

Quais são os lugares dentro do Mosaico que mais simbolizam passagens da obra?

Deste a implementação do plano de reconhecimento, quais foram os maiores ganhos socioambientais/econômicos/ culturais por parte da população e para o turismo na região?

Visitante

Você já visitou alguma cidade ou vila localizada na região do Mosaico?

Qual o motivo da sua viagem?

Na sua opinião, qual é o maior patrimônio (riquezas naturais e culturais) desta região?

Você já participou de algum dos eventos culturais e socioambientais realizados na região? (i.g. Caminho do Sertão, Festival Sagarana, Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas, outros)

Você conhece a narrativa do romance Grande Sertão: Veredas?

Na sua visita à região do Mosaico, você reconheceu alguns dos elementos do romance no espaço proposto?

Em algum momento da sua visita você sentiu estar no cenário do enredo de um romance, da forma como lida ou veiculada pela mídia?

A sua visita ao Mosaico fez despertar interesse maior pela região, pelo romance ou pelo autor da obra?

Visitados

O que é o Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu?

O que te faz ser sertanejo?

Quais são as riquezas naturais e culturais (patrimônio) da região do sertão?

Você já participou de alguma das atividades promovidas pelo Instituto Rosa e Sertão, Crescertão, Funatura ou outra instituição?

Você conhece o livro Grande Sertão: Veredas?

Caso sim, você considera o que está escrito no romance Grande Sertão: Veredas parecido com a região do sertão em que você vive? OU

Se não, o que você acha que Guimarães Rosa escreveu em seu livro sobre o Sertão?

Por que você acha que as pessoas de fora têm interesse em vir conhecer o Sertão?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3ª Ed., Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001
- BARRETTO, M. **Cultura e Turismo: discussões contemporâneas**. Campinas: Papyrus, 2007.
- BARROSO, E.P. **História e Literatura: Um percurso metodológico no estudo da cidade**. In: Revista Intercâmbio dos Congressos de Humanidades, UnB, n.16, p. 471-494, outubro, 2013.
- BOLLE, W. **Representação do povo e invenção de linguagem em Grande Sertão: Veredas**. In: Scripta, Belo Horizonte, v.5, n.10, p.352-366, 2002.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 15ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BOURDIEU, P. **Os três estados do capital cultural**. In: Escritos de Educação. Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (Orgs.). Petrópolis: Vozes, 1998, 251 p.
- BACZKO, B. **A imaginação social**. In: Leach, Edmund et Alii. Anthropos-Homem. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BRUSADIN, L. B. **A dinâmica do patrimônio cultural no turismo dentre o processo híbrido de memória e identidade da cultura social**. In: Revista de Cultura e Turismo, UESC, Ano 9, n.3, p. 64-85, outubro, 2015
- CABRAL, L. O. **Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica**. In: Revista de Ciências Humanas, Florianópolis: EDUFSC, v. 41, n. 1 e 2, p. 141-155, abril - outubro, 2007.
- CAMARGO, P.; CRUZ, G. (Orgs.). **Turismo cultural: estratégias, sustentabilidade e tendências**. Ilhéus: Editus, 2009.
- CANCLINI, N. G. **La sociedad sin Relato: antropología y estética de la inminencia**. Madrid: Katz Editores, 2010.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CAPDEPÓN, F.P. **El paisaje literário y su relación com el turismo cultural**. In Cuadernos de Turismo, n.33, p.297-309, Murcia, Espanha, 2014.
- CARVALHO, C.M.; GUIMARÃES, L.M.; ZANDOMÊNICO, R.R. **Entre *Kultur* e *Civilization*: uma análise da formação do conceito na transição do feudalismo para o capitalismo, a partir dos textos de Norbert Elias**. In: Revista História em Curso, Belo Horizonte, v.3, n.3, 1º sem., p.34-48, 2013.
- CARVALHO, I. C. R. **Turismo literário e redes de negócios: passear em Sintra com os *Maias***. Dissertação (mestrado). Universidade de Aveiro. Aveiro, 2009.
- CELLARD, A. **A análise documental**. In: A pesquisa qualitativa – Enfoques epistemológicos e metodológicos. 3ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CORIOLOANO, Luzia Neide Menezes Teixeira; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. **Repensando o turismo comunitário e solidário**. In: Anais do X Seminário Internacional de Turismo, p. 01-21. Curitiba: UNICENP, 2008.

CUNHA LACERDA, Patrícia F. Amaral da. **A relação entre turismo e literatura: um processo de construção dos espaços turísticos brasileiros**. Estação Científica (FESJF, online), v. n.2, 2006.

DANNA, M. F.; MATOS, M^a. A. **Aprendendo a observar**. 2^a Ed. São Paulo: Edcon, 2006.

DELGADO, L.A.N. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. História Oral, n.6, 2003, p. 9-25.

DIAS, R. **Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades**. São Paulo: Saraiva, 2006.

ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes (vol. 1)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1990.

ESPÍRITO SANTO, C. V.; MOSCOVO, M. C (Orgs). **Estrada-Parque Guimarães Rosa: Proposta de Reconhecimento Oficial – uma via em benefício do turismo ecocultural e do fortalecimento da identidade territorial do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu**. Brasília: Funatura/ISPN/União Europeia, 2012.

FERRARA, L. D. **O Mundo como imagem à imagem do mundo**. In: Maria Adélia de Souza. (Org.). Território Globalizado e Fragmentação. 1^a Ed. São Paulo: Hucitec Anpur, 1994, vol 1, p. 45-50.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8^a Ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3^a Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1^a Ed., Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GAASTAL, S.; CASTROGIOVANNI, A.C.(Orgs.). **Turismo na pós-modernidade (des)inquietações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

GONZÁLES, P. B. **Colombiando em el realismo mágico**. Dissertação. Universidad de Chile, 2008, 84 p.

HAESBAERT, R. **Concepções de território para entender a desterritorialização. In: Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3^a Ed., Coleção Espaço, território e paisagem, p.43-70, DP&A Editora, 2007.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11^a Ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. (Org.). **Representation: cultural representations and signifying practices – culture, media and identities**. The Open University, 2001.

HENDRIX, H. **The early modern invention of literary tourism**. In: Writer's houses and the making of memory. Londres: Routledge, 2007.

- HERBERT, David. **Literary places, tourism and th heritage experience**. In: Annual of Tourism Research, v. 28, n. 2, p. 312-333, 2001.
- HOPPEN, A. **Literary places and tourism: a study of visitor's motivations at the Daphne Du Maurier Festival of Arts and Literature**. Dissertação (mestrado) – Bournemouth University. Bournemouth, 2011/2012.
- ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário. Perspectivas de uma antropologia literária**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.
- KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Aleph, 2000.
- KUPER, A. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- LIMA, C. **Turismo Cultural: que formação?** In: Turismo na Pós-Modernidade (des)inquietações. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- MACCANNELL, D. **The tourist: a new theory of the leisure class**. New York: Schocken Books, 1976.
- MAGADÁN DIAZ, M. e RIVAS GARCIA, J. **Turismo Literario**. Espanha: Septem Ediciones, 2012.
- MAKOWIECKY, S. **Representação: a palavra, a ideia, a coisa**. Cad. de Pesq. Interdisc. Em Ci-s. Hum-s., n.57, pp.1-25, Florianópolis, 2003.
- MARANDOLA JR., E. **Identidade e autenticidade dos lugares: o pensamento de Heidegger em *Place and Placelessness*, de Edward Relph**. In: XVI Encontro Nacional de Geógrafos – ENG, 16, 2010, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: AGB, 2010.
- MARANDOLA JR., E.; GRATÃO, L. H. B. (Orgs.). **Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Eduel, 2010.
- MATOS, H. **Capital social e comunicação: interfaces e articulações**. São Paulo: Summus, 2009.
- MENEZES, J. S. **Quarteirão Jorge Amado – Literatura, Cultura e Turismo Sustentável na cidade de Ilhéus, BA**. In: Anais do II Cultur, Ilhéus: UESC, 2008.
- MOESCH, M. M. **A produção do saber turístico**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- MOLINA, S. **Conceptualización del turismo**. 3ª Ed. México D.F.: Noriega Editores, 2000.
- MONTEIRO, C. A. F. **O espaço iluminado no tempo volteador (Grande sertão: veredas)**. Estudos Avançados (USP), v.20, n.58, p.47-64, 2006.
- ORTIZ, R. **Cultural brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- PELINSER, A. T.; ARENDT, J. C. **Liso do Sussuarão: a região relatada e praticada**. *Nonada* Letras em Revista. Porto Alegre, 2010, ano 13, n.14, p.147 - 162.
- PESAVENTO, S. J. **Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário**. Rev. Bras. de História, v.15, n.29, pp.9-27, 1995.

- PESAVENTO, S. J. **Cultura e Representações, uma trajetória**. In: Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.45-58, jan/dez, 2006.
- POLLAK, M. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- RELPH, E. **Places and Placelessness**. Londres: Pion, 1980.
- RIBEIRO, R. F. **Sertão, lugar desertado – o cerrado na cultura de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- RICHARDS, G. **Cultural Tourism: global and local perspectives**. New York: Routledge, 2007.
- ROSA, G. **Grande Sertão: Veredas**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- SANTOS, Milton; SOUZA, Mª Adélia A.; SILVEIRA, Mª Laura (Orgs.). **Território – globalização e fragmentação**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1994.
- SILVA, M. A., **Trinta e três anos de guerra: Malvinas e o embate entre intelectuais, veteranos, familiares de caídos e narrativas fílmicas no campo da construção de memórias (1982-2015)**. Tese. Brasília: UnB, Instituto de Ciências Humanas, 2016, 348 p.
- SIMIONATO, D. M. **The many journeys in Jane Austen's *Persuasion*: social, geographical and emotional crossings**. Dissertação. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2016, 141 p.
- SIMÕES, Mª. L. N. **Identidade cultural e turismo: a literatura como agenciadora de trânsito**. In: Turismo cultural – estratégias, sustentabilidade e tendências. Ilhéus: Editus, 2009.
- SIMÕES, Mª. L. N. **Do leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado**. In: Revista Brasileira de Literatura Comparada. Belo Horizonte: n.6, p.177-184, 2002.
- STEINBERGER, Marília (Org.). **Território, ambiente e políticas públicas espaciais**. Brasília: Ed. Paralelo 15 e LGE Editora, 2006.
- TRINDADE, R. **Circuitos turísticos mineiros: descentralização, autonomia e gestão em relação ao turismo com base local (finais dos anos 90 – tempo presente)**. Dissertação (mestrado). Universidade de Brasília. Brasília, 2009.
- Turismo Cultural: orientações básicas**. Ministério do Turismo. 3ª Ed, Brasília, 2010.
- URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.
- VIGGIANO, A. **Itinerário de Riobaldo Tatarana**. Ed. Comunicação / MEC, Brasília, 1974.
- WANG, N. **Rethinking authenticity in tourism experience**. In: Annals of Tourism Research, v.26, n.2, p.349-370, 1999.

YÚDICE, George. **A conveniência da cultura: usos da cultura na era global**. 2ª Ed. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

ZAOUAL, H. **Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições?** In: Caderno Virtual de Turismo, v.8, n.2, 2008.